



Bookmarks

Sedução IRRESISTÍVEL

CARLY PHILLIPS

Autora bestseller do *The New York Times*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CARLY PHILLIPS

Sedução
IRRESISTIVEL

Tradução:
Wélida Muniz

1ª edição
2023

Bookmarks

Título Original: *More than sexy*
Copyright © 2019 por Carly Phillips
Copyright da tradução © 2023 por Editora Bookmarks

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução: Wélida Muniz
Copidesque: Clarissa Growoski
Edição: Luizyana Bueno
Diagramação digital: Andréia Barboza
Capa: Rebecca Barboza

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Bookmarks.

Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972
contato@editorabookmarks.com
facebook.com/editorabookmarks
instagram.com/editorabookmarks
twitter.com/editorabookmark

Sinopse

Jason Dare e Faith Lancaster se encontram em uma situação simples e inesperada. E, apesar de uma química quase que instantânea, nenhum dos dois está preparado para relacionamento.

Jason é sócio em uma das boates mais badaladas de Nova York. Dedicado a seus amigos e familiares, é cuidadoso e extremamente protetor. Faith é dona de uma loja de doces, mas doçura é algo que parece estar faltando em sua vida.

Ele é um homem marcado por traumas e perdas. Ela, uma mulher solitária e em perigo.

Será que esse encontro é a chance de eles se abrirem para o amor e voltarem a confiar em alguém novamente?

Capítulo um

O *HAPPY HOUR* estava a todo vapor enquanto Jason Dare observava, do mezanino sobre o bar, o seu domínio: uma casa noturna em Tribeca chamada Club TEN29 – uma ode ao passado e um lembrete de que o futuro nem sempre era garantido. Apesar de os dois sócios estarem ali, assim como alguns membros da sua família, ele ainda se sentia muito sozinho.

Embora a solidão fosse uma condição que escolheu por razões que apenas ele e os sócios – que considerava irmãos – entendiam, às vezes não era fácil. Ainda mais depois que o lugar começou a ter muito movimento. Como proprietários, a fama na região estava aumentando e receberam uma atenção extremamente positiva da imprensa, o que fazia do lugar um alvo para aqueles que queriam se encontrar com alguém da alta sociedade. Para caçadoras de fortuna, a Club TEN29 era a esperança de agarrar um homem rico. Jason não se envolvia. Era ultrasseletivo com as mulheres que levava para a cama.

Sua vida era a empresa, os sócios e a família enorme. Mantinha todos por perto e *minimizava o risco da perda* da melhor forma que podia. Esse mantra o definia e se estendia à sua vida amorosa. Depois que o pai abandonou a família, quase perderem a irmã para o câncer enquanto ela ainda era apenas uma criança e de, ainda na faculdade, perder o melhor amigo e irmão gêmeo de Landon, um dos seus sócios, ele não conseguia se aproximar das pessoas e arriscar sofrer ainda mais.

Ele não se envolvia emocionalmente. Nunca. Uma mulher não podia esperar nada mais que um encontro casual quando fosse conveniente. Por outro lado, ele gostava dos momentos de conexão com as mulheres que levava para a cama. Por vezes, sua vida era tão sombria que quando relaxava, queria aproveitar e se divertir.

— Jason, a noite está sendo incrível! — a irmã, Sienna, disse ao colocar os braços ao redor do seu pescoço e dar um beijo em sua bochecha.

Ele deu uma risadinha e sorriu.

O marido dela, Ethan Knight, sorriu ao afastar Sienna dele e puxá-la para seus braços.

— Ela está bebendo bastante — Ethan explicou o entusiasmo excessivo. — É a primeira vez que sai desde que teve o bebê — ele falou ao abraçar a esposa.

— Eu me diverti! E agora estamos indo para casa para tr... — Ethan tapou a boca de Sienna, poupando Jason dos detalhes da vida amorosa dos dois. Meu Deus.

Ele lançou um olhar agradecido para o cunhado.

— Aproveitando a deixa, estamos indo. Só queríamos nos despedir — Ethan falou, sorrindo com satisfação.

— Obrigado por virem — Jason estendeu o braço e apertou a mão de Ethan. — E dê um beijo naquela fofura pelo tio Jase.

Aceitar esse homem como marido da irmã foi um processo, e Jason ainda estava se acostumando. Ethan engravidou Sienna antes de qualquer um saber que estavam juntos. Agora tinham uma garotinha chamada Lizzy, a quem Jason adorava, e Ethan era um membro da família. Mais um com quem se preocupar. Ele os observou sair, sabendo que a irmã estava em boas mãos.

Então voltou a olhar para os melhores amigos. Eles se conheciam desde a faculdade e agora eram sócios na Club TEN29. Estavam no bar com alguns dos clientes regulares. Tanner Grayson era o gerente noturno e Landon Bennett era o chefe de Entretenimento e Aparições, Direito de Marca e Propaganda. Depois que o irmão gêmeo de Landon morreu, ele se fechou. Tanner, por sua vez, saiu do controle. Foi preciso muita determinação para se afastar da raiva a que se entregou e do problema em que se meteu.

Jason era o CEO. Juntos, eram uma mistura consistente de personalidades e ética de trabalho em uma casa noturna de apenas dois anos, mas que estava se tornando proeminente na cena noturna. A Club TEN29 oferecia uma experiência inesquecível para todos que a frequentavam e isso era obra deles. Não havia tarefa, por menor que fosse, de que não cuidassem pessoalmente caso surgisse a necessidade.

Mas Jason queria *mais* para o lugar. Eles tinham um palco em que os clientes dançavam, mas que não era totalmente explorado. E embora tivessem gastado um bom dinheiro em propagandas e ações de marketing, não estavam crescendo tão rápido quanto ele queria. Ainda não tinha encontrado a direção que precisavam seguir para alcançarem o resultado que desejava. Tanner e Landon achavam que as coisas estavam bem do jeito que estavam, então Jason precisava de um plano completo antes de apresentá-lo para votação. E era por isso que se encontraria com seu primo, Gabe, mais tarde. Queria trocar algumas ideias.

Gabriel Dare era o proprietário da Elite, outra casa noturna, mas que funcionava em uma escala que Jason não conseguia nem imaginar: as pessoas pagavam milhares de dólares por uma mesa e o lugar era frequentado por

celebridades do primeiro escalão. Ele tinha negócios por todo o mundo, inclusive na ilha de Eden, um resort exclusivo para convidados perto do Triângulo das Bermudas.

Jason queria ter tudo organizado quando se encontrasse com Gabe, e não conseguiria tomar decisões ali, onde a música explodia e as pessoas se divertiam. Por mais que a Club TEN29 fosse seu lar, ele precisava de uma folga.

Depois de avisar a Tanner e Landon que estava indo embora, saiu para o ar frio. Apertou o casaco de lã contra o corpo e seguiu para o carro. Apesar de o veículo ser pouco prático na cidade, gostava de tê-lo à sua disposição.

Assim que entrou no interior luxuoso e os assentos aquecidos começaram a envolvê-lo, Jason relaxou. Ligou o som e decidiu dirigir um pouco antes de encontrar o primo. Essa parte da cidade não tinha o mesmo formato de tabuleiro de xadrez da Uptown Manhattan, e ele serpenteou pelas ruas estreitas, reparando nas lojas que as delineavam.

Como estava frio, não havia muita gente na rua, então quando se deparou com uma van solitária estacionada na frente de um prédio em ruínas, com duas mulheres paradas perto dela, diminuiu a velocidade. À medida que uma delas se abaixou, ele notou o traseiro bonito que surgiu debaixo da barra do casaco. E quando ela chutou o que Jason percebeu ser um pneu furado, ele estacionou.

Ao sair do carro e dar uma olhada na mulher cheia de curvas, de cabelo loiro ondulado, lábios carnudos e com uma expressão assustada, segurando a chave de roda como se fosse uma arma, ele percebeu que a noite estava prestes a ficar muito mais interessante.

*

Faith Lancaster colocou o último pirulito de marshmallow na parte de trás da van da sua empresa e arrumou as cestas, tomando o cuidado de deixar espaço suficiente entre os itens para que nada quebrasse. Ela passou o dia todo na pequena cozinha preparando e embrulhando os doces com a intenção de deixar as cestas nas lojas da vizinhança junto com seu cartão de visitas. O plano era solicitar que eles deixassem as guloseimas no balcão para os clientes provarem na esperança de atrair uma freguesia maior para a Sweet Treats, sua loja de doces que ficava longe das ruas mais movimentadas.

Kelsey Johnson, a estudante de culinária que Faith havia contratado para ajudá-la, se juntou a ela depois de trabalhar o dia todo na loja. Antes que as duas entrassem no carro, Faith notou o pneu traseiro vazio e resmungou.

Aquela situação zombava dela e de todo o tempo que passou criando e preparando seus doces. Embora pudesse ter feito as entregas durante o dia, acabou passando a tarde toda cozinhando, preferindo trabalhar em casa em vez de na loja. Já estava começando a anoitecer. Mas ela sabia que as lojas da área estavam abertas e haveria fluxo de pessoas. Um sebo, uma cafeteria e algumas boutiques que, com sorte, ajudariam uma colega empresária.

Deveria ter verificado tudo antes de carregar a van surrada com histórico desconhecido, mas o desespero era um propulsor para decisões idiotas. E embora já tivesse progredido na vida, ficou desesperada quando chegou a Manhattan com um nome novo, pouco dinheiro e o sonho de abrir uma loja de doces.

Olhou para o pneu, se perguntando por que a sorte não estava a seu lado. Já fazia algum tempo que estava enfrentando problemas. Pensou que, enfim, estivesse saindo da maré de azar. E agora isso acontecia.

— Kelsey, você pode pegar a chave de roda lá atrás? Só tome cuidado para não derrubar os doces. Vou dar uma olhada no estepe assim que tirar as porcas. — Presumindo que essa van velha tivesse um estepe.

Kelsey, uma garota bonita de cabelo castanho e franja, olhou para Faith com os olhos arregalados.

— Você sabe trocar pneu? — a jovem de vinte e um anos perguntou.

Faith riu. Era isso ou chorar de frustração.

— Vou tentar.

Seu pai era fanático por carros, isso antes de abandonar Faith, sua mãe e o irmão mais velho. *Sempre tenha uma chave de roda no carro, garotinha. Vai te salvar quando o pneu furar.* Não que uma criança de dez anos soubesse alguma coisa sobre trocar pneus, mas Faith havia se agarrado a cada palavra do pai até o dia que ele não voltou mais para casa. Depois disso, ela desistiu de aprender sobre carros, mas sabia o que precisava fazer por causa de uma aula que teve no ensino médio.

Pegou a ferramenta com Kelsey e se ajoelhou. Usou toda a sua força para soltar as quatro porcas, mas não conseguiu. Então grunhiu, ficou de pé e chutou o pneu, irritada.

— Tenho certeza de que isso não vai ajudar — Kelsey disse no momento em que Faith resmungou um palavrão graças à dor que se propagou por seu pé.

A agonia era tanta que ela mal reparou no carro estacionando na frente da van até um homem muito grande se aproximar delas, fazendo-a perceber que eram duas mulheres sozinhas em uma rua escura e deserta.

Usando a ferramenta como defesa, ela a segurou diante do corpo.

— Não se aproxime.

— Acalme-se. — Ele deu um passo para o lado até ficar debaixo de um poste e a luz iluminar suas feições. — Acha que eu me pareço com um assassino?

Ela o observou: um homem bonito, com cabelo castanho-escuro, usando um casaco de lã com a gravata à mostra.

— O Ted Bundy, aquele famoso assassino em série, era bonito também.

Ele sorriu, e ela sentiu o coração acelerar. Caramba, ele era lindo. Uma covinha apareceu, e algumas partes do seu corpo ganharam vida.

— Obrigado... eu acho? — ele disse, balançando a cabeça. — Ou não. Escute, está óbvio que vocês precisam de ajuda. — Ele passou por ela, ignorando a chave de roda e se ajoelhou ao lado do pneu. — E o seguro? Ligou para eles?

Ela olhou para o casaco caro, notando o terno por baixo e os sapatos.

— Hum, essa lata velha parece ter seguro? — Ela o olhou com descrença. — Algumas pessoas não podem arcar com esses luxos.

De algum lugar atrás dela, Kelsey, que até então estava calada, soltou uma risada.

Como ele não respondeu de imediato, Faith levou as mãos aos quadris e o observou, se perguntando por que ele havia parado para início de conversa.

— Agradeço por tentar ajudar, mas vou dar um jeito.

Ele se levantou devagar.

— Você tem um estepe? Deve ter, já que está tentando tirar esse aqui.

— Acho que sim, debaixo de todas as cestas que acabei de colocar lá atrás. — Ela ouviu a frustração na própria voz, mas reprimiu o ímpeto de assumir uma derrota. Não perderia o controle por um pneu furado.

— *Acha?* — Ele balançou a cabeça, foi até a parte de trás da van, olhou para dentro e xingou baixinho. — Não consigo localizá-lo, então teremos que descarregar para ver o que há aqui embaixo. O que são essas coisas? — ele perguntou.

— Doces. Artesanais.

— Interessante. — Ele ergueu as sobrancelhas e seu olhar foi dos doces para o rosto dela antes de falar: — Jason Dare — se apresentou e estendeu a mão.

— Faith Lancaster. — Ela apertou a mão dele, e o calor da pele de Jason fez a palma da sua mão arder.

— É um prazer te conhecer, Faith. — Ele envolveu sua mão e a segurou mais tempo que o necessário. O suficiente para que seu corpo formigasse em alerta.

— E essa é a minha assistente, a Kelsey — Faith fez as apresentações. A outra moça sorriu para ele, mas não apertou a sua mão.

— O que você faz da vida? — Faith perguntou com uma voz rouca que mal reconheceu. Seu corpo ainda estava muito consciente daquele toque.

— Sou dono de uma casa noturna. A Club TEN29. Conhece? — ele perguntou.

Ela balançou a cabeça. Nunca saía para se divertir à noite, então como saberia sobre a vida noturna? Mas esse homem parecia se encaixar bem, com o cabelo castanho bagunçado e sensual cujo corte devia custar uma fortuna.

— Ah, meu Deus! Minhas amigas e eu estamos loucas para ir lá, mas a fila é sempre tão grande — Kelsey falou, sua animação era tangível.

Ela ficou tão quieta que Faith quase esqueceu que estava lá.

— Bem, este aqui é o meu cartão — Jason disse ao levar a mão ao bolso do casaco e pegar alguns cartões. Entregou um a Kelsey, que pulou de animação. — É só mostrar ao segurança e ele vai te deixar entrar. Ou, pelo menos, vão me chamar.

— Ai, meu Deus, obrigada! — ela praticamente gritou.

O olhar dele foi para o rosto de Faith.

— Vamos procurar o estepe.

*

Se Jason tivesse que descrever o tipo de mulher que gostava, alta e esbelta representaria a maioria dos seus casos. Ainda assim, não conseguia parar de encarar a doceira loira, cheia de curvas, com pele de porcelana e lábios carnudos.

— Vamos levar as cestas de volta para o apartamento — Faith disse, quebrando o encanto que havia se criado enquanto eles se encaravam, ambos atingidos por algo maior que eles.

— Vou levar algumas. — Kelsey passou entre os dois e começou a trabalhar.

Juntos, descarregaram os doces e os levaram para o que ele presumiu ser o apartamento dela enquanto fazia algo que não tentava desde a faculdade.

Era um milagre ainda saber como trocar um pneu.

O pai, Robert Dare, não o ensinou, já que raramente estava presente. Talvez tenha ensinado aos meios-irmãos de Jason as coisas que um homem deveria saber. Afastando a lembrança dolorosa, ligou para Gabe e avisou que se atrasaria. Em seguida, jogou o casaco na parte de trás do carro, dobrou as mangas da camisa, afrouxou a gravata e pôs as mãos na massa.

Enquanto ele trabalhava, Kelsey chamou um carro de aplicativo para levá-la para casa. Ao que parecia, depois de pegar um de seus cartões de visita, Faith decidiu que ele era um verdadeiro homem de negócios e que era seguro ficarem sozinhos.

Não levou muito tempo para tirar o pneu e, ao olhar com atenção, Jason viu que foi rasgado de propósito. Aquilo o irritou.

— Como está indo? — Faith perguntou.

— Tudo bem, a menos que consideremos o fato de que alguém furou o seu pneu de propósito. — Ele olhou para trás.

Faith ficou paralisada e com os olhos arregalados. A expressão aflita lhe disse que ela estava transtornada.

— Deve ter sido algum dos garotos aqui do bairro — ela disse, se esforçando para ficar calma. — Eles se reúnem aqui tarde da noite, e faz dois dias que não uso a van.

Ele não tinha certeza se acreditava nela ou não, mas deixou o assunto de lado.

Ela cruzou os braços, parecendo insegura pela primeira vez desde que se encontraram. E Jason foi tomado por um instinto de proteção feroz, algo que só se manifestava por quem ele se importava. Mas ele nem conhecia essa mulher.

— O que você vai fazer com todos esses doces? — ele perguntou enquanto trocava o pneu, ansioso para tirar aquela expressão de angústia do rosto dela. Mudar o assunto também afastaria as emoções estranhas que ela provocava nele e talvez o ajudasse a conhecê-la melhor.

— Tenho uma loja chamada Sweet Treats — ela contou. — Quero melhorar os negócios, então fiz cestas com meu doce mais famoso, e estava prestes a circular pelo comércio do bairro para perguntar se eles poderiam colocá-los junto com meu cartão de visitas perto do caixa.

— O que torna seus doces diferentes? — ele perguntou.

— Além de serem gostosos? — ela devolveu com petulância. — São artesanais e feitos com amor. Se eu conseguir expandir, vou ter que comprar doces de fora para preencher as prateleiras, mas isso vai acontecer em outro

momento. Por enquanto, sei que minha loja é pequena e que vai ser difícil ficar conhecida, mas se puder conquistar a região com meu produto, será um diferencial. E talvez o boca a boca funcione a meu favor.

Ele ouviu o que ela dizia e sua mão parou na última porca. Tudo o que a mulher disse fazia sentido.

As palavras *conquistar a região e diferencial* chamaram sua atenção.

— É isso! — ele falou, cheio de animação, porque as palavras foram certas para ele saber o que estava faltando na Club TEN29: algo único. Naquele instante, soube exatamente o que precisava conversar com Gabe.

— O que foi? — ela perguntou.

— A sua ideia é maravilhosa, Faith Lancaster. E talvez ela possa me ajudar com os meus negócios. Obrigado. — Ele apertou um pouco mais a porca e se levantou, as pernas rígidas por ter ficado agachado por tanto tempo.

— Fico feliz por ajudar. — Ela deu de ombros, obviamente confusa. Mas isso não era um problema, porque ele não estava. Jason finalmente tinha encontrado um rumo.

Ele olhou para as mãos cobertas de graxa e sujeira.

Faith seguiu seu olhar.

— Vamos subir para você se limpar. É o mínimo que posso fazer depois de ter me ajudado.

Não queria entrar sujo no carro, e ela parecia estar mais à vontade com a sua presença, então aceitou.

— Muito obrigado.

Ele a seguiu e subiu dois lances escuros de escada. De imediato, não gostou do lugar em que ela morava. Muito menos da descrição dos caras que ficavam por ali tarde da noite. Tudo aquilo evidenciava perigo. Mas quem era ele para julgar? Ainda assim, ficou incomodado. Não permitiria que a irmã morasse ali.

Quando entraram no pequeno apartamento, ele estava fazendo careta, mas bastou uma única olhada para a decoração alegre que seu humor melhorou. Percebeu que ela era uma mulher que tirava o melhor de qualquer situação quando observou as cortinas brancas e a mobília velha, com almofadas cor de rosa combinando com o tapete debaixo da mesinha de centro surrada e cheia de livros.

— Você gosta de rosa — pensou em voz alta ao parar ao lado dela. — E de doces. — Ela tinha um cheiro doce delicioso. — Você é divertida, Faith?

As bochechas dela assumiram um belo tom de... rosa.

— Posso ser, se a situação exigir.

Ele se perguntou que situação seria essa, porque com certeza gostaria de se divertir com ela. Uma diversão entre lençóis. Antes que o pênis pudesse reagir ao pensamento, ele perguntou:

— Onde é o banheiro?

Faith o conduziu até uma porta parcialmente aberta e fez sinal para ele entrar.

— Há um armário de toalhas atrás da porta. Pode pegar uma para se limpar. — Ela se afastou e voltou para a sala.

Jason olhou mais uma vez para a parte da pequena cozinha visível do corredor. Os doces estavam bem arrumados sobre os balcões de fórmica.

— Quanto aos doces, eu mereço um? — perguntou ao se juntar a ela.

Faith piscou, surpresa.

— Por que eu não pensei nisso? — Ela correu até a cozinha, voltou com um pirulito e o entregou a ele.

Jason mordeu uma vez, depois outra, engolindo aquela delícia bem rápido.

— Uau, que delícia. Sabor de *s'mores*? — ele perguntou, se referindo ao doce feito com biscoito, marshmallow derretido e chocolate.

Ela assentiu com um sorriso largo no rosto.

— Tem gosto de lar — ela disse baixinho.

Jason sentiu que aquilo significava algo para ela, então quis saber mais.

— Como assim?

Ela suspirou.

— Eu e minha mãe costumávamos fazer doces o tempo todo quando eu era criança. Ela sempre quis abrir uma loja na nossa cidade, mas não tinha condições. As coisas estavam... além do seu controle. E ela precisava trabalhar para sustentar a mim e ao meu irmão. Mas essa era sua receita preferida, e me faz lembrar dela.

— O que aconteceu? — ele perguntou. — Se quiser falar sobre o assunto.

— Ela morreu há pouco tempo. — Faith piscou e olhou para o outro lado.

Reconhecendo a dor, ele mudou de assunto.

— Bem, seu doce é uma delícia, e espero que você tenha sucesso — elogiou e lançou um sorriso cálido, percebendo que o tempo juntos estava chegando ao fim. — Tenho uma reunião agora — ele falou, mas não estava pronto para ir.

— Ah, tudo bem. — Ela correu até a cozinha e voltou com uma cesta.
— Leve. Como agradecimento. Você é um bom samaritano, Jason Dare.

Suas mãos se tocaram quando ele aceitou o presente. Um raio de eletricidade percorreu seu braço e foi direto para o pau. Algo naquela mulher chamou sua atenção, desde o rosto maravilhoso e corpo cheio de curvas até a força e o indício de fragilidade que havia sob a superfície. Sabia, com toda a certeza, que deveria ficar longe. A começar pelo pneu rasgado e terminando com o fato de que ela não era o tipo de mulher para uma transa casual, tinha consciência que deveria se despedir e sair.

— Jante comigo — ele disse antes de conseguir pensar melhor.

Ela o encarou, surpresa, os lábios bonitos franziram conforme ela cogitava o convite. Arregalou os olhos.

— Humm... acho que não é uma boa ideia. Tem muita coisa acontecendo comigo agora, e eu não costumo ter relacionamentos. É melhor não. — Ela soou triste, como se não quisesse recusar.

Ele se endireitou, decidindo que era melhor assim, mesmo sem gostar de ser dispensado.

— Entendo.

Ela o encarou por um instante.

— Bem, obrigada de novo.

Ele inclinou a cabeça.

— Pode me agradecer trancando a porta e tomando cuidado. — O pneu rasgado não saiu de sua cabeça.

Claro, estavam em Nova York, e aquela não era a melhor vizinhança, então aquilo poderia ter sido feito por alguém que achava divertido vandalizar o patrimônio alheio. Ele teria seguido com aquela teoria se não fosse o leve pânico que ela tentou esconder.

— Não se preocupe. Eu sou crescida e posso cuidar de mim mesma — ela falou e caminhou em direção à porta. — Mas ouvi seu conselho.

Jason saiu.

— Tchau, docinho — ele se despediu. — Foi um prazer te conhecer, Faith Lancaster.

Ela franziu o nariz para o apelido.

— Prefere garota doce? — ele perguntou, rindo do rubor nas bochechas dela quando se afastou.

Se Faith estivesse aberta a relacionamentos, teria saído com Jason Dare. Recostou-se na porta e suspirou como uma adolescente no primeiro encontro. Meu Deus, o homem tinha uma bunda maravilhosa.

Quando não estava carregando cestas de doces lá para cima, estava olhando para o traseiro dele na calça social. Só conseguia imaginá-lo nu, e aquilo a fez estremecer, pois deveria estar cogitando se o pneu furado foi um acidente, como disse a Jason, ou um aviso do irmão de quem fugia.

Quando era mais nova, amava o irmão, mas depois que cresceu, Colton desenvolveu... problemas, para dizer o mínimo. As drogas tomaram conta da vida dele.

Afastou-se da porta, odiando ter deixado os pensamentos descarrilharem por esse caminho, mas não conseguiu evitar. O pneu trouxe de volta diversos medos. E lembranças.

Depois que a mãe morreu de forma inesperada, Colton apareceu exigindo sua parte dos bens, mas descobriu que foi deserdado. Ficou furioso. Embora a mãe não tivesse muito dinheiro, também não era pobre. Ela herdou algum dinheiro dos pais. Guardou uma parte e com o restante fez um seguro de vida com Faith como beneficiária.

Ela verificou duas vezes a fechadura conforme as lembranças continuavam a fluir. Por mais que fosse gostar de dividir o dinheiro com o irmão, concordava com a mãe. Colton gastaria tudo em drogas, então honrou os desejos dela e negou a ele o dinheiro.

Deveria ter imaginado que não ficaria por isso mesmo. Colton apareceu drogado na calada da noite, arrombou seu apartamento, agarrou-a pelo pescoço e ameaçou matá-la. Naquele momento, percebeu que o irmão não existia mais. E um medo que jamais sentiu a envolveu.

Talvez devesse ter ligado para a polícia, mas ficou com medo de irritá-lo ainda mais. Sabia, por experiência própria, que ele nunca ficava muito tempo atrás das grades, não importava o crime pelo qual foi preso. Então, depois de três dias sendo ameaçada, largou o emprego, juntou o que era necessário, deixou a cidadezinha do meio-oeste e foi para a maior cidade em que conseguiu pensar, aquela em que poderia desaparecer.

Deu entrada no hotel usando dinheiro e na mesma semana se encontrou com um advogado que preencheu a papelada para mudar o seu nome de Faith Holland para Faith Lancaster. Entendendo a urgência, ele mexeu alguns pauzinhos para que ela se encontrasse com o juiz, a quem convenceu de que sua vida corria perigo. E como os hematomas no seu

pescoço ainda estavam recentes e tinha fotos de como ficou logo depois do acontecido, ele aceitou manter tudo em sigilo.

Estava em Nova York há um ano, e foi rápida com tudo o que fez. Tinha um nome novo, uma vida nova, uma loja que alugou com uma cozinha profissional... e ao olhar ao redor do apartamento, se lembrou de que tinha um pneu furado que poderia ou não ser um problema.

Alguma surpresa por ela ter dispensado Jason? Desde que o pai foi embora, deixando-a sentindo como se fosse culpa dela, aprendeu a não confiar nos homens. Se aquele que deveria amá-la e protegê-la não ficou por perto, por que alguém com quem só tinha um caso ficaria?

Não era virgem, mas com certeza não se envolvia com muitos homens. Ainda assim, pela primeira vez, ficou muito tentada a quebrar a regra de não se relacionar. Jason fez seu sangue esquentar, o desejo fluir e a fez querer sair da zona de conforto em que se acomodou por boa parte da vida.

Mas não faria isso. Sabia que não deveria confiar em qualquer um, muito menos no dono de uma casa noturna que acabou de conhecer. Mesmo que ele a tenha salvado naquela noite.

Capítulo dois

JASON SAIU DO prédio de Faith com uma cesta de doces e o pensamento na mulher sensual que deixou para trás, o que não costumava acontecer. Nunca teve problemas com isso. Não era idiota, simplesmente não se envolvia. Algo na mulher o incomodou, e considerando que ela recusou seu convite, era melhor esquecê-la. Mas o pneu dela tinha sido rasgado...

Balançou a cabeça e seguiu para o apartamento do primo. A esposa dele, Izzy, o recebeu com o filho de três anos, Noah, no colo. Tinha um cabelo rebelde, e o rosto bonito se animou quando o viu.

— Jason! Entre. O Gabe disse que você viria.

Ele deu um beijo na bochecha dela e fez cócegas no queixo do menino.

— Oi, carinha. Você está crescendo.

A criança ergueu as mãos e se contorceu para descer do colo da mãe.

— Eu estava indo dar banho nele. Vou avisar ao Gabe que você chegou.

Jason entrou e o primo veio ao seu encontro. Ele parou para brincar com o filho, ergueu o menino e riu com ele antes de colocá-lo no colo da mãe, que o levou para o banho.

— Sempre fico surpreso quando te vejo rindo com tanta alegria — Jason disse. — Não é por mal, só é muito diferente de como você costumava ser.

Os olhos de Gabe se iluminaram com satisfação.

— Olhar para o que eu tenho na vida me faz sorrir. — Ele olhou para o cômodo onde Isabelle levou o filho. — Algum dia você vai entender.

— Ah, não — Jason disse. — Minha vida já é completa.

— Até você conhecer a mulher certa.

Os pensamentos de Jason se desviaram para a loira espetacular, de curvas perfeitas, senso de humor e a capacidade de encantá-lo.

— Trouxe uns doces para vocês — ele disse, erguendo a cesta. — Uma... pessoa que conheço me deu.

— Essa *pessoa que você conhece* é a razão para você ter se atrasado? — Gabe perguntou, com um sorriso irônico.

Jason se contraiu.

— Ela teve um problema com o pneu. — Não mencionou que tinha acabado de conhecer Faith quando a viu na rua chutando a van. Lembrou-se do momento com um sorriso.

— Interpretarei essa expressão como um sim. Então, quem é ela?

Jason riu e decidiu contar para o primo.

— Eu a conheci hoje. A mulher teve um problema, e eu a ajudei. Ela é dona de uma loja de doces perto da TEN29.

— Então você decidiu bancar o bom samaritano.

Ele assentiu.

— E ela te agradeceu com doces. Algo de que você gosta muito.

Jason revirou os olhos.

— Podemos falar de negócios?

Gabe sorriu e fez um gesto para Jason segui-lo pelo cômodo imenso até o escritório, onde se acomodaram nas poltronas.

— Quer beber alguma coisa? — Gabe ofereceu.

Jason negou. Ele não era de beber. Não desde aquela noite.

— Não, obrigado.

— Então, o que está acontecendo? — Gabe era o mentor de Jason desde que ele terminou a faculdade e decidiu ficar em Nova York com os sócios. Ele o ajudou a encontrar um apartamento e a dar início ao seu negócio, a Club TEN29, batizada com a data em que Levi morreu, 29 de outubro. Um dia que jamais esqueceria. — E o que você queria discutir sobre o futuro da sua casa noturna? — Gabe se recostou no assento e encarou Jason.

— Vim aqui para pedir sugestões, mas quando eu estava falando com a Faith mais cedo...

— A garota dos doces?

Jason riu.

— Sim. Ela falou sobre querer se destacar e dominar seu nicho. Percebi que era o que eu precisava fazer e tive uma ideia de como colocar em prática. Deveríamos expandir a Club TEN29, utilizar o palco e melhorar a acústica. Trazer apresentações ao vivo. Quero o clima de Miami em Nova York. — Ele ficava mais animado conforme explicava. — Não espero famosos logo de cara, mas sei que podemos conseguir bons artistas. Posso pedir ajuda ao marido da Avery, o astro do rock. — Jason também namorou Charlotte Jasper, outra artista da música que conheceu através do cunhado. Poderia pedir a ela para se apresentar.

— Tudo isso vai demandar investimento. — Gabe juntou as mãos enquanto refletia.

Jason assentiu. Gabe estava envolvido em vários negócios e tinha dinheiro para emprestar caso considerasse o negócio digno do investimento.

— Agora temos uma garantia para pedir empréstimo ao banco. — O que não tinham quando começaram. Gabe emprestou o dinheiro para a abertura da casa, e eles ainda estavam pagando. — Mas eu preferia trabalhar direto com você novamente.

— Converse com os seus sócios e veja o que eles acham. Monte um plano de negócios e traga para mim.

Jason ficou de pé.

— Obrigado.

Gabe levantou, se aproximou e deu um tapa nas suas costas.

— O seu sucesso é meu sucesso. Além do mais, somos família.

Os avós deles eram irmãos, mas os Dare eram unidos, apesar de alguns morarem em outros estados. Até mesmo os meios-irmãos se acertaram e agora tinham um relacionamento mais fraternal. Alguns mais que os outros.

— Aproveite o tempo com a família — Jason disse para Gabe enquanto iam em direção à porta.

— Obrigado. Curta sua garota dos doces.

O coração de Jason saltou.

— Acho que não vou vê-la de novo. — Ela deixou claro que achava que não era uma boa ideia, e se parasse para pensar, tinha que concordar com ela.

Mas não conseguia esquecer o pneu rasgado ou o olhar aflito no rosto dela quando mencionou aquilo.

— Abrir mão dela com tanta facilidade não parece algo que um Dare faria — Gabe falou antes de se despedir e fechar a porta.

Jason resmungou e seguiu para o carro com as palavras de Gabe ressoando em seus ouvidos.

*

Depois de seus planos para a entrega dos doces falharem e de se encontrar com o seu cavaleiro das sombras, como começou a se referir a Jason Dare, Faith passou uma noite inquieta, se revirando na cama. Tinha muitas coisas na cabeça para conseguir relaxar. Desde reorganizar a entrega dos doces, o que significava que ficaria afastada da loja, passando pela preocupação de Colton encontrá-la, até os pensamentos sobre o homem sexy que dispensou. Ela estava agitada, para dizer o mínimo.

Acordou muito cedo e preparou uma xícara de café na cafeteira pela qual pagou uma fortuna, serviu um pouco de leite e pegou um iogurte. Ela gostava do que tinha sabor de tiramissu.

Acomodou-se à ilha da cozinha e ligou o notebook. Com o cartão de Jason sobre o balcão, abriu o site da Club TEN29 dizendo a si mesma que era mera curiosidade que a forçava. Que não estava vasculhando a vida dele na internet.

Ficou impressionada com o site interativo, a riqueza de informações e os espaços disponíveis para festas e eventos. O site tinha música e passava uma impressão de ser muito mais profissional que o da Sweet Treats.

Site profissional, ela digitou na sessão de notas do computador. Outro item caro na sua lista para a loja, pensou ao suspirar.

Incapaz de se conter, clicou em *Sobre*, e fotos dos três sócios surgiram em cores vibrantes. Jason tinha o cabelo castanho mais claro que os outros dois, todos exibindo barba por fazer. Mas foram os impressionantes olhos azuis de Jason que se destacaram. Se não estivesse tão aflita, teria prestado mais atenção neles ontem à noite. Ela avaliou o olhar intenso, emburrado e sensual, e suspirou, se remexendo no assento ao observá-lo.

Desceu mais a página e chegou ao significado de Club TEN29. O susto a fez respirar fundo. As palavras eram breves, mas impactantes: *A Club TEN29 foi batizada em memória de Levi Bennett, que faleceu de forma trágica em 29 de outubro de 2009.* Acima das palavras, havia a foto de um jovem quase idêntico a Landon Bennett. Talvez fossem irmãos gêmeos. Que tragédia, ela pensou.

Mas antes de fechar o site deu uma última olhada em Jason e sentiu arrependimento pelo que poderia ter acontecido caso a situação fosse diferente e estivesse livre para vê-lo mais uma vez.

Fez uma anotação para ir até o posto de gasolina encomendar um pneu novo para a sua van e pedir para verificar os outros antes de voltar a se concentrar nos pedidos de suprimentos para a loja. As encomendas estavam chegando a uma velocidade surpreendente, e ela estava animada com o crescimento lento, mas estável e com a clientela sempre voltava.

Assim que terminou os assuntos burocráticos, tomou banho, vestiu jeans escuro, moletom e uma jaqueta *puffer* e levou os doces de volta para a van. Parou para abrir a loja para Kelsey. Enquanto a estagiária cuidava das vendas, Faith deixaria as cestas nas lojas da vizinhança. Se não fizesse isso naquele dia, os doces começariam a estragar e ela não queria ter que jogá-los fora. Seu negócio estava prosperando justamente por ser cuidadosa.

Passou o dia trabalhando, e embora desejasse poder dizer que foi capaz de tirar Jason Dare da cabeça, não conseguia parar de pensar nele, em seu traseiro musculoso, e na expressão de ternura quando olhou para ela. Mas lembrou a si mesma de que ele não precisava de problemas. E seu irmão significava justamente isso.

*

Jason enviou uma mensagem para os sócios dizendo que queria encontrá-los pela manhã na TEN29, e era por isso que, ao meio-dia do dia seguinte, estava subindo as escadas do local. Os dois ficaram acordados até tarde, então Jason adiou a reunião para um horário mais razoável. Se fosse por ele, teria chegado antes das nove.

Reuniu-se com os sócios na área que compartilhavam quando não estavam nas salas privadas, e os encontrou vestidos com roupas casuais, bebendo café e fazendo cara feia.

— É melhor ter uma boa razão para me tirar da cama a essa hora — Tanner resmungou. — Parece que eu levei uma surra.

Landon bocejou.

— Digo o mesmo.

Jason não ficou surpreso. Landon era um homem de poucas palavras.

Ele acendeu as luzes para garantir que os amigos acordassem. Esperou até que as reclamações e os xingamentos terminassem e apontou para a janela com vista para o palco principal.

— Imaginem artistas renomados se apresentando lá no palco. Agora visualizem as filas para entrar. Uma atmosfera de Miami em Nova York. Uma TEN29 totalmente nova. — A apresentação foi curta. — Muito mais chamativo que *entrem e dancem* — adicionou por precaução.

Como os dois permaneceram quietos, ele franziu a testa e continuou:

— Nós abrimos a casa e a transformamos em um negócio respeitável. Eu quero mais. Somos capazes de ser *mais*. Em honra ao Levi, esse lugar deve ser *mais*.

Landon e Tanner semicerraram os olhos à menção do amigo que morreu cedo demais e de um jeito estúpido, porque tiveram medo de se afastar de uma situação com a qual se comprometeram e que não sabiam como sair. Todos se culpavam, mas nenhum deles culpava ao outro.

Jason os desafiava a dar um passo adiante? Com certeza.

— Não queremos nos acomodar — ele falou.

— Estou dentro — Landon concordou. Falar sobre o irmão gêmeo renovou as suas forças.

Jason se perguntou se conseguiria convencer o amigo talentoso a tocar violão no palco, mas não abordaria o assunto agora. Era cedo demais, e fazia anos que Landon evitava o instrumento que costumava tocar com o irmão.

No momento, Jason só precisava que eles aceitassem a mudança de rumo da casa noturna.

Jason olhou para Tanner.

— Tudo bem. Você tem o meu aval — Tanner disse. — Precisamos encontrar o nosso nicho. Nos diferenciar das casas noturnas comuns. E a melhor forma é sermos superiores e mais espertos que elas.

— E não jogar sujo como algumas fazem — Jason pontuou, olhando para Tanner, cujo temperamento era bem conhecido, tentando lembrá-lo de que ele precisava continuar se comportando bem e ficar longe de encrenca.

Tanner entendeu o recado e ergueu as mãos em um gesto de paz.

— Não se preocupe.

Eles tinham a esperança de que Tanner parasse de tentar resolver tudo com violência. Desde que abriram o negócio, ele direcionou sua energia para a casa e canalizou a raiva para atividades mais positivas.

— Precisamos de um plano de negócios — Jason falou. — E dinheiro para fazer funcionar. Landon, agendamento é o seu ponto forte, mas eu gostaria de falar com o meu cunhado para ver se o Grey Kingston pode se apresentar aqui ou se ele pode falar com outros músicos. — Não tocou no nome da Charlotte, ainda não.

Convidá-la era arriscado, porque ela queria mais do que Jason estava disposto a dar. Se pedisse para ela vir a Nova York agora, Charlotte talvez encarasse como um sinal de que ele havia mudado de ideia quanto ao relacionamento. E não era o caso.

Não com ela.

Com ninguém, a não ser... Ainda não tinha conseguido tirar uma certa loira voluptuosa da cabeça.

Olhou para os amigos.

— Simples assim? Vocês concordam que essa é a direção que devemos seguir?

Landon deu de ombros.

— Gostei da ideia. O que o Gabe disse?

— Para falar com vocês dois e montar um plano de negócios viável.

Landon foi até a janela e encarou a casa noturna vazia.

— Vou chamar um especialista em sonorização de eventos ao vivo. Fazer um orçamento para renovar não só os equipamentos, mas a acústica. Também vou fazer uma lista do que precisaremos executar.

Tanner assentiu.

— E eu vou cuidar do orçamento para nos assegurar de que os sistemas de segurança sejam atualizados para os melhores do mercado. Se vamos receber artistas famosos, precisaremos levar a segurança a sério.

Com o apoio deles, a preocupação de Jason diminuiu. Deveria ter imaginado que os *irmãos* concordariam com as ideias para deixar a casa ainda melhor.

O celular tocou e ele o tirou do bolso.

— Gabe? — perguntou ao atender.

— Não, é a Izzy. Estou ligando do telefone do Gabe. De onde é a cesta de doces que você deixou aqui? Meu Deus, Jason, eles são uma delícia!

Desejou ter ficado com os doces para si. Caramba, qualquer lembrança de Faith o faria feliz, mas ficou contente por Izzy ter gostado.

— Conheci uma mulher que tem uma loja de doces chamada Sweet Treats. Ela se chama Faith Lancaster.

— Quero os doces dela para lembrancinha da festa de aniversário do Noah. Pode me colocar em contato com a proprietária?

Uma desculpa para voltar a ver Faith? Poder ajudá-la a expandir os negócios? Ele se segurou para não comemorar, mas seu coração disparou. Era óbvio que não tinha conseguido tirar a mulher da cabeça, então teria que encontrar uma forma de curar o seu anseio.

Vê-la de novo seria o começo.

— Vou falar com ela e pedir para te ligar — ele falou.

— Muito obrigada. Essa moça é talentosa — Izzy falou. — Minhas amigas vão ficar com tanta inveja por eu tê-la encontrado primeiro. — Ela riu ao pensar naquilo.

Ele balançou a cabeça e sorriu. Sempre gostou da esposa de Gabe.

— Entrarei em contato com ela.

— Obrigada, Jase. Você é um amor. — Eles desligaram, e ele guardou o telefone no bolso da calça.

— Qual é a razão desse sorriso de orelha a orelha? — Tanner perguntou.

— E quem é a *mulher* que o colocou aí? — Landon perguntou logo em seguida.

Jason resmungou. Nunca conseguiu esconder nada deles. Desde que se conheceram na faculdade, os quatro, incluindo Levi, eram próximos. E se o amigo não tivesse insistido para eles se juntarem a uma fraternidade... Ele balançou a cabeça, afastando os pensamentos. Era a única forma de conseguir conviver com a dor. Afastando-a.

— Conheci uma mulher quando saí daqui para encontrar o Gabe. O pneu da van que ela usa para fazer entregas estava furado, e eu parei para ajudar.

— Você trocou um pneu? Usando terno e sapato de grife?

— Claro que sim, e não fique tão surpreso. Posso sujar as mãos de vez em quando. — Especialmente por uma mulher bonita como Faith.

Com propósito renovado, Jason se virou para os amigos:

— Então todos temos tarefas, certo? Preciso sair.

— Pode deixar. Vá transar — Tanner falou com uma risadinha.

Bem que ele queria.

— Essa mulher é diferente.

— Ah, caramba. Então é *isso*? — Landon balançou a cabeça. — Se não está interessado em transar com ela...

— Eu não disse isso. Só estou mantendo distância. — Porque ela achava que não era uma boa ideia, e ele concordava. Jason foi para a porta, encerrando a conversa.

Mas ao que parecia, os amigos não concordavam com ele.

— Não levar a garota para casa e transar com ela significa que você está preocupado que as coisas fiquem sérias — Tanner pontuou, parecendo quase animado. Ele ficava feliz quando podia zombar dos amigos.

— Falando por experiência própria? — Jason disse por cima do ombro ao sair, mas estava com muito medo de eles estarem certos.

Faith Lancaster não saía da sua cabeça, e ele começava a achar que a única forma de tirá-la de lá seria ver o que poderia acontecer entre os dois. Por sorte, agora tinha uma desculpa para voltar a vê-la.

*

Faith acordou e seguiu com a rotina de sempre, serviu-se de uma xícara de café e conferiu o site. No momento, parecia que as vendas on-line estavam aquecidas e as da loja mantinham a consistência. O objetivo com as cestas era aumentar as duas e atrair novos clientes. Um clique lhe diria se teve algum ganho inicial.

Clicou e... *Sucesso!* Houve um aumento exponencial nos três dias que se seguiram. Ela se sentiu bem por ter atingido o objetivo. Era ótimo saber que suas ideias tinham mérito e que estavam funcionando a seu favor.

Ela se perguntou se a ideia que Jason Dare teve naquele dia havia ajudado conforme ele esperava. Pegou seu cartão algumas vezes nos últimos dias, desejando que a vida fosse simples e que pudesse ligar para ele. Poderiam, pelo menos, ser amigos. Mas parecia que manter a discrição estava funcionando para ela.

As coisas estavam tranquilas desde o pneu furado, o que a levou a crer que aquilo foi um acidente bizarro. Talvez um dos garotos da área realmente tivesse achado que causar dano ao patrimônio alheio fosse deixar a noite mais divertida. Não podia se dar ao luxo de trazer alguém para a sua vida e correr o risco de prejudicá-lo.

Sozinha, pelo menos permanecia em segurança. Era uma troca que estava disposta a fazer.

Faith se vestiu e saiu para trabalhar, ainda animada pelos resultados da sua ideia para melhorar os negócios. Mas quando estacionou na frente da loja, seu mundo desabou. A vitrine estava pichada, o logo que pintou na fachada, arruinado, e o vidro da porta foi quebrado.

Ela estacionou e foi até a entrada, o estômago revirado e os olhos marejados. Não teve condições financeiras para instalar um alarme e, por haver tantas lojas na redondeza, foi inocente ao pensar que poderia ficar sem um.

As lojas vizinhas eram de roupas e os funcionários não chegavam antes das dez. Ela entrava cedo para arrumar tudo e cozinhar. Obviamente ninguém prestou queixa, caso contrário, os policiais já estariam ali.

Com o coração na garganta, ligou para a polícia e ficou do lado de fora. Só entraria acompanhada. Nunca se sentiu tão sozinha, nem havia experimentado a solidão de forma tão acentuada quanto naquele momento.

Deixou para trás o convívio com os amigos, com os quais cortou contato por medo de Colton pressioná-los para saber do seu paradeiro. E embora tivesse Kelsey, ela era sua estagiária, não uma amiga de verdade. Aos vinte e cinco, Faith era quatro anos mais velha que a garota, que tinha o próprio grupo de amigos. Nova York não era propícia para conhecer pessoas se você não se esforçasse, se não frequentasse uma academia ou estudasse. E Faith não fazia nada daquilo. Ela mantinha a discrição, cuidava da loja e ia sozinha para casa à noite.

Os pensamentos foram para Jason, o homem que conheceu. Ela se sentiu boba, mas colocou o cartão dele no bolso do casaco e agora passava a mão pelo papel frio na esperança de que isso a fizesse se sentir melhor, mas não tinha intenção de ligar para ele.

Ele não precisava dos problemas dela, nem era seu amigo. Só foi solícito.

Forçou-se a pensar no incidente e em quem poderia ter feito aquilo. Será que foi seu irmão? E por que outra pessoa faria algo assim? Mas como ele a encontrou? Toda a documentação estava em nome da empresa, não no dela. Não postava fotos suas nas redes sociais, nem no site da loja, e mudou o sobrenome para se assegurar de que estaria protegida. Mas se os dois incidentes consecutivos diziam alguma coisa, era que a segurança não existia.

Assim que a polícia chegou, verificaram a loja antes de liberar sua entrada. Passou por cima do tijolo que foi usado para quebrar o vidro. Graças a Deus a pessoa que fez aquilo não entrou. O equipamento e os balcões estavam intactos, e ela suspirou aliviada.

A perícia chegou para procurar digitais e embalou o tijolo como prova enquanto outro policial pegava o depoimento de Faith. Ficou em dúvida se devia ou não contar a ele sobre as ameaças e os ataques de Colton, mas aquilo só os faria entrar em contato com a delegacia da sua cidade para que o interrogassem, e ela não queria alertá-lo quanto ao seu paradeiro, pois havia a chance de ser apenas uma coincidência. Se encontrassem as digitais dele, teriam a prova. Afinal de contas, ele era fichado. Do contrário, não poderiam acusá-lo.

Os policiais a deixaram sozinha com a bagunça da loja. Por sorte, o dono do estabelecimento ao lado pediu ajuda a alguns amigos para colocarem um tapume no lugar da porta até que ela arranjasse alguém para consertá-la durante a semana. E não havia nada que pudesse fazer quanto à pichação até conseguir agendar com a equipe de limpeza.

Faith se recusava a permitir que o irmão a fizesse fugir da própria empresa. Então, apesar da bagunça lá fora, fez os doces que precisaria para aquele dia e abriu a loja.

*

Três dias se passaram até Jason poder dar total atenção para Faith. Não queria encontrá-la com a cabeça cheia. Com o divórcio da mãe e a repentina onda de ligações que ela fez para o filho, as conversas com seu irmão, a

aflição de Sienna e os problemas dos negócios, Jason ficou muito ocupado. Quando voltasse a vê-la, queria estar livre para algo além de pedir para que ela entrasse em contato com Izzy para falar das lembrancinhas do aniversário de Noah.

Queria uma estratégia para *elas*.

O comentário de Gabe sobre as atitudes de Jason com relação a Faith não saiu de sua cabeça. *Desistir dela com tanta facilidade não parece algo que um Dare faria*. Jason estava ciente de que o amigo esperou um bom tempo por Izzy, e quando finalmente teve uma chance, precisou deixar que ela passasse por um processo de autoconhecimento antes de ficarem juntos. Gabe se manteve afastado, mas a vigiou o tempo todo.

Com o rosto lindo e o corpo delicioso de Faith em seus sonhos, Jason lutou contra o instinto de não se envolver ao mesmo tempo que tudo dentro de si gritava para que fosse verificá-la. Vê-la de novo. Se certificar de que o pneu foi obra do acaso e que ela estava bem e segura. Agora tinha uma razão para procurá-la e decidiu se esforçar mais para avaliar o que poderia acontecer entre eles.

Não queria incluir mais alguém à lista de pessoas com quem se preocupar. Mas em uma única noite, ela entrou na sua cabeça e não deixou escolha.

Foi para o carro e digitou o nome da loja no GPS, pronto para colocar seu plano em ação. Ao se aproximar, viu as vitrines pichadas e a porta coberta por um tapume.

— Puta merda. — Seu estômago embrulhou e os instintos de proteção afloraram. Ele procurou uma vaga e encontrou um estacionamento a alguns quarteirões de lá. Entregou o carro ao manobrista e correu para a Sweet Treats.

Logo que entrou, o cheiro de doces o atingiu, um aroma delicioso e acolhedor que o fez se lembrar da sua garota. Não havia sinal de vandalismo, graças a Deus, mas ele não viu Faith.

— Olá? — chamou.

Ela se levantou. Estava ajoelhada perto do balcão.

— Jason! — ela disse, obviamente surpresa ao vê-lo.

— O que aconteceu aqui? — ele perguntou, sabendo que parecia estar bravo, porque era assim que estava se sentindo. Quem aterrorizaria uma mulher desse jeito?

Ela suspirou.

— Vandalizaram a loja no domingo, e só consegui alguém para vir consertar tudo na semana que vem.

— Domingo? E por que você não me ligou? — Ele foi tomado pela culpa por ter ignorado seus instintos.

Não havia ficado preocupado por causa do pneu? Ele sabia que não deveria ignorar sua intuição. Tentou se livrar dos pensamentos sobre Levi. Faith estava ali, diante dele. Por enquanto estava segura, e pretendia se certificar de que ela permanecesse assim.

— Sério? — Ela saiu de trás do balcão com as mãos nos quadris e olhou feio para ele. — Nós mal nos conhecemos. Por que eu te incomodaria com os meus problemas?

Ele se aproximou, colocando a mão no queixo dela. Os dois se encararam como se tivessem em uma batalha de egos.

— Porque tivemos uma conexão, e você sabe disso. Porque eu posso te ajudar e, obviamente... — Ele apontou para a porta. — Você precisa de ajuda. Onde está a Kelsey? — ele perguntou, mais gentil, acariciando a bochecha de Faith antes de recuar e dar espaço a ela.

Faith ofegou.

— Está gripada. Estou cuidando de tudo sozinha, mas ninguém está entrando na loja. Acho que estão me evitando por causa do estrago. — Ela fez uma careta, parecendo mais irritada que assustada, o que o tranquilizou.

Ele pegou sua mão macia e a examinou, inspecionando-a dos pés, com o tênis rosa, subindo pelas pernas, passando pelo avental, os seios fartos e tentadores e até o cabelo, preso no alto da cabeça.

— Você parece estar bem — ele murmurou para si mesmo, aliviado.

Ela piscou em óbvia descrença.

— Nossa, uma ótima forma de fazer uma mulher perder a cabeça. *Você parece estar bem* — ela disse, imitando-o.

Jason balançou a cabeça e sorriu.

— Só quis dizer que você não parece estar machucada e está linda. — E era verdade. O coque bagunçado e a camiseta rosa com o logo da loja abraçando suas curvas lhe caíam muito bem.

Ela riu.

— Agora você está mascarando demais a verdade.

— E você está tentando evitar falar sobre que aconteceu aqui. — Ele a levou até a mesa mais próxima e puxou uma cadeira. — Sente-se e converse comigo.

Ela estreitou os olhos enquanto se acomodava.

— Cheguei cedo no domingo e encontrei... isso. — Ela apontou para a vitrine e sua expressão mudou de triste para furiosa.

Ele aproximou a cadeira antes de se acomodar.

— Você acha que tem alguma relação com o pneu furado?

— Não faço ideia — ela respondeu. De repente, ficou séria.

Não foi imaginação. Em um instante, ela estava envolvida com a conversa e, no seguinte, se fechou para ele.

Desde o momento que a viu, Jason a rotulou como especial. Ainda não se permitia pensar nela como sua. Faith estava certa ao dizer que eles mal se conheciam. Mas se ela achava que ele deixaria passar algo tão importante quanto sua segurança, estava prestes a saber que Jason Dare não brincava quando se tratava das pessoas com quem se importava. E ela havia acabado de ser adicionada àquela pequena lista.

Capítulo três

JASON SABIA QUANDO proceder com cuidado, então avaliou o pânico repentino de Faith e decidiu abordar o assunto por um ângulo diferente.

— Certo, está óbvio que você não confia em mim... ainda. Então vamos começar assim: vou fazer sua loja voltar a funcionar. — Assim ele provaria que era digno de confiança e que não a decepcionaria.

Faith franziu a testa e balançou a cabeça.

— Liguei para todos os lugares. Ninguém tem disponibilidade.

Ele ergueu uma sobrancelha diante do desafio e pegou o celular para ligar para um dos empreiteiros que trabalhou na TEN29 e que lhe devia um favor.

— Sam? É o Jason Dare.

— E aí, cara? Tudo bem? — Sam Fremont perguntou.

— Estou bem e você? Como está a Lisa e a princesinha de vocês?

— Estão bem. O médico disse que faltam só mais duas sessões para terminar o tratamento — ele falou, o alívio na sua voz era óbvio.

— Que bom! Sinto muito por ligar em cima da hora, mas uma amiga está com um problema. — Ele começou a explicar sobre a pichação e o vidro da porta. — Quando você pode vir?

Sam tinha acesso a vidraceiros, equipes de limpeza e a qualquer coisa que Faith precisasse.

— Vou dar uma olhada e cuidar do que puder pessoalmente. O que não conseguir fazer, peço para alguém. Chego em uma hora. Me mande o endereço por mensagem.

— Ótimo. Fico te devendo uma. Estarei aqui para te receber daqui a uma hora — ele repetiu para que Faith soubesse. Ela arregalou os olhos.

— Como você fez isso? — ela perguntou enquanto ele digitava o endereço e o nome da loja e mandava para Sam.

Não era fácil falar do assunto, mas era um passo para ganhar sua confiança. E se ele queria mantê-la segura, precisava entender contra o que ela estava lutando. Ia além de brincadeira dos garotos do bairro. Disso ele sabia.

Jason pigarreou e olhou para os belos olhos verdes de Faith.

— A filha do Sam foi diagnosticada com leucemia, e ele entrou em pânico.

— Não posso nem imaginar — ela falou com a voz cheia de emoção.

— Bem, a minha irmã enfrentou essa doença quando era mais nova. Ela fez um transplante de medula. — A necessidade fez o pai infiel de Jason revelar à esposa que precisava testar os filhos para ver se eram compatíveis. A vida deles estava uma bagunça na época.

— Jason, eu sinto muito. — Faith estendeu a mão e pegou a dele. — Como ela está?

— Bem. Saudável. Já é mãe. — Ele sorriu ao dizer aquilo. — Mas eu pedi para ela entrar em contato com Sam e a esposa dele, a Lisa. Ela os ajudou durante o processo, manteve os dois calmos e ofereceu o máximo de conforto que podia. — Ele deu de ombros. — Sam acha que está em dívida comigo por isso.

Jason balançou a cabeça e quando as coisas voltaram a entrar em foco, percebeu que Faith tinha os olhos marejados.

— Você tem um coração enorme — ela murmurou.

— Não fiz nada de mais — ele falou, desconfortável com o elogio por algo tão pequeno. — A Sienna passou pela mesma coisa, e eu sabia que ela poderia ajudar. E agora, o Sam vai te ajudar. Esse lugar vai voltar a funcionar como deveria.

— Não sei como te agradecer — ela falou baixinho.

— Eu sei. Saia comigo — ele falou, assumindo sua posição insistente, mas esperando ser encantador também.

Estava jogando limpo? Não.

Ele se importava? Nem um pouco.

Jason fez menção de se levantar antes de Faith responder, decidindo que já havia cumprido seu papel para convencê-la a fazer algo que ela desejava.

— Jason... — ela falou, deixando que ele soubesse que não gostou de ser encurralada.

— Eu sei. Não é uma boa ideia. — Ele encontrou o olhar dela. — Só estou esperando você explicar a razão.

— Tudo bem. Sente-se.

Ele fez o que ela pediu e esperou pacientemente, entendendo que o que ela tinha a dizer era difícil.

— Minha mãe faleceu repentinamente há pouco mais de um ano. — Lágrimas encheram seus olhos. Ele pegou sua mão.

— Sinto muito.

Ela fungou.

— Obrigada. Eu também. Enfim, eu morava em Iowa, onde cresci. Meu pai foi embora quando eu tinha quase onze anos. Não faço ideia do que aconteceu com ele, mas minha mãe fez tudo ficar bem. Ela trabalhava duro para pagar as contas. Eu fui para a universidade e trabalhei em uma loja na cidade. Meu irmão era o problema. Ele se rebelou depois que nosso pai foi embora e começou a usar e traficar drogas. Minha mãe o expulsou de casa.

Ele ouviu, triste pela garotinha que perdeu o pai e cujo irmão era um irresponsável.

— O que aconteceu?

— Depois que a minha mãe morreu, o Colton apareceu, exigindo a parte dele dos bens. Não havia muito, mas minha mãe economizou o dinheiro da herança que recebeu dos pais e tinha um seguro de vida. Eu fiquei com tudo.

— Ela o deserdou — Jason disse, e Faith assentiu.

— Ela não tinha escolha. Ele teria gastado tudo com drogas. Ele estava entorpecido o tempo todo...

Balançando a cabeça, Jason a tranquilizou.

— Não estou julgando. Continue.

Ela engoliu em seco.

— Eu estava dormindo quando ele invadiu a minha casa. — Faith fechou os olhos e estremeceu com o peso da memória dolorosa. — Ele tentou me convencer a dar parte do dinheiro para ele e quando não aceitei, ficou com raiva. Com muita raiva.

Jason ouviu, sabendo que não ia gostar do que estava por vir. Também sabia que não poderia voltar no tempo e impedir toda a experiência pela qual ela passou.

Faith envolveu os braços no corpo, balançando para frente e para trás enquanto falava.

— Ele me sacudiu, segurou meu pescoço e apertou... — Ela forçou os olhos a abrirem. — Quando me soltou, eu gritei. Ele foi embora, mas disse que voltaria para pegar o que era seu.

Jason foi tomado por uma fúria possessiva ao pensar que alguém podia ferir essa mulher meiga, que ainda sorria com facilidade apesar de tudo pelo que passou.

— E o que você fez? — ele perguntou com a mandíbula cerrada para que a raiva não escapasse e a assustasse. Porque, a essa altura, ele queria

matar o irmão dela.

— Eu fugi. Juntei tudo o que podia levar durante a noite e desapareci. Imaginei que seria mais fácil viver em uma cidade grande como Nova York. No início, fiquei em um hotel, encontrei um advogado, mudei meu sobrenome... e aqui estou.

Ele piscou, sabendo que não podia ter sido simples assim.

— A mudança de nome fica nos arquivos públicos.

— Não quando é confidencial porque você pôde mostrar ao juiz os hematomas no pescoço — ela falou, levando as mãos à região.

Sim. Ele ia matar o irmão dela.

— Então ele conseguiu te encontrar? — Jason perguntou, se esforçando para não cerrar os punhos e assustá-la e ela querer fugir *dele*.

Ela assentiu.

— Estou supondo que o pneu rasgado foi um aviso, embora eu tenha que admitir, esperava que fosse obra dos garotos do bairro. Mas vandalizar a loja e quebrar o vidro com um tijolo? Ele quer me assustar para que quando vier pessoalmente eu entregue tudo.

Jason não suportou mais. Ele se levantou e foi até Faith para abraçá-la. Precisava sentir a conexão e tinha certeza de que ela também.

Ela relaxou em seus braços. Ele inalou seu cheiro doce e a abraçou enquanto o tremor passava. Mas ela se afastou logo.

— Você não está mais sozinha. Entendeu? — ele perguntou.

Ela olhou para ele.

— Agradeço sua ajuda com o conserto da loja, mas não se engane, estou muito sozinha.

Ele não ia discutir agora. Certamente fariam sobre isso quando Faith resistisse ao que ele estava começando a planejar para ela.

Ele não desejava que alguém abrisse caminho até o seu casulo emocional, mas essa mulher o fez. Não iria deixá-la se virar sozinha agora que sabia contra o que ela estava lutando. E se isso significasse ir contra *ela mesma* para mantê-la em segurança, não pensaria duas vezes.

*

Faith observou enquanto Sam Fremont, um homem alto com o cabelo preso em um rabo de cavalo, e seu ajudante limpavam a tinta spray da vitrine. Ele chamou uma vidraçaria que enviou alguém para medir a porta. Era como se Jason Dare tivesse feito todos os seus problemas desaparecerem.

Se sempre fosse assim tão fácil...

Já tinha percebido que ele era mais complicado do imaginou quando viu seu sorriso superficial. Uma irmã que venceu a leucemia, um amigo de faculdade que morreu sob circunstâncias misteriosas, uma casa noturna e uma vida da qual ela não sabia nada. Mas queria conhecê-lo, e aquilo era perigoso.

Ainda assim, estava em dívida com ele, e embora não achasse que ele cobraria qualquer coisa, se sentia mal. Se Jason queria um encontro, sairia com ele. A essa altura, mal não faria. Colton já a havia encontrado. Ele devia estar vigiando a loja e tudo o que acontecia lá. Qual o problema se ela saísse com Jason? Estava óbvio que o homem fazia parte da sua vida, pelo menos como amigo.

Jason se acomodou em uma cadeira no meio da loja, de olho no trabalho que acontecia ao redor. Ele saiu uma vez e voltou com sanduíche e refrigerante para todos. Conforme as horas passavam e ele se dividia entre as mensagens que recebia e conversar com os trabalhadores, Faith foi ficando mais confusa.

— Você não tem mais nada para fazer? — perguntou a ele.

Jason ergueu uma sobrancelha como se dissesse: *sério?*

— Não. Quero garantir que o trabalho aqui seja bem executado e que o lugar fique como você quer.

Ela ficou agradecida pela consideração, mas sabia que ele devia ter coisas melhores a fazer do que se preocupar com ela.

— Certo, mas eu posso cuidar de tudo. Não quero tomar mais tempo do seu dia. Posso ficar até eles terminarem, trancar tudo e ir para casa.

Ele cruzou os braços fortes fazendo a camisa verde-oliva com gola padre repuxar sobre os músculos.

— E você acha que vou te deixar sozinha depois do que me contou sobre o seu irmão?

Faith passou o dia sem pensar em Colton.

— Tenho spray de pimenta no chaveiro. — Suas palavras soaram ridículas até para ela.

Não era páreo para o irmão. E se ele tivesse usado drogas? Ela não conseguiria se defender. Sabia disso por experiência própria. Lembranças de uma briga, onde ela tentava tirar as mãos dele de seu pescoço estavam muito nítidas.

— Certo, tudo bem. Agradeço por sua preocupação. — Seria uma tola se batesse de frente com Jason.

— Você ainda não entendeu. — Ele balançou a cabeça e sua expressão era um misto de divertimento e seriedade. — Você vai para casa comigo, linda. Não vou te deixar nem aqui, nem naquele prédio caindo aos pedaços, com uma fechadura vagabunda que seu irmão poderia arrombar com um chute.

— Ei! É o meu apartamento que você está insultando! — O único que podia bancar.

— Só seria insulto se eu estivesse errado. — Ele a observou como se a desafiasse a discordar.

— Eu não posso simplesmente ir morar com você!

Ele suspirou.

— Tudo bem. Se precisa de alguém para dar garantias sobre o meu caráter, podemos ligar para os meus sócios. Ou para a minha irmã. Ou... Ei, Sam! Eu sou confiável? — Jason gritou para o homem que estava descendo a escada. A vitrine já estava limpa.

Sam caminhou até eles e olhou de Jason para Faith, depois de volta para ele.

— É o melhor homem que eu conheço. Olha isso aqui. — Sam levou a mão ao bolso e pegou o telefone, em seguida começou a passar as fotos.

— Esta é a minha filha. — Ele virou o telefone para que Faith pudesse ver a foto de uma fadinha com um sorriso enorme e uma touca de pompom na cabeça.

— Ela é linda — Faith elogiou, deslizando o dedo pelo rosto da menina.

— E se não fosse por ele e por sua irmã, acho que eu e minha esposa não teríamos suportado as fases mais difíceis da doença. — Ele guardou o telefone no bolso.

Faith olhou para Jason e viu o rubor em suas bochechas.

— Tivemos sorte por eu poder te ajudar, cara. Mas estou feliz por Sienna ter feito sua parte. Ela ama arrecadar fundos e fazer qualquer coisa por crianças que passam pelo que ela passou.

Faith gostaria de ajudá-la quando o perigo não estivesse mais à espreita, pensou com tristeza. Por ora, precisava resolver os próprios problemas. E não levá-los para a vida de outras pessoas.

— Obrigado, Sam. — Jason praticamente dispensou o amigo, que acenou e voltou para seu ajudante.

— Então? Ainda acha que eu sou um *serial-killer*? — Jason perguntou.

— Eu não disse...

— Ah! A propósito, minha prima comeu um dos seus pirulitos de marshmallow e ficou louca por eles. Ela pediu para você entrar em contato para discutirem sobre as lembrancinhas do aniversário do filho dela. E agora eu estou te ajudando a alavancar seu negócio. Acho que você pode confiar em mim para te manter em segurança. — Ele sorriu com a declaração presunçosa.

Faith queria dar um soco nele... e beijá-lo ao mesmo tempo. Ele fez sua cabeça rodar, e sabia que era essa sua intenção: desequilibrá-la e conquistá-la ao mesmo tempo, assim ela estaria confusa demais para recusar sua proposta.

Mas ela precisava ser esperta.

— Não estou duvidando da sua capacidade de me manter em segurança, estou me perguntando por que você está me assumindo como sua responsabilidade. — A seriedade tomou conta de seu tom de voz e de suas emoções.

Ele a pegou pela mão e a puxou para os fundos da cozinha, onde poderiam ficar sozinhos. Então a prendeu contra o balcão com seu corpo grande.

— Desde que nos conhecemos, houve uma conexão entre nós. Eu senti, e você também. Ignorei o seu pneu, apesar do meu instinto gritar que era mais que vandalismo. Agora eu sei que não devia ter ignorado. — Ele respirou fundo.

Ela fez o mesmo e o delicioso perfume de Jason a invadiu. Faith se protegeu da atração que sentia por ele, porque o que discutiam naquele momento era muito sério.

— Há muitas coisas sobre mim das quais não falo — ele continuou. — Não estou dizendo que nunca vou falar, apenas por enquanto. Tudo o que você precisa entender é que já estive nessa situação, capaz de talvez impedir que algo ruim acontecesse, e ignorei os meus instintos. Não vou cometer o mesmo erro. Então quando digo que você vai para casa comigo, estou falando sério.

Era a segunda vez que ele mencionava a conexão entre os dois e apesar da cautela, Faith concordou que ela existia. Mas se fosse para a casa dele tinha que ser pela necessidade, não por causa do desejo.

— Obrigada. — Estava grata por sua sinceridade e sentiu que ele também merecia a dela. — Vou com você, mas existindo conexão ou não, nós não vamos dormir juntos.

Um sorriso apareceu naquela boca gostosa.

— Eu pretendia te colocar em outro quarto.
— Ah. — Ela se sentiu idiota e as bochechas queimaram de vergonha. Ele passou a mão por seu rosto, e Faith sentiu arrepios.
— Mas se sentir medo no meio da noite, fique à vontade para dormir comigo.

*

Jason estava tenso enquanto subiam até o apartamento de Faith para que ela pudesse arrumar as coisas para ir com ele. O prédio era pequeno e estreito, com muitos cantos escuros propícios para alguém se esconder. Ele estava feliz por tirá-la de lá antes que algo pior acontecesse. O irmão teria que passar por Jason para chegar a ela.

Quando ela foi para o quarto pegar suas coisas, ele ligou para Gabe, que costumava ter um detetive particular a postos. A essa altura, Jason ficaria devendo muito mais que apenas dinheiro ao primo. Os favores estavam se acumulando, mas não podia evitar.

— Gabe? Preciso de um favor. Sabe o seu detetive particular? Preciso que ele investigue alguém. Colton Holland — ele falou, dando a Gabe o antigo sobrenome de Faith. — Começando em Cedar Pointe, Iowa. Mas acho que ele está aqui. É viciado, então suas companhias não são as melhores. Preciso de qualquer informação que você consiga sobre ele.

Ele prosseguiu explicando o que tinha acontecido com Faith, assim Gabe poderia repassar tudo para o detetive. Na melhor das hipóteses, queria o irmão dela atrás das grades. Sua intenção era garantir que ele nunca mais voltasse para a vida de Faith.

— Pode deixar comigo — Gabe falou. — Vou pedir ao Jack Renault para entrar em contato com você.

— Obrigado, primo.

— Tanto esforço para nunca mais voltar a ver a garota — Gabe disse e riu ao desligar.

Naquele instante, Faith saiu do quarto puxando a mala de rodinhas. Jason guardou o celular no bolso.

— Pronta? — ele perguntou.

Ela assentiu, deixando Jason pegar a mala.

— Você não tem uma casa noturna para administrar? — ela perguntou.

— Tenho. E dois sócios para ajudar em caso de emergência. Tirar você daqui e te acomodar na minha casa é uma emergência.

Ela fez beicinho, e ele teve que se segurar para não beijá-la e provar aquela boca carnuda pela primeira vez. Compreendia a frustração dela... fazer o que ele dizia ia de encontro à sua personalidade independente, mas Faith era inteligente e sabia que ele estava certo.

— Vamos lá. — Os dois caminharam até a porta e seguiram para o carro.

Faith se acomodou no banco macio e o cheiro doce que já associava a ela preencheu o ar ao seu redor. Pouco a pouco, ela estava entrando na vida de Jason. Ele começou a suar, pois por mais que estivesse insistindo para que ela se mudasse para ficar mais segura, estava violando suas próprias defesas.

Ela ficaria em sua casa, a um quarto de distância. E embora a quisesse na sua cama, tinha a sensação de que assim que a provasse, que a tocasse e que a *possuísse*, ela se enterraria tão fundo dentro dele que Jason nunca mais conseguiria arrancá-la de lá. Nunca se sentiu assim em relação a nenhuma mulher. Havia algo em Faith, e aquilo abalava suas estruturas. Uma estrutura que estava disposto a proteger de mais perda e dor.

Ele pigarreou.

— Então, no meu prédio há um porteiro que só permite a entrada de pessoas autorizadas — ele falou, rompendo o silêncio que havia se instalado enquanto dirigia.

— Isso é bom.

— Vou te levar para a loja pela manhã e posso trabalhar de lá durante o dia.

Ela congelou, virando-se devagar no assento.

— Você não precisa ficar vinte e quatro horas por dia ao meu lado.

Jason olhou para ela ao mesmo tempo que segurava o volante com uma mão.

— Você quer estar sozinha na loja quando o seu irmão aparecer?

Ela suspirou e balançou a cabeça.

— Não.

— Então eu vou trabalhar de lá.

Antes que ela pudesse dizer outra coisa, ele entrou na garagem que ficava no subsolo do prédio. Sem dizer nada, guiou-a até o elevador, interpretando o silêncio dela como nervosismo.

Caminharam pelo corredor bem-iluminado, um contraste gritante com o lugar em que ela morava. Jason destrancou a porta e desativou o alarme antes de deixar Faith entrar.

— Aqui estamos. Vou te passar o código e te dar uma cópia das chaves, mas você não vai sair sozinha. Não até que seu irmão esteja atrás das grades. Falando nisso, você falou dele para a polícia?

Ele puxou a mala para dentro e trancou a porta.

— Não. Se não fosse o Colton, eu não queria que eles fossem atrás dele e o enfurecessem ainda mais. Além disso, não temos provas de que foi ele. Se a polícia encontrar digitais no tijolo, terão uma evidência. Podemos mudar de assunto? — Ela se virou, e ele se aproximou e colocou a mão em seu ombro.

— Ei, vai ficar tudo bem. Vou te mostrar o apartamento — ele falou para distraí-la dos problemas.

Ela se animou com a mudança de assunto.

— Por favor, mostre-me o seu palácio — Faith respondeu.

Ele sorriu, fez uma reverência divertida e a levou pelo apartamento enorme que tinha alugado. Quando abriram a casa noturna, ele e os amigos dividiram um apartamento por seis meses, até perceberem que talvez fossem acabar se matando. Então cada um foi para o seu canto. A TEN29 começou a lucrar logo no início e juntando com o dinheiro que o pai deixou investido em seu nome, ele se mudou para esse imóvel maravilhoso.

— A cozinha é nova e bem grande para os padrões de Manhattan — ele falou quando passaram pelo corredor.

— Nossa — ela falou, olhando para dentro. — É incrível. Você a usa com frequência?

Ele balançou a cabeça.

— Não é a minha praia. Não costumo estar em casa na hora das refeições. Mas enquanto estiver aqui, pode considerar que a minha cozinha é a sua cozinha.

— Você sabe que vou fazer isso. O apartamento é ótimo. É realmente grande para os padrões da região.

Ele assentiu.

— Eu o aluguei pelos dois quartos grandes. Minha família é da Flórida e, dessa forma, minha mãe pode ficar aqui quando vem visitar. Minha irmã também, até alguns meses atrás. Agora ela mora aqui em Nova York.

— E o seu pai? — Faith perguntou enquanto ele atravessava a sala, onde havia uma televisão imensa e um sofá gigante e muito confortável.

— É uma longa história que vai ficar para outra hora. — Uma da qual ele não queria falar agora. — Mas minha mãe insistiu em vir para ajudar a combinar as cores para que eu pudesse impressionar as mulheres que

trouxesse aqui — ele disse, sorrindo. — Típico da minha mãe, ela quer que os filhos se casem e sosseguem. — Savannah Dare pode ter seguido uma rota nada tradicional como amante, mas para os filhos? Ela queria o melhor.

— E ela vai conseguir? — Faith se virou, olhando-o com aqueles belos e curiosos olhos verdes.

— Veremos. Minha irmã seguiu outro caminho... engravidou primeiro, mas é indiscutível que ela e o marido, Ethan, estão completamente apaixonados. Alex se casou com uma mulher maravilhosa e tiveram uma garotinha há pouco tempo. — Não havia razão para falar dos meios-irmãos agora. Esperava que ela pusesse um fim ao assunto.

— E você é o solteirão? — ela perguntou, afastando uma pontinha de esperança do pensamento.

— Algo assim. — Ele piscou, a pegou pelo cotovelo e a conduziu até o outro lado do apartamento, onde ficavam os dois quartos. — Venha. Você pode dar uma olhada no seu quarto.

Ele a conduziu até o cômodo que a mãe decorou de acordo com o gosto *dela*, com um edredom floral colorido e as cortinas combinando.

— Ahhh, é tão bonito! — ela exclamou, pegando a mala e a colocando de lado.

— Vou me certificar de contar para minha mãe que você gostou — ele murmurou. Jamais a perdoaria por aquele quarto florido, mas a amava.

— Isso não seria admitir que trouxe uma mulher para cá? — ela o provocou antes de se sentar na cama. Os ombros cederam quando ela finalmente se permitiu relaxar.

— Eu ia perguntar se você está com fome, mas está parecendo muito cansada.

Ela ergueu a cabeça.

— Estou as duas coisas. Você se importaria se eu fechasse os olhos por meia hora antes de comermos?

— É claro que não. Vou pedir alguma coisa. Quer algo em particular?

Ela balançou a cabeça enquanto tirava os sapatos.

— Pode escolher. — Faith puxou os pés para a cama, fechou os olhos e, se ele não tivesse se enganado, apagou antes de sua cabeça alcançar o travesseiro.

Jason foi para seu quarto, completamente ciente de que uma mulher dormia no cômodo ao lado. Vestiu calça de moletom e camiseta, pediu uma pizza grande e se acomodou no sofá para assistir ao canal de esportes.

Não ficou surpreso ao ver o irmão, Alex, na tela. Ele foi jogador de futebol americano na NFL, mas foi forçado a se aposentar devido a uma concussão severa. Ele não podia arriscar outro ferimento na cabeça sem o risco de ter um dano permanente. Ian, o meio-irmão deles e presidente do Miami Thunder, time adversário ao que Alex jogava em Tampa, aproveitou a oportunidade e ofereceu a ele um emprego para preparar os jogadores para a vida fora do futebol. O programa foi adotado pela NFL, e Alex fez muita propaganda e ofereceu treinamentos por todo o país. Também dava entrevistas na TV como à que Jason acabou de assistir.

Ele ergueu o copo de refrigerante para o irmão.

— Isso aí, cara.

Minutos depois, o jantar chegou. Ele colocou tudo na mesa e foi chamar Faith. Ronquinhos fofos soavam no quarto, e ele sorriu.

Embora ela tenha dito para acordá-la, não teve coragem. Ela devia estar cansada demais para dormir tão rápido. O estresse por lidar sozinha com o irmão por tanto tempo deve ter cobrado o seu preço.

Ele entrou, pegou um cobertor e a cobriu. Ficou lá parado como um esquisitão, observando-a dormir. O que esta mulher tinha que o atraía tanto?

Claro, ela era linda. Mas Jason já teve sua cota de mulheres maravilhosas ao longo dos anos e abriu mão de todas quando chegou a hora. Mas Faith era mais que bonita. Ficou óbvio que ela era forte. Juntou suas coisas, saiu de casa e veio para uma cidade grande. Fez tudo sem a ajuda de ninguém. Ela também não perdeu o senso de humor em situações difíceis, nem estava disposta a desistir da independência com facilidade. Tudo o que ele admirava. Mas havia muito mais em Faith, e agora ele teria a chance de saber exatamente quem ela era.

A intenção era levá-la para um encontro, mas em vez disso, ele a levou para casa, para ficar no quarto ao lado do seu. Não gostou dos motivos para a proximidade forçada, mas com certeza absoluta não podia dizer que se incomodava. E essa foi uma primeira vez para ele.

Capítulo quatro

FAITH ESTAVA SOZINHA nos fundos da loja preparando os doces. Dispensou Kelsey mais cedo, pois a garota parecia estar exausta. Quando terminou, foi correndo para o balcão para ser o rosto da Sweet Treats e vender os doces que ela mesma fez. Tinha que contratar outro funcionário, mas precisava fazer as contas para ver se poderia arcar com a despesa. Se tudo continuasse como estava, se não tivesse mais imprevistos como o vandalismo, daria tudo certo.

Ela e Jason tiveram uma discussão frustrante a caminho da loja sobre quem pagaria pela limpeza. Ela não ganhou, pelo menos por enquanto, mas não queria ter mais uma dívida com ele. Além de fazer os reparos na loja, o homem lhe deu um lugar para ficar. Ela *precisava* arcar com suas próprias despesas.

E por falar em Jason, ele improvisou um escritório em um canto da loja. Era um lugar em que não atrapalharia ninguém, mas de onde teria uma boa visão da entrada e da parte de trás do balcão. A porta da cozinha tinha saída para um beco, e ele se certificou de trancá-la, não deixando Faith abri-la nem para fazer o ar circular. Sabia que ele estava certo, então era melhor não discutir.

Ele arrumou e ligou o notebook. Estava com o iPad e o celular, e passou a manhã fazendo e recebendo ligações e chamadas de vídeos com os sócios. Jason não parecia nada preocupado por estar trabalhando na loja em vez de no seu escritório.

Faith ligou para a esposa do primo dele, Isabelle, e ela estava vindo para falar sobre o que queria para a festa do filho. Aquele seria um nicho inédito, outra forma de fazer seus doces irem parar nas mãos de pessoas novas. Estava animada com a possibilidade.

Pela manhã, com a porta nova e a vitrine limpa, as vendas estavam rolando, a rua estava movimentada e as pessoas entravam na loja. O movimento diminuiu na hora do almoço, o que foi bom, assim ela pôde descansar os pés.

Quando estava prestes a se sentar de frente para Jason, uma morena bonita entrou na loja, carregando um menininho no colo.

— Tio Jase! — o garotinho gritou, se contorcendo nos braços da mãe para descer.

Ela o colocou no chão, e ele correu para Jason.

— E aí, garotão? Como você está? — Jason perguntou, ajeitando o menino nos braços e o apoiando no quadril.

— Bem. Minha mãe disse que vai ter doce no meu *amivessário*.

Jason riu, e Faith sorriu para a criança fofa.

— Desculpe o atraso — a mulher que devia ser Isabelle falou. — Eu o levei para almoçar antes de vir na esperança de diminuir o apetite dele.

— Imagina. O movimento só diminuiu agora. Eu sou a Faith — ela se apresentou.

— Pode me chamar de Izzy.

— Então — Jason começou —, que tal eu levar esse menino e a gente cuida dos clientes que entrarem enquanto vocês duas conversam?

— Tem certeza? — Faith perguntou.

— Sim, tudo bem. Vamos olhar os doces.

— Doces! — o menino disse, comemorando.

— Não exagere, Noah — Izzy falou e olhou para Jason com cautela. — Sou eu quem vai ter que lidar com essa energia depois — ela avisou.

O sorriso de Jason não era confiável, e Faith teve uma visão dele com os próprios filhos no futuro. Ele insinuou que não apresentaria ninguém para a mãe, mas ao vê-lo com aquele garotinho, supôs que ele mudaria de ideia algum dia. Sentiu uma certa melancolia ao pensar naquilo, mas afugentou a sensação. Jason era um amigo e só estava fazendo mais favores do que tinha o direito de esperar. Pensar nele como um homem bonito, alguém por quem se sentia atraída, não ajudaria nada na presente situação. Considerá-lo um pai em potencial era uma maneira de seus ovários enlouquecidos arranjarem encrenca.

— Bem, essa expressão me diz muito — Izzy falou, interrompendo os pensamentos de Faith.

Ela piscou e voltou para o presente.

— Desculpa. O que você disse?

Izzy sorriu

— Basicamente que você tem uma quedinha pelo Jason. Não que eu possa te culpar. Os genes dos Dare são potentes. Eu que o diga.

O rosto de Faith incendiou de vergonha.

— Eu não estou... não estava...

— Estava, sim. — Izzy puxou uma cadeira e se sentou.

Faith se juntou a ela, ainda mortificada por ter sido pega sonhando acordada e encarando Jason.

— Mas me parece que a atração é mútua. Ele armou o escritório aqui. O Gabe me disse que o Jason está te ajudando. Não entrou em detalhes, é claro. Mas só de olhar para ele, percebo que continua cuidando para se certificar de que você esteja bem. Aí foi só somar dois mais dois.

— Você não é de fazer rodeios, não é? — Faith perguntou, gostando de Izzy.

— Descobri que a vida é curta demais para não irmos atrás do que queremos. Peguei a rota mais longa para o meu destino. Pensei que talvez eu devesse te ajudar a acelerar a sua — Izzy disse, sorrindo.

Faith não queria cair na gargalhada, mas a verdade era muito mais chata que qualquer coisa que Izzy estivesse imaginando. Embora a química fosse evidente e o desejo, mútuo, sabia que Jason estava cuidando dela por pena e medo de que acontecesse algo que pudesse impedir. Queria ser mais que uma obrigação para alguém. Pelo menos, quando a vida se acalmasse o bastante para deixar as pessoas se aproximarem.

— Eu e o Jason nos conhecemos por acaso. Ele me ajudou com um pneu furado. Muitas coisas aconteceram depois disso, e ele foi gentil o bastante para me ajudar. É só isso que está acontecendo.

— Continue repetindo isso para si mesma. Quando as coisas mudarem de rumo, a surpresa vai ser agradável. Certo, vamos falar dos doces. A cesta que você deu ao Jason estava deliciosa. As crianças vão enlouquecer e as mães vão desejar ter tido essa ideia antes. Vou dar uma festa para o Noah no próximo fim de semana e vou amar se você puder fazê-las como lembrancinhas.

— Vai ser um prazer! Se quiser que eu faça algo especial para crianças, também posso. A festa tem tema? Eu poderia trabalhar com ele e fazer algo parecido com as cestas para os adultos.

— Patrulha Canina. E eu adorei as duas ideias.

Faith teria que pesquisar os personagens infantis. Pensou um pouco mais, então disse:

— Seria um prazer entregá-las na festa e arrumá-las na mesa para te ajudar. Tenho certeza de que você estará muito ocupada no dia. — Ela poderia pedir a Kelsey para cuidar da loja enquanto fazia a entrega e cuidava da decoração.

— Você é um amor! Mas o Jason vai à festa. Por que você não vai com ele e fica lá?

— Imagina. É para a família e os amigos... — Não era seu lugar.

— Que ideia maravilhosa, Iz — Jason falou ao sair de trás do balcão. Noah estava com as bochechas sujas de chocolate e trazia um palito de picolé na mão. — Eu ia te dizer que não queria deixar a Faith sozinha e que não sabia se eu conseguiria ir.

Faith revirou os olhos para o raciocínio dele.

— É dia de semana. — Até lá a polícia já poderia ter ligado Colton à invasão e tê-lo prendido. Não queria discutir as especificidades na frente de Izzy e do filho e espantá-los. Colton era covarde demais para ir atrás dela com gente por perto.

— Nós dois vamos, Iz. Obrigado. E aqui está o seu diabinho de açúcar. Só o deixei comer dois doces.

— Comi *tês*, mamãe!

Izzy assentiu e olhou para Jason fingindo estar brava.

— Você me escutou direitinho — ela falou com a voz cheia de sarcasmo. — Venha com a mamãe, meu bem. Vou limpar o seu rosto. — Ela pegou alguns lenços na bolsa e começou a limpar as bochechas da criança.

Ao terminar, ela se levantou.

— Preciso levar esse pequeno para tirar um cochilo. Às vezes, tenho sorte e ele simplesmente apaga... embora, graças ao tio, suponho que hoje não será um desses dias. — Ela se virou para Faith. — Foi um prazer te conhecer. Estou ansiosa para te ver na festa. Ah, talvez a gente possa almoçar juntas um dia desses. Tchau!

Izzy foi embora apressada. Faith balançou a cabeça e abriu um sorriso largo ao pensar no jeito divertido da mulher.

— Gosto dela.

— O Gabe também. Eles dizem que foi amor à primeira vista, mas levou anos para os dois ficarem juntos. Foi depois que o irmão do Gabe, o Decklan, a prendeu por roubo de carro. Longa história — Jason disse, rindo. — Tenho certeza de que vão te contar na festa.

Ela piscou, surpresa. Não pelas histórias loucas da família dele, mas por causa da festa.

— Você estava falando sério? Quer que eu vá a um evento de família?

Ele assentiu, avaliando-a com os olhos semicerrados.

Ela sabia a razão para que ele considerasse levá-la, e apesar de ser uma ideia prática, também feriu seus sentimentos.

— Assim você pode ficar de olho em mim e garantir que estou em segurança?

Não soube por que aquilo de repente a irritou tanto. Sabia que essa era a base da intimidade, ou melhor, amizade deles. Ou o que quer que fosse essa coisa entre os dois. Mas ao pensar no que Izzy disse sobre como ele a olhava, como ela prestava atenção a tudo o que dizia respeito a ele, desde o caminhar despreocupado até a forma que assumia o controle com os sócios, expressando o que queria de maneira a convencê-los a concordarem com suas ideias... Jason Dare era um homem forte com quem ela podia contar.

E por mais que isso a assustasse, também a fez desejá-lo. E queria que ele sentisse o mesmo. Só por um tempo, pois em algum momento, ela retomaria a vida. Tinha esperança de que Colton seria preso e poderia voltar a construir sua vida em Nova York. Mas enquanto estivesse com Jason... seria errado corresponder à crescente atração?

Ela se aproximou dele, reparando na mancha de chocolate na camisa cor de creme.

— Posso ficar perfeitamente segura no seu apartamento. — Se ia ficar na festa depois de arrumar as coisas, ele teria que *querer* sua presença.

— Você não vai ficar em casa — Jason falou com a voz rouca.

Os mamilos de Faith se eriçaram com o som sensual.

— Por que não?

— Porque não. — Ele se aproximou, o corpo grande se elevando sobre o dela.

O calor corporal e o aroma almiscarado a rodearam, e ela sentiu sua pele formigar.

— Porque *não*? — Ele precisava dizer que a queria lá.

Jason estendeu o braço e deslizou a mão pela nuca de Faith, os dedos entrelaçaram seu cabelo e puxaram a cabeça para trás ao dizer:

— Porque eu te quero lá. Eu. Te. Quero.

*

Jason sabia que ela o estava incitando a confessar o que ambos sentiam. O que era impossível negar. E estava lutando contra seu desejo por essa mulher. Enquanto precisasse da sua ajuda e também o desejasse, ela era dele.

Deslizou a língua para dentro da boca de Faith e soube que estava perdido. A excitação o rasgou, rápido e com força, o calor daquela boca e a forma como ela pressionava o corpo no dele o deixou com tesão. Ele a puxou pelo cabelo, e ela gemeu, as vibrações agitaram seu corpo. Ela passou os

braços ao redor do seu pescoço, se aproximando e derrubando as suas defesas. Com um gemido, ele enroscou a língua na dela, então desceu pela lateral do pescoço, beijando, mordiscando e sugando a área sensível atrás da orelha.

Ela o agarrou pelo cabelo enquanto ele provava sua pele e descobria se era tão doce quanto ela. O pênis latejava à medida que desejo o consumia, rápido e furioso, baseado apenas em um único beijo. Podia ficar ali para sempre, se deliciando com a boca de Faith, aprendendo o que ela gostava e deixando sua marca nela.

Mas, de repente, o tilintar do sino da porta os interrompeu. Faith se assustou e se afastou dele, arrumando o cabelo e passando a mão pela boca, as bochechas coradas ao encarar a cliente.

— É... oi. Eu só queria comprar alguns doces — a mulher disse, indo em direção à porta, envergonhada.

— Não, espere. Eu sinto muito. O que você gostaria? — Faith correu para o balcão, deixando Jason com uma ereção que nunca teve antes e incapaz de falar. Ele se sentou diante do notebook e respirou fundo, esperando conseguir voltar ao trabalho.

Um tempo depois que a cliente saiu, Faith foi para os fundos arranjar o que fazer, obviamente evitando-o. Ele não quis ir atrás, pois sabia que ficariam sozinhos no seu apartamento à noite. No período da tarde, a loja ficou movimentada com o fluxo de saída da escola. As indicações devem ter corrido, e adolescentes entravam e saíam, mantendo Faith ocupada.

Jason não captou nada que parecesse suspeito, porém percebeu que precisaria de uma foto do irmão dela se quisesse reconhecer alguém rondando o local. Entrou em contato com o detetive que Gabe indicou, mas ele disse que não encontrou rastros de Colton na cidade. Ele rastreou os movimentos do irmão de Faith na cidade deles até uma semana atrás e depois disso, o rapaz desapareceu. Mas o detetive seguiria com a busca.

Finalmente o dia terminou. Como a loja fechava às seis durante a semana, eles poderiam ir para casa. Ele a ajudou a limpar tudo em silêncio. Compreendeu que ela ainda estava perturbada por causa do beijo. Ficou óbvio que Faith não era tão experiente quanto as outras com quem já se envolveu, e gostou muito desse pormenor. Ela era única, especial e Jason estava obcecado por ela. Se Colton se aproximasse, teria que se ver com ele.

Já estavam no carro quando ele se virou para falar com ela. Não comeram nada desde o almoço e Jason estava morto de fome.

— Que tal comida italiana para o jantar? — ele perguntou.

Os olhos dela se iluminaram à menção de comida.

— Claro.

— Conheço um lugar ótimo. Podemos ir lá. O dono é amigo do meu primo, que foi quem me apresentou a ele quando me mudei para cá. Você vai amar a comida.

— Ah, você quer ir até lá em vez de pedir? — ela perguntou, parecendo surpresa.

Ele riu. Queria conversar com Faith em um lugar em que ela não pudesse fugir para o quarto. Precisava se certificar de que ela tivesse entendido que o beijo significou alguma coisa.

— Você está me devendo um encontro, linda.

O rosto de Faith corou, e ela se virou para ele.

— Eu aceitei sair com você?

Jason parou no sinal, e acariciou sua bochecha.

— Quando você foi morar comigo, ficou subentendido que jantariamos juntos.

Ele seguiu para um edifício-garagem, deixou o carro com o manobrista e os guiou, com a mão nas costas dela, até um restaurante com o estilo antiquado do norte da Itália.

O dono, que se chamava Gino, o cumprimentou assim que entraram.

— Jason Dare, há quanto tempo! Rosa! O Jason está aqui!

Uma mulher corpulenta saiu correndo da cozinha para cumprimentá-los.

— Jason! Você veio com o Gabriel? — ela perguntou, dando um beijo em sua bochecha.

— Ele está em casa com a família — Jason disse. — Mas eu trouxe uma amiga. Faith, essa é a Rosa Bianci e seu marido, Gino. Ela faz o melhor macarrão da cidade. Esse lugar é um tesouro escondido.

Rosa, uma mulher mais velha e atraente de cabelos escuros, sorriu para Faith.

— Ah, que moça bonita. Você finalmente trouxe alguém para conhecermos! — Ela levou as mãos às bochechas de Faith. — É um prazer te receber aqui.

— É um prazer conhecer vocês — Faith disse.

Ela sorriu e olhou para Jason, que se alegrou por ela não ter se incomodado com a simpatia de Rosa.

Nunca levou mulheres lá, o que era proposital. Rosa, que gostou dele desde o primeiro momento, presumiria que era mais que apenas um jantar. E

Jason não queria que a acompanhante acabasse fazendo a mesma suposição. A presença de Faith dizia muito.

— Venha — Gino chamou. — Sua mesa preferida está livre. — Ele os conduziu até um cantinho nos fundos que Jason conhecia muito bem.

— Às vezes, venho até aqui e me sento no canto para trabalhar — Jason explicou. — Essa mesa é tranquila.

— E você nunca traz mulheres aqui. Interessante — Faith disse, baixinho.

Jason sorriu ao puxar a cadeira para ela. Já estava prevendo que ela o interrogaria sobre sua vida amorosa. E não se importava em responder. Ela já sabia que a mãe dele nunca conheceu ninguém com quem ele se relacionou. Faith tinha uma forte suspeita de quais eram as suas intenções. Só não entendia por que ele reprimia tanto as emoções. Se ela perguntasse, ele confessaria algumas coisas, mas não tudo.

Jason pediu abobrinha empanada e uma garrafa de vinho, e então se recostou na cadeira e observou Faith. Depois de um longo dia de trabalho, ela ainda estava tão bonita quanto quando a viu sair do quarto pela manhã. Amava o fato de ela usar a camiseta da Sweet Treats sem se preocupar em estar mal-arrumada, sempre confortável consigo mesma.

— Então, como foi o seu dia? — ele perguntou, com um sorriso divertido.

Ela o olhou feio de brincadeira.

— Está querendo falar do beijo? — perguntou, surpreendendo-o ao abordar o assunto primeiro.

Ponto para ela, pensou. Talvez não tivesse dado a Faith o devido crédito.

— Só se você tiver algum problema com o que aconteceu.

— Que tipo de problema? Talvez ter sido tão bom que eu quero repetir a dose?

A confissão o deixou perplexo e excitado.

Os olhos dela se arregalaram quando percebeu as palavras que deixou escapar.

— E eu ainda nem tomei vinho para usar como desculpa pela sinceridade — ela resmungou balançando a cabeça.

— Que bom que eu também quero repetir a dose — ele falou, brutalmente honesto. Jason estendeu a mão sobre a mesa, pegou a dela e a acariciou com o polegar. Permitiu que o silêncio se instalasse por um momento antes de voltar a falar: — Confesso que não planejei nada disso,

mas você está aqui, está na minha vida, e não vou só te proteger, eu vou te conquistar — ele falou, as palavras tão sinceras quanto os sentimentos que se intensificavam e continuavam baixando a sua guarda. — Algo a contestar? — perguntou.

Ela engoliu em seco.

— Não.

— Que bom. — Ele se encheu de satisfação. Sentiu o poder daquele beijo, e soube que estavam destinados a repeti-lo... muitas e muitas vezes. Queria colocar a boca e a língua em outras partes dela, provar a doçura inata de Faith.

— Vinho! — Gino falou, indo até a mesa e abrindo a garrafa. Ele serviu um pouco para Jason provar.

Ele aprovou e fez um gesto afirmativo com a cabeça. O homem mais velho serviu a bebida. O restaurante estava começando a encher, e Jason ficou feliz por terem chegado a tempo de conseguir sua mesa favorita e mais isolada.

— Tudo bem se eu trazer o especial da casa? — Gino perguntou. — Minha Rosa vai amar mimar vocês e ela fez com amor.

Faith sorriu para Gino.

— Por mim, tudo bem — ela falou.

— Por mim também.

Gino saiu e Faith olhou para Jason.

— Me diga, Jason Dare, qual é a sua com as mulheres? Não quis apresentar nenhuma à sua mãe, e essas pessoas aqui são amigos próximos e nunca conheceram ninguém com quem você saiu. Sei que você não é gay. O que está escondendo? — Faith apoiou o queixo nas mãos, sorrindo ao colocá-lo sob os holofotes.

Ele se preparou para essa pergunta e escolheu o problema mais simples do seu passado para contar.

— Meu pai era bígamo. Ou o mais perto de um bígamo que se pode ser sem se casar com duas mulheres ao mesmo tempo.

Ele *odiava* falar de Robert Dare. O homem criou Jason e os irmãos, esteve presente, e ele pensava que a família deles era maravilhosa... até descobrir a verdade.

— Espere... o quê? — Faith perguntou, perplexa como qualquer pessoa racional ficaria.

— Meu pai tinha outra família com uma mulher com quem era legalmente casado. Teve cinco filhos enquanto teve um caso com a minha

mãe e criou a mim e aos meus irmãos. Ela sabia, ou descobriu, e ficou com ele mesmo assim. — Toda vez que abordava o assunto sentia uma dor latejante na testa. Mas não era nada comparado à dor de perder o melhor amigo, então, por mais que doesse, ele permaneceria nessa parte do passado.

— Uau. Isso é... horrível. Sinto muito — Faith murmurou.

Ele assentiu.

— É complicado. Ele se casou com Emma St. Claire para unir duas famílias. Não foi um casamento por amor, e em vez de tentar se entender com a esposa, Robert conheceu a minha mãe e se apaixonou. Era assim que ele justificava o que fez. — Jason balançou a cabeça. — Embora não soubéssemos na época, ele dizia à outra família que estava viajando a negócios, cuidando dos hotéis, mas na verdade, estava conosco. — Ele engoliu em seco. — Ele perdeu formaturas e aniversários deles, mas ia aos nossos. Usava a desculpa de ser apaixonado pela minha mãe, e não por Emma.

— Que cretino — Faith murmurou, e Jason riu.

— Palavras mais verdadeiras nunca foram ditas antes.

— Como você descobriu?

Ele tomou um bom gole de vinho. Faith fez o mesmo.

— Foi quando a Sienna ficou doente. Ela foi diagnosticada com leucemia. A quimioterapia e os tratamentos não funcionaram, e os médicos sugeriram fazer um transplante de medula óssea. Nenhum de nós era compatível, então o Robert decidiu procurar a *outra* família e pedir que eles fizessem o teste.

Faith se inclinou para a frente, totalmente envolvida na história. Ele não julgava o interesse.

— Ele soltou a bomba sobre a família legítima, deixou todo mundo arrasado e, ainda assim Emma teve a bondade de permitir que os filhos fizessem o teste. Avery, a mais nova, era compatível e foi a doadora.

Jason se lembrou daqueles dias difíceis e suspirou.

— Acho que posso dizer que isso fez com que eu fugisse de relacionamentos e tivesse problemas para confiar nas pessoas. — Ele também temia que as pessoas que amava fossem deixá-lo, o que teve origem no comportamento do pai.

— Todos os irmãos fizeram as pazes. As garotas são mais próximas, mas somos uma família.

— E os seus pais? Em que pé estão agora? — Faith perguntou.

Jason fez uma careta.

— No momento, meu pai está apaixonado por outra mulher e se divorciando da minha mãe. Tem sido difícil — ele falou, girando o vinho na taça. — Minha mãe sabia da primeira esposa e ficou com ele. Não que ela soubesse no início do relacionamento. Mas agora, ela o está perdendo pelo mesmo motivo.

Faith olhou para ele.

— Você não teve o melhor dos exemplos de casamento estável nem de família, não é? — ela murmurou.

Ele balançou a cabeça. Mas, lá no fundo, diria que a morte de Levi o impactou muito mais como adulto do que a traição do pai.

— Há muito mais — ele confessou. — Mas não estou muito confortável para falar disso agora — ele disse, preparando-se para que ela insistisse.

— E eu respeito — ela falou, com gentileza. — Tudo tem seu tempo.

Ele piscou, surpreso por ela não ter feito mais perguntas. Sabia que ela devia estar curiosa. Ainda assim, respeitou os seus limites, e ele ficou grato por isso.

— Jantar! — Gino disse, aparecendo bem a tempo, na opinião de Jason.

Comeram um nhoque delicioso, acompanhado da abobrinha empanada e *cannoli* caseiro de sobremesa. Quando terminaram, Faith parecia prestes a desabar, a exaustão começava a dominá-la.

— Está pronta para ir para casa? — ele perguntou.

Ela assentiu.

— Podemos passar no meu apartamento? Peguei poucas camisetas da loja e estou cansada demais para lavar e secar essa.

— Claro. — Eles seriam rápidos, assim ela poderia voltar para a casa dele e ir dormir.

Mas quando chegaram ao prédio e subiram as escadas mal iluminadas, encontraram um tapume na porta. Obviamente, alguém havia arrombado. A madeira estava rachada e havia fita amarela de um lado a outro.

— Meu Deus! — Faith pegou uma das fitas, determinada a entrar, mas Jason a segurou pela cintura e a puxou.

— Espere. Não sabemos o que aconteceu. Você tem contato com o locatário?

Antes que ela pudesse responder, um homem careca com uma barriga de cerveja enorme surgiu do outro lado do corredor e veio na direção deles.

— Já era hora de você aparecer — ele falou com uma cara feia e visivelmente irritado.

— Sr. Donovan, o que houve? — Faith perguntou.

— Os vizinhos disseram que ouviram um barulho no meio da noite e, no dia seguinte, sua porta estava quebrada.

— Ninguém veio ver a causa do barulho? — Jason perguntou, descrente. Seu instinto quanto à vizinhança foi certo.

O homem corpulento balançou a cabeça.

— Você vai pagar pelo conserto da porta, mocinha.

Jason se aproximou do homem.

— É srta. Lancaster para você. E que tal se afastar? Chamou a polícia?

— Não é minha obrigação, nem problema meu.

— Será problema seu se estiver faltando alguma coisa e você não prestou queixa. Ela também não vai pagar pela porta. É sua obrigação. — Jason passou pelo homem e, com cuidado, removeu a fita da porta.

— Jason, está tudo bem. Depois eu cuido disso. — Faith disse.

Donovan balançou a cabeça e foi embora resmungando.

Jason segurou a mão de Faith e entrou primeiro no apartamento, que estava revirado.

Capítulo cinco

FAITH MANTEVE A compostura, mas estava decidida a não permitir que Colton a atingisse. Sobreviveria a isso como sobreviveu a tudo o que ele fez: com garra e determinação.

Ela passou por cima das almofadas, que estavam no chão, os livros que folheou e rasgou e as coisas das gavetas que deixou abertas depois de vasculhá-las. Ela não sabia por que ele pensou que ela seria idiota ao ponto de deixar dinheiro na casa, mas era assim que um viciado desesperado pensava.

— Você está bem? — Jason perguntou, segurando sua mão. Ele era uma presença sólida ao seu lado.

— Estou. — Ela endireitou os ombros. — Não havia nada aqui para ele encontrar.

— Não está sentindo falta de nada?

Pela primeira vez, olhou além da bagunça no chão. Ela tinha uma televisão pequena que trouxe de Iowa e que ficava no balcão da cozinha. Não estava lá.

Ela engoliu em seco.

— A televisão. Meu notebook também teria sumido se eu não tivesse levado para o trabalho. — E todos os arquivos da loja ficavam no aparelho. Ficou aliviada por ele não estar lá.

— Joias? — ele perguntou.

— Ficavam em uma caixinha perto da cama. Tinha alguns colares e... Ai, meu Deus, o colar da minha mãe! — Ela se afastou e correu para o quarto, que estava tão revirado quanto a sala.

A cama foi destruída, as roupas, atiradas para todo lado, provavelmente só por despeito. Ela se ajoelhou ao lado da mesinha de cabeceira que tinha comprado em uma loja de móveis usados e congelou. As portas estavam abertas e, lá dentro, onde ficava a sua amada caixa de joias, não havia nada.

— Não está aqui. — Foi quando se deu por vencida. — A única coisa que me restava da minha mãe não está mais aqui.

Jason se ajoelhou ao lado dela.

— Nós vamos encontrar — ele prometeu.

Ela o olhou, sentindo os olhos marejarem e não pôde conter as lágrimas. A dor por perder a mãe sempre estava presente, mas não teve

escolha a não ser seguir em frente.

Aquele golpe foi dolorido.

— Você não pode ter certeza disso. — Jason estava com uma expressão séria.

— Sei que posso fazer o meu melhor. Precisamos pensar à frente dele. Aposto que seu irmão penhora as coisas para conseguir dinheiro. Você tem uma foto do colar? Se não tiver, pode descrevê-lo, meu detetive particular pode procurá-lo nas lojas de penhores da área.

— Detetive particular? — Sentiu as pernas doerem e se levantou. Ele fez o mesmo e ambos se sentaram na cama bagunçada.

— Jack Renault. Ele está procurando seu irmão. Eu queria saber se o Colton estava na cidade, mas acho que não há dúvida. Ele só é bom em se esconder. — Jason franziu a testa, a frustração dele com a situação era óbvia.

— Você mal me conhece e contratou um detetive? Você me deixou ficar no seu apartamento. Não consigo entender.

— Também não sei bem o que estou fazendo, mas estamos aqui. — Ele ergueu a mão, e acariciou a bochecha dela. — Você está segura comigo.

O estômago de Faith se agitou com o desejo inesperado que sentiu por esse homem. Disse a única coisa em que pôde pensar:

— Obrigada.

Ele a recompensou com um sorriso, mas logo ficou sério.

— Precisamos chamar a polícia.

Ela assentiu, sabendo que a noite seria longa.

*

Uma semana se passou desde a invasão e nem a polícia, nem o detetive de Jason tinham pistas concretas. Jason manteve Faith por perto, e os dois seguiram com suas vidas. Ele tirou as noites de folga na casa noturna, mas tinha um projeto a implementar, e os amigos estavam ficando ansiosos, esperando que ele fosse até lá e visse o que já tinham conseguido pôr em prática. Não queria deixar Faith em casa sozinha, e por causa do quanto ela ficava exausta depois do trabalho, sacrificou as necessidades do próprio negócio.

O aniversário de Noah era nesse fim de semana. Faith vinha trabalhando duro o dia inteiro para fazer os doces e organizar tudo o que planejou para o evento. A parte boa era que Kelsey tinha voltado e ela não estava cuidando de tudo sozinha.

A parte ruim era que os dois estavam pisando em ovos em função da frustração sexual que surgiu entre eles. Morar juntos significava quartos bem próximos. Mais de uma vez ele saiu do quarto de cueca e foi até a cozinha para pegar algo para beber e a encontrava na sala porque não tinha conseguido dormir.

Ela também, pensando que estaria sozinha, usava um short curto e uma blusa soltinha, os seios fartos escapando pelo decote rendado. Ele despertou com a visão e teve uma ereção instantânea. Ela ficou constrangida, se desculpou e correu para o quarto, mas ele notou a forma como ela olhou o volume na sua cueca, e um rubor lindo e sexy marcou suas bochechas.

Jason nunca hesitava ao aceitar o que era oferecido, mas era esse o problema naquela situação: Ele não tinha certeza do quanto Faith estava oferecendo. Ela estava muito estressada, e ele não queria tirar vantagem dela em um momento de vulnerabilidade. Por outro lado, ele reconheceu os sinais que diziam que ela estava interessada, e ele a desejava demais. Chegou ao ponto de tomar um banho frio antes de voltar para a cama depois dos encontros, tamanho era seu desejo. A pergunta que pairava no ar era: quanto mais os dois poderiam suportar antes de cederem e acabarem na cama?

Ele a observou da cadeira enquanto ela guardava os doces nas prateleiras, cantarolando. Os seios saltavam dentro da camiseta de malha, e ele gemeu.

Assim que ela fechou tudo, foram para casa de carro. Estava prestes a perguntar o que ela queria para o jantar quando seu telefone tocou. Ele atendeu.

A voz de Landon soou no viva-voz.

— Quando vamos ver essa sua cara feia? — o amigo perguntou.

Jason riu, olhando para a expressão divertida de Faith.

— Desculpa, cara. Eu ando ocupado. Já te expliquei.

— Então desocupe e apareça. Já passou da hora de fazermos uma reunião de equipe. Foi você quem quis a expansão, e somos nós que a estamos executando.

Jason se contraiu, pois eles estavam certos.

— Vou hoje à noite — prometeu e desligou.

Faith se virou em sua direção, e embora ele mantivesse os olhos no trânsito, sentiu quando ela estreitou o olhar.

— Seus sócios estão irritados. Eles sabem por que você não tem ido trabalhar? E por que nem sequer passou pela minha cabeça que você tinha outro lugar para ir à noite? — ela resmungou. — Você ficava tão ocupado

durante o dia que esqueci que você administrava uma casa noturna. — Ela apertou as mãos, sentindo a irritação crescer com uma pilha de culpa e recriminação.

Tentando acalmá-la, Jason tocou sua coxa, mas logo detectou o calor de seu corpo e o desejo com que andou lutando e mantendo à distância se apresentou.

— Sou responsável pelas minhas escolhas — ele disse, curto e grosso. — E eu quis ficar com você. Agora eu posso te deixar no apartamento antes de ir para a TEN29. Sei que o Christopher, o porteiro da noite, vai te manter em segurança. Mas me sinto melhor estando por perto. Ainda mais depois que o seu apartamento foi invadido.

Ela balançou a cabeça.

— Vou com você. É o mínimo que posso fazer. Não precisa fazer outra parada por minha causa. Além do mais, vai ser divertido te ver no seu habitat.

Ela sorriu para ele, e Jason riu.

— Tudo bem, mas não leve nada do que os caras disserem para o lado pessoal. O Tanner pode ser um babaca. — Porque ele nunca superou a morte do Landon. Nenhum deles superou, mas cada um lidava com a situação do próprio jeito.

— Eu dou conta.

E ele sabia que era verdade. Até agora, ela vinha lidando muito bem com tudo. Até com o roubo, embora a perda do colar tenha deixado uma marca em sua armadura. Jason ligou para Renault e pediu para ele procurar a joia com base na descrição de Faith e em uma fotografia em que a peça aparecia de longe no pescoço da mãe. Havia diversas lojas de penhores em Nova Iorque para ele vasculhar, e levaria tempo.

Entraram na casa noturna bem depois da hora do jantar, quando as pessoas iam tomar drinks, e a multidão de sexta-feira começava a chegar. Ele fez sinal para Faith subir na frente dele e a seguiu de perto. Entraram no escritório principal e encontraram Tanner e Landon vestidos para passar a noite lá embaixo.

— Ora, ora, ora. Veja só quem resolveu aparecer — Tanner falou.

— Obrigado por vir. Sabemos que você está com a cabeça cheia agora — Landon falou, olhando para Faith.

— Suponho que devo fazer as apresentações. Faith Lancaster, esses são os meus melhores amigos e sócios, Landon Bennett e Tanner Grayson. — Jason apontou para eles.

— É um prazer conhecer vocês — ela falou.

— Pelo menos, agora eu entendo a razão para o Jason estar tão ocupado — Tanner falou, rindo.

Jason lançou um olhar irritado para o amigo.

— É um prazer te conhecer também, Faith. — Landon sempre se comportou melhor.

— Jase, precisamos conversar — Tanner não fez rodeios, e encarou Faith.

Jason revirou os olhos para a grosseria dele.

— Eu posso ficar lá embaixo — ela sugeriu, olhando com pouco entusiasmo para o bar lotado.

— Linda, que tal eu te acomodar no meu escritório por alguns minutos? — Jason perguntou, oferecendo uma opção mais palatável. O que ela menos precisava no momento era ficar rodeada por estranhos, e o babaca do amigo deveria saber disso.

— Claro. Vai ser ótimo. — Os ombros relaxaram e ela ficou aliviada.

Ele colocou a mão nas costas dela e a conduziu até o escritório.

— Fique à vontade. Não vai demorar. Esses caras... às vezes, eles só precisam de um abraço em grupo. — Ele riu e deu uma piscadinha para ela. — E, para falar a verdade, Tanner ladra, mas não morde. — Ele se inclinou e deu um beijo na bochecha de Faith, o cheiro doce e cálido se insinuou. — Volto já.

Ele entrou na outra sala e olhou feio para Tanner.

— Você precisava ser tão babaca?

— Desculpe — ele resmungou. — É só que já fazia um tempo que não nos reuníamos. Não esperava que você fosse aparecer com ela.

— Ela está correndo perigo. O irmão viciado invadiu o apartamento dela na semana passada. Eu contei para vocês. Qual é? — Ele colocou a mão nas costas de Tanner. O homem se segurava à amizade deles como se fosse uma tábua de salvação, e Jason deveria ter percebido que precisava ter aparecido lá muito antes.

Tanner estreitou os olhos.

— O que ela significa para você, Jase?

Ele passou a mão pelo cabelo e olhou nos olhos do amigo.

— Não sei. Não acredito em amor à primeira vista, mas nem fomos para a cama ainda e já sinto algo por ela. E, pode acreditar, eu tentei com todas as minhas forças manter uma distância emocional. Vocês me conhecem.

Sabem que eu mantenho as pessoas longe e sabem a razão. Todos fazemos isso.

Landon se aproximou e colocou a mão no ombro dele.

— Se ela é importante para você, nós vamos te apoiar. Não é, Tanner?

O outro resmungou, mas assentiu. Ele sempre era o último a aceitar quando algum estranho se aproximava do pequeno círculo deles. O que era bizarro, já que quem perdeu o irmão foi Landon, mas a vida de Tanner também não foi fácil.

— Eu agradeço. Agora, quanto à casa, como estão indo as melhorias?

— Jason foi até a janela com vista para o bar, que ficou ainda mais lotado desde que chegou.

Os bartenders serviam bebidas, pessoas se misturavam e dançavam como se não tivessem nenhuma preocupação na vida. Resumindo, uma noite perfeita de sexta-feira na Club TEN29.

— Mais rápido do que esperávamos. Os caras do áudio tinham uma vaga na agenda, então fizeram o upgrade dos alto-falantes e do sistema de som. Eles conseguiram trabalhar durante o dia, já que só funcionamos à noite. Foi tranquilo. — Landon foi até o bar. — Água com gás? — perguntou, olhando de Jason para Tanner.

— Não, obrigado.

— Também não. — Tanner balançou a cabeça. — A segurança também foi reforçada. Você precisa trocar o aplicativo no seu telefone e vai conseguir ver as novas câmeras e as áreas que podemos ver.

— Então agora o que falta são os shows, a programação e a data de inauguração — Landon disse.

Jason franziu a testa. Não estava pronto para decidir quem ele queria na inauguração da nova fase da casa, ainda mais se isso significasse trabalhar com Charlotte, sua ex.

— Vou falar com o Grey — ele disse. O marido da Avery era uma escolha mais segura.

— Eu tenho uma lista, mas teríamos que entrar em contato com empresários, então veja o que consegue com o seu cunhado.

— Você vai ficar a noite toda? — Tanner perguntou.

— Eu gostaria de ver como a Faith está antes de decidir... se vocês não se importarem. — Ele olhou para os sócios.

— As coisas já estão assim? — Tanner disse com sarcasmo, e Landon olhou feio para ele.

— Tudo bem. Podemos cuidar de tudo aqui.

Os amigos eram confiáveis, Jason pensou. Até mesmo Tanner, apesar da tendência de cutucar a ferida das pessoas.

— Vou ficar mais um pouco. Se pensarem em algo mais sobre o que conversar, estou por aqui. — Faith estava segura em seu escritório.

Mas ele precisava achar o irmão dela e retomar a vida antes de ficar envolvido na vida dela ao ponto de perder de vista o que era importante para si mesmo.

*

Faith se acomodou à mesa de Jason, esperando-o voltar. Mexeu no celular, verificou os aplicativos, que não eram muitos, uma vez que havia deletado a conta em todas as redes sociais quando saiu de Iowa, e agora não tinha nada para fazer além de olhar ao redor. O cômodo parecia com a área maior, onde os sócios estavam. Os detalhes cromados e elegantes, as cadeiras, também cromadas, realçavam as mesas de vidro. Tapetes modernos cobriam o chão de madeira, que tinha uma aparência arranhada e granulosa.

Embora não tivesse a intenção de xeretar, o olhar foi para as fotos que ficavam no canto da mesa. Havia o que, obviamente, era uma foto de família, com Jason no meio de um grupo de homens e mulheres, muitos dos quais tinham traços parecidos e deviam ser seus irmãos. Tinha uma foto do casamento de duas pessoas mais velhas, provavelmente seus pais, e uma com Jason, Tanner e Landon muito mais novos ao lado de outro homem idêntico ao Landon, diante de uma estátua. O irmão gêmeo que ela viu no site, a quem a casa noturna foi dedicada.

Sentia muito pelos três. Ela entendia a perda, e eles sofreram quando ainda eram jovens demais. Ela já tinha notado que Jason nunca falou daquela parte de seu passado. Jamais mencionou Levi, nem o fato de que batizaram a casa em homenagem a ele. Gostaria que ele desabafasse. Jason já tinha feito tanto por ela, e Faith sabia que se ele falasse da dor que sentia e se afastasse com cuidado daquilo, podia ajudar.

Franziu a testa ao olhar para a última foto. Uma loira bonita com um garotinho no colo. Faith não tinha ideia de quem era aquela mulher, e um nó inesperado de ciúmes se formou em seu peito. Que ridícula. Acreditava que Jason não era casado. Era óbvio que ele morava sozinho, e ele deixou bem claro o que pensava sobre relacionamentos. Não havia dúvida de que ele tinha um instinto protetor muito forte, do qual ela se beneficiava no momento,

apesar de ele manter distância da maioria das pessoas. E, ainda assim, ele nunca mencionou essa mulher e a criança.

Ela esfregou a mão no jeans, se sentindo ansiosa por ficar sentada ali sem nada para fazer enquanto Jason estava com os sócios, mas devia isso a ele. Então ela se recostou na cadeira e relaxou, aceitando que ficaria ali por um tempo.

Estava começando a cochilar quando o som da porta se abrindo a assustou e a acordou. O medo fez seu coração bater rápido.

— Está tudo bem, sou eu — Jason falou, entrando na sala e fechando a porta.

Sua boca estava seca, como se estivesse cheia de algodão. Embora estivesse acostumada, já que era frequente acordar assim no meio da noite, ficou surpresa por ter caído no sono ali.

— Acho que tive um pesadelo com o Colton. O rangido da porta e o barulho lá de baixo me assustaram. Você só me pegou de surpresa — ela falou, recuperando o fôlego ao se levantar.

— Creio que isso responda à minha pergunta — ele falou.

— Que pergunta? — ela devolveu, confusa.

— Eu ia perguntar se você queria comer alguma coisa e ficar um pouco lá embaixo, mas acho que a multidão e o barulho não sejam uma boa ideia. Vamos pedir alguma coisa quando chegarmos ao meu apartamento. — Ele se aproximou dela.

Era bom vê-lo todo lindo e sensual, de jeans escuro e camisa preta. — Mas os seus sócios... — Ela balançou a cabeça. Não queria que eles se ressentissem ainda mais dela. Ou, pelo menos, mais do que Tanner parecia se sentir.

— Shhhhh. — Jason tocou sua boca com o dedo, inclinou-se e o substituiu pela boca, deslizando os lábios nos dela.

Ela piscou, surpresa, mas se entregou ao beijo e relaxou. Jason lambeu o encontro dos seus lábios, e ela os abriu, deixando-o entrar. Quando ele tocou sua língua, ela se esqueceu de tudo, menos do calor e da sensação dele. Um frio na barriga e uma excitação começaram a correr por suas veias. O desejo substituiu o medo, e ela se perdeu no beijo faminto.

Ele levou a mão ao seu cabelo, enroscando-a em seu rabo de cavalo e puxou sua cabeça para o lado para aumentar a conexão entre eles. Não conseguia se lembrar da última vez que deu um beijo tão longo, lento e *excitante*. Deixou tudo de lado, menos o prazer por estar tão perto desse homem que desejava há tanto tempo.

As longas noites dormindo em um quarto ao lado do dele, se perguntando se ele dormia nu, encontrando-o na sala de cueca, com a ereção à mostra, tudo aquilo finalmente a pegou de jeito. Ela levou as mãos ao rosto dele e o beijou com tudo, se rendendo e baixando a guarda por um único instante. Quando ele liberou seus lábios inchados, ela estava atordoada.

— Ótimo — ele falou, com a voz envolta em desejo. — Você está relaxada agora.

Ela estreitou os olhos.

— Foi por isso que você me beijou? Por que eu estava assustada e aflita?

Os olhos dele estavam sedentos de desejo.

— Eu te beijei porque era o que eu queria fazer há dias. Mas o resultado? Era o que eu pretendia. Pronta para ir para casa? — Ele deslizou os dedos nos dela, que os segurou.

— Pronta.

— Então vamos.

Faith se esquivou de seu olhar potente e mirou no volume em suas calças. Ele não ia conseguir esconder a ereção.

Ela deslizou a língua pelos lábios, ciente do latejar profundo em seu sexo.

— Não me olhe assim ou eu vou te atacar bem aqui, no escritório. Com os meus sócios na sala ao lado — ele falou com a voz gutural que causou estragos no seu bom-senso.

E ela sabia que estava tão excitada que o deixaria fazer exatamente isso. Então agarrou a bolsa e correu para fora.

*

Depois de chegarem ao apartamento, pediram comida italiana, conversaram sobre os problemas dele na casa noturna, mas não tocaram no beijo. Não importava que ela ainda estivesse sentindo os lábios de Jason, nem que ela quisesse levar as coisas um pouco mais longe. Ele voltou a ser o cavalheiro perfeito. Era como se ele tivesse usado o beijo para trazê-la de volta à realidade e despertar sensações que não fossem o medo, mas ele não tomaria uma atitude para resolver a excitação que provocou.

Sem saber o que fazer, ela foi pega desprevenida quando Jason limpou tudo e disse para que fosse ter uma boa noite de sono. Já que ele parecia precisar de um tempo sozinho, ela assentiu e saiu, lutando contra desejos

conflitantes: a necessidade de manter distância para que fosse mais fácil ir embora quando tudo acabasse e o desejo que sentia por ele.

Ela tomou um banho, vestiu um short macio e a blusa do pijama. Foi se arrastando para a cama, odiando admitir que Jason estava certo: estava exausta.

Faith acordou com mãos ao redor do pescoço, o rosto do irmão diante do dela e seu hálito fétido.

— Você sabe o que eu quero, Faith.

Ela tossiu, mas o som ficou estrangulado na garganta. Como ele esperava que ela respondesse se a estava enforcando até a morte?

— Colton.

— O dinheiro. Metade é meu, e eu quero.

Ela balançou a cabeça. A mamãe deixou para mim, ela pensou, sabendo que não deveria desperdiçar o ar precioso que não estava recebendo.

— Não consigo respirar. — Pontinhos dançaram diante de seus olhos, o medo cresceu dentro dela.

Ele afrouxou a mão o suficiente para ela puxar uma respiração dolorosa.

— Me dê o meu dinheiro. Eu vou voltar e, da próxima vez, espero que me entregue o que é meu.

Faith acordou asfisiada, só conseguiu respirar quando percebeu que foi um sonho. Um sonho real, mas um pesadelo que não se realizaria no momento. Estava em segurança. Suspirou e afastou o cabelo do pescoço. Não era a primeira vez que tinha esse pesadelo, e não seria a última. A maioria das noites ela ia para a sala trabalhar nos planos de negócio, sabendo que não conseguiria dormir depois daquilo, mas hoje ela tinha outra opção em mente.

Precisava de conforto e queria braços fortes ao seu redor para lhe assegurar que tudo ficaria bem. Os braços de Jason. Mas era mais que consolo. Ela o desejava como nunca desejou nenhum outro homem. E ele admitiu que a queria.

Compreendia que ele tinha demônios e dores antigas com as quais ainda não tinha feito as pazes. Ele não queria um relacionamento, não queria o felizes para sempre que ela sonhava ter um dia, depois que ficasse livre de Colton. Não queria ficar sozinha para sempre, mesmo não se permitindo pensar em ter amigos e pessoas em sua vida por enquanto.

Ela sabia de tudo isso. Não entraria iludida nessa situação, pensando que poderia mudá-lo. Eram dois adultos que se desejavam. Quando o irmão

estivesse atrás das grades, cada um seguiria seu rumo. Fim da história.

Mas eles tinham o *agora*.

Respirou fundo para reunir coragem, tomou a decisão e saiu em direção ao quarto dele. Abriu e fechou a porta, feliz por ela não ter rangido, e foi até a cama dele na ponta dos pés. Mais uma vez, teve um debate silencioso consigo mesma. Com roupa? Sem roupa?

Nada a impedia, então respirou fundo mais uma vez, tirou o short, a calcinha e a camiseta. Pronto. Estava nua. E antes que mudasse de ideia, se acomodou atrás dele, encontrando-o tão nu quanto ela. Respirou fundo e passou os braços ao redor da cintura de Jason.

Ele se mexeu, mas não acordou. Então ela se aconchegou um pouco mais, encontrando conforto em seu calor. Não queria perturbar o sono dele, algo que desejava desesperadamente para si. Ele acordaria, a encontraria ali e perceberia qual foi a intenção dela. Faith teria que lidar com a vergonha pelo que tinha feito.

Apoiou a bochecha nas costas largas dele, sentiu seu cheiro masculino e começou a respirar devagar, acompanhando o ritmo de Jason, e finalmente relaxou o bastante para cair no sono.

Capítulo seis

JASON ACORDOU ENVOLVIDO em calor. Não era um calor normal, daqueles quando o edredom esquenta muito ou a temperatura está alta demais, mas algo quente o cobria. Tinha as suas suspeitas, mas não queria presumir nada. Então abriu os olhos.

Estava deitado de costas, com o braço ao redor de Faith, a cabeça dela apoiada em seu braço, o joelho sobre seu corpo... e o sexo pressionado em sua coxa.

Ela estava nua.

E para quem normalmente acordava com uma ereção, não era nenhuma surpresa que esta manhã ele estivesse extra... duro. Dizer que estava chocado por ela estar ali era pouco. Encontrá-la nua foi uma deliciosa surpresa que não queria questionar.

Mas precisava.

Ele a beijou nos lábios uma, duas vezes e esperou que ela acordasse.

E então, os olhos verdes e sonolentos se abriram e encontraram os seus.

— Oi — ela falou e as bochechas ficaram em um belo tom de rosa.

— Oi? — A repetição em forma de pergunta foi proposital.

— Acho que você está se perguntando o que eu estou fazendo aqui.

Ele riu.

— Essa seria uma das minhas perguntas.

— Tive um pesadelo e não queria ficar sozinha. — Ela respirou fundo.

— Como você disse que me desejava e me beijou ontem à noite, decidi te dizer o que eu queria.

— Ficando nua. — Ele não tinha intenção de se prender ao fato de que ela tinha pesadelos. A ideia de vê-la magoada e com medo era devastadora.

— Ficando nua. — Um súbito brilho brincalhão e malicioso tremulou em seus olhos. — Consegue pensar em uma forma melhor de me expressar?

Agora, ele tinha a confirmação tanto do desejo quanto de seu consentimento. Não tiraria vantagem de uma mulher vulnerável que contava com ele e não sabia bem o que queria. Foi por isso que a mandou para a cama na noite passada, caso contrário teria cedido ao desejo de retomar de onde pararam com aquele beijo. Ela teve uma noite inteira para reconsiderar. E estava disposta.

O que significava que as restrições mentais que o seguravam tinham desaparecido. Deslizou o outro braço por baixo dela, suspendeu o corpo e a cobriu com ele. A ereção se acomodou entre as coxas de Faith, seu corpo todo estava em alerta máximo.

Com as mãos apoiadas nas laterais da cabeça dela, Jason se ergueu e a olhou nos olhos. Eles eram só vontade, o que combinava com a necessidade pulsando em suas veias.

— Posso supor que você não está bravo? — Um indício de vulnerabilidade soou em sua voz.

Ele não conseguia parar de olhar para os lábios carnudos. Lábios que queria devorar novamente. Responder à pergunta foi fácil.

— A mulher que eu quero ficou nua e veio para a minha cama. Não, não estou bravo. — Ele soltou uma risadinha que mais pareceu um gemido de necessidade. — Além do mais, *parece* que eu estou bravo? — Ele moveu os quadris e roçou a ereção no sexo dela.

Ela gemeu de desejo, e ele a beijou. Prová-la preencheu algo dentro dele, um vazio que não sabia que existia. Assim como encontrá-la do outro lado da rua foi *marcante*, este momento também era.

Ela abriu a boca e o deixou entrar. Calor e necessidade o envolveram, junto com uma sensação vertiginosa de que aquilo era certo. Ele a beijou com tudo antes de erguer a cabeça e empurrar o corpo mais para baixo, precisando prová-la em toda parte.

— Você tem gosto de mel, garota doce? — ele perguntou, ao passar a língua pelo mamilo.

Ela estremeceu, e ele continuou, provocando o nozinho que mais tenso a cada lambida, chupada e roçar de dentes. Ela entrelaçou os dedos em seu cabelo e puxou sua cabeça para baixo, um pedido silencioso por mais. Ele mordeu o mamilo de leve, depois lambeu todo o caminho de um seio até o outro e deu a ele o mesmo tratamento, ora terno, ora torturante.

Ela gemeu e puxou seu cabelo.

— Jase, que gostoso.

Então ela gostava de brincadeiras com o mamilo? Será que poderia gozar só com aquilo? Não eram muitas as mulheres que conseguiam. Não esteve com nenhuma, mas ela estava se esfregando nele e o incitando a prosseguir. Disposto a fazer qualquer coisa para agradá-la, ele chupou o mamilo, segurou o outro seio e o beliscou. Primeiro com força, depois com menos intensidade, a mão brincava enquanto a boca estava no outro seio.

Ele aproveitou sem pressa, desfrutando de como ela gemia e se contorcia embaixo dele. Sua ereção estava tão rígida... provocava o sexo dela e o torturava ao mesmo tempo, mas aquele não era o seu foco. Ainda não.

Ele ergueu a cabeça e começou a friccionar os mamilos com gentileza, olhando-a nos olhos.

— Goza para mim, linda. Quero ver você sentir prazer.

Ele pegou a mão de Faith e a levou à boca, sugando cada dedo até eles ficarem molhados.

— Se toque — ele falou. — Me mostre como você gosta. — Ele afundou os dedos da outra mão na boca e os umedeceu também.

Faith corou, mas ele mexeu os quadris. Ela gemeu e obedeceu. Puxou os mamilos, e o corpo ficou trêmulo enquanto ela se dava prazer. Jason ficou observando, o pênis latejando conforme ela atacava os mamilos sensíveis.

— Caramba. — As palavras saíram como um gemido arrastado. — Tão bom.

— Continue. — Ele esfregou os quadris no sexo dela mais algumas vezes. Se ele não se segurasse, gozaria feito um adolescente incapaz de se controlar.

Não soube dizer o que aconteceu, se foi a fricção incessante em seu clitóris, ou os beliscões nos mamilos, mas ela soltou um gemido baixo e todo o corpo tremeu sob o dele.

— Eu vou gozar. Isso. — Ela soltou os mamilos e agarrou os ombros dele, avançando os quadris e encontrando os dele.

Nunca tinha visto nada mais sensual e lindo do que ela se desfazendo, as bochechas coradas e os olhos fechados. Esperou até os tremores pararem e ela desabar.

Então ficou por cima de novo, a ereção pairando perto do sexo bem aparado. Foi quando pensou no óbvio.

— Merda, a camisinha. — Ele sempre usava. Era burrice e irresponsabilidade não fazê-lo.

— Eu tomo anticoncepcional. — Ela mordeu o lábio inferior. — E fui ao médico pouco antes de deixar minha cidade. — Faith o olhou com os olhos verdes arregalados, perguntando silenciosamente se ele estava saudável. Ela confiava na sua resposta, e isso significava que a escolha era dele.

Nunca quis sentir uma mulher sem proteção, e aquela percepção o abalou até a alma.

— Não tenho nenhuma doença. — Ele tinha feito exames no check-up anual poucos meses atrás e não esteve com ninguém desde então.

Faith abriu as pernas e a confiança dela o abalou. A mulher manteve o olhar fixo nele enquanto Jason segurou o pênis, acariciando-o antes de se posicionar e deslizar para dentro dela com um movimento suave.

Ele a sentiu em toda parte. Seu corpo tinha consciência das paredes internas escorregadias, do calor dela ao seu redor e da forma vulnerável com que seus olhos se arregalaram quando ele a penetrou. Um nó apertado se formou em sua garganta e ele estocou com força, fazendo tudo o que podia para se concentrar nas sensações físicas e não nas consequências emocionais de transar com Faith. Recusava-se a chamar aquilo de fazer amor. Aquele pensamento o faria fugir.

Já estava envolvido e não podia se permitir ir por *aquela* caminho.

— Jason, vamos.

A voz de Faith o afastou daqueles pensamentos, e ele fez o que ela pediu: começou a mover os quadris para frente e para trás, entrando e saindo, aproveitando a sensação de estar com ela. Mudou de posição e entrou com mais força, atingindo um lugar diferente dentro dela. Faith gemeu alto.

— Isso.

Bastou uma palavra para se lançar em um ritmo constante, levando os dois a algo mais intenso. Ela agarrou seu rosto e o puxou para si. Os lábios se uniram, e Jason manteve o ritmo. Não demorou muito para seus testículos ficarem rígidos e a coluna formigar. No momento em que soube que ia gozar, ela gritou o seu nome.

Ele se soltou, derramando-se dentro dela e perdendo uma parte de si ao mesmo tempo.

*

Faith correu para se arrumar para o aniversário de Noah, sabendo que ela e Jason teriam que passar na loja para pegar as caixas que ela arrumou no dia anterior. Suas roupas estavam no quarto de hóspedes, então ela teria um descanso do olhar intenso de Jason. Ele a vinha observando desde de manhã, como se tentasse entender o que tinha acontecido entre eles na cama.

Ela também gostaria de saber. Intenso não começava nem a descrever a situação. Experiência transformadora chegava bem perto. Lembrando-se de que aquele era um relacionamento temporário, não importava o quanto se sentisse próxima dele, terminou de se maquiar, arrumou o cabelo, respirou fundo e entrou no quarto. Estava vestindo calça social preta e blusa branca, pois não queria chamar atenção na festa. Sentia-se como se estivesse lá para

ajudar a arrumar os doces, e embora também estivesse com Jason, não era boba para pensar que era uma convidada de verdade. Izzy só estava sendo legal quando a chamou.

Seria uma imensa tolice agir como se fosse a acompanhante de Jason, e deixar o efeito inebriante de estar com ele depois do que aconteceu na cama alimentar sonhos que jamais se tornariam realidade.

Deu uma olhada rápida no espelho, notando as bochechas coradas... o corpo ainda estava sensível por causa dos orgasmos... no plural... que ele provocou naquela manhã. Pegou a bolsa, saiu do quarto e o encontrou na sala.

Foi difícil não desejar-lo quando o encarou. Ele estava muito bonito, com o jeans escuro e a blusa azul-marinho de gola rolê. Ele a olhava com uma expressão curiosa. Como se Jason pudesse enxergar seu coração e soubesse o quanto batia rápido apenas por ele.

— Pronta? — ele perguntou.

Ela assentiu e olhou a hora no telefone.

— Se sairmos agora, teremos tempo suficiente para pegar os doces, e vou conseguir arrumar tudo. — Ela começou a caminhar em direção à porta e se assustou quando ele a pegou pelo braço e a virou em sua direção. — Sim? — A palavra mal saiu da sua boca quando ele envolveu um braço em suas costas, puxou-a para si e a beijou.

Todas as suas preocupações e ansiedades fugiram com aquele beijo. Ele a devorou com a boca, lambeu, provou, conquistou e possuiu antes de deixá-la respirar.

— Melhor que café da manhã — ele afirmou e a soltou, mas não até que Faith recuperasse o fôlego.

A moça piscou, ainda atordoada.

— Só precisava de uma prova — ele explicou e apontou para a porta. — Pronta?

Ela conseguiu assentir. Jason pegou o presente no balcão, e os dois saíram.

Mais tarde, depois de ela ter carregado a van, com Jason reclamando do quanto o veículo era uma lata-velha e que queria que ela dirigisse algo melhor, eles chegaram ao apartamento do primo dele. Precisaram de três viagens para levar tudo com cuidado. Kelsey estava cuidando da loja, então Jason ajudou, dessa vez ouvindo-a resmungar sobre aquele ser o trabalho dela e que poderia fazer tudo sozinha.

Chegaram com o resto dos doces quando Izzy os recebeu à porta, beijou Jason na bochecha e puxou Faith para dentro.

— Venha. Vamos arrumar tudo para que possamos nos divertir.

O jeito caloroso de Izzy e o riso constante eram contagiosos. Enquanto aprontavam a mesa perto da porta para que os convidados pudessem pegar as caixinhas de madeira com os pirulitos de lembrancinha ao sair, a mulher tocou em uma delas e suspirou.

— Eu amei.

— Escolhi esse tom mais claro de azul para combinar com uma festa de menino — Faith explicou.

— Obrigada. Ficaram tão bonitas aqui. Não vai deixar alguns cartões? Tenho certeza de que quer que as pessoas a contratem para festas assim.

Faith mordeu o lábio.

— É claro que quero, mas não queria tirar vantagem. Presumi que você faria propaganda se ficasse satisfeita.

Izzy sorriu.

— Pode apostar que vou. Mas deixe alguns cartões também. — Ela a cutucou de leve com o cotovelo, e Faith pegou os cartões na bolsa e os abriu na mesa, ao lado das lembrancinhas.

Com um aceno satisfeito, Izzy levou Faith de volta para a sala.

— Os convidados chegarão em breve. Devo confessar que exagerei um pouquinho. O pessoal do buffet está na cozinha. Mas, nessa idade, as crianças ainda vêm com os pais, e eu quis que todo mundo comesse bem.

Faith gostou da animação de Izzy. Olhou para o outro lado da sala, onde Jason conversava com um homem alto de cabelo preto e olhos azul-escuros. Ele tinha uma presença imponente e dominava a sala.

— É o meu marido, o Gabe — Izzy falou, seguindo o olhar dela. — Venha conhecê-lo. — Ela pegou Faith pela mão e a levou até onde eles estavam.

Depois das apresentações, Jason a pegou de surpresa ao passar o braço ao seu redor e a puxar para si.

— Foi o Gabe quem recomendou o detetive particular que está procurando o seu irmão — ele falou baixinho.

Ela assentiu, odiando o lembrete. Embora estivesse morando com Jason, dava o seu melhor para não se concentrar em Colton sempre que podia.

— Renault é o melhor — Gabe disse, com uma voz tranquilizante. — Ele também é guarda-costas, se precisar de um. Pode demorar, mas ele vai encontrar seu irmão. — Antes que pudessem dizer mais alguma coisa, a campainha tocou ao mesmo tempo em que Noah chegava na sala coçando os olhos.

— E aí, carinha? — Gabe foi até o filho, se ajoelhou e o pegou no colo. — Está na hora da sua festa.

— Festa, oba! — Ele se contorceu para descer quando os amigos entraram na sala, e a festa começou.

De repente, ficaram rodeados de crianças, e Jason pegou a mão de Faith, puxando-a para o lado. Os pais se dividiram em grupos. Gabe ficou de olho no filho, e Izzy, foi de uma pessoa à outra, verificando se todos estavam satisfeitos.

A campainha tocou e um boneco dálmata, com uma capa vermelha e um chapéu de bombeiro entrou.

Ele tropeçou na entrada e as crianças gritaram e riram.

— Estou bem! — ele falou, ao ser rodeado pelas crianças.

— Marshall da Patrulha Canina — Gabe disse, seguido por um: — Preciso de um drinque.

Jason riu.

— Aposto que você nunca pensou que sua vida seria assim — ele falou para o primo.

Gabe olhou feio para ele.

— Não mesmo. Mas não trocaria isso por nada no mundo — ele falou, a voz e a expressão suavizando ao olhar da esposa para o filho, que estava sentado no colo do dálmata.

— Vou tirar algumas fotos — Gabe avisou. Foi até Izzy, levou-a para longe dos amigos e passou um braço ao redor dela enquanto observavam o filho interagindo com as outras crianças.

Faith suspirou ao vê-los, com um anseio apertando o peito.

— Em que você está pensando? — Jason perguntou.

Ela mordeu a bochecha, sem saber se queria falar a verdade.

— Você quer ter filhos? — ele perguntou antes que ela pudesse responder, aumentando as apostas com a questão.

Ela hesitou.

— Não com a minha vida do jeito que está agora. Não com uma ameaça pairando sobre a minha cabeça enquanto ainda estou construindo meu negócio. Mas no futuro? Sim, quero. — Ela o olhou e jogou a batata quente de volta para ele. — E você?

*

Jason sabia que tinha cometido um erro no minuto em que perguntou a Faith se ela queria filhos. No começo, tinha a intenção de que a pergunta fosse

inofensiva, porque estavam rodeados de criança, mas assim que ela saiu de sua boca, percebeu o quanto era profunda. O tempo que ela demorou para responder fez o seu estômago revirar. E embora ela tivesse todo o direito de devolver a pergunta, Faith não ia gostar da resposta.

— Eu... não gosto de perdas.

Ela estreitou os olhos, a confusão ficou óbvia em seu rosto.

— Mas filhos não são perdas.

— Filhos são mais pessoas com quem me preocupar, e isso me assusta. — Seu coração acelerou, e ele começou a pensar em Levi, como sempre acontecia quando pensava no futuro. Razão pela qual raramente se permitia fazê-lo.

Ele olhou para Faith.

— Vamos.

— Para onde?

— Algum lugar em que possamos conversar. Nós viemos, fomos vistos, trouxemos presentes e doces... A Izzy e o Gabe vão entender. — Como se pressentindo que estavam falando dele, Gabe olhou para os dois.

Jason fez sinal para a porta, e Gabe assentiu, com expressão compreensiva. Ele pegou a mão de Faith e ziguezagueou entre as pessoas. Pegaram os casacos e saíram. Se fossem ter essa conversa, seria em um lugar importante.

— Para onde estamos indo? — Faith perguntou, correndo para acompanhá-lo.

Ele não conseguia evitar. Pensar em recontar essa história o deixava inquieto e ansioso, e ele precisava se movimentar.

— Você vai ver. Venha comigo.

Levou trinta minutos para atravessarem a cidade em direção ao lugar em que ele e seus *irmãos* se conheceram. Virou na rua que abrigava a Universidade de Manhattan, a faculdade que frequentou, e parou em um estacionamento ali perto.

— Foi aqui que você, o Tanner, o Landon e o Levi estudaram? — Faith perguntou, depois que ele entregou as chaves para o manobrista e eles começaram a descer a rampa.

— O que você sabe sobre o Levi? — ele perguntou, de forma abrupta.

— Na noite que eu te conheci, pesquisei a boate no Google e encontrei o site. Li a dedicatória — ela falou, com voz suave e compreensiva.

Ele engoliu o nó na garganta, mas continuou em silêncio. Caminharam pela calçada e seguiram para a rua conhecida como Fraternity Row. Pararam

diante de um prédio de tijolinhos com uma escada na frente. A fraternidade era outra, não a que ele e os amigos entraram, mas o prédio era o mesmo, assim como as lembranças que ficaram.

— O que aconteceu aqui? — Faith perguntou e segurou a mão dele.

O vento frio e cortante atingiu seu rosto, mas ele estava ali e podia sentir aquilo. Levi, não. Então começou a contar a história para Faith.

— Conheci os caras no dormitório. Nós morávamos na mesma ala e nos demos bem logo de cara. Nós quatro fazíamos tudo juntos. Começamos a estudar no fim de agosto e, de todos eles, eu era o mais próximo do Levi. Estávamos cursando a mesma faculdade, administração, e frequentávamos as mesmas aulas. Ele trocou de quarto e foi ficar comigo, porque queria um tempo do irmão. — Ele riu com a lembrança. Os caras tinham começado como colegas de quarto, e as coisas evoluíram rapidamente quando Levi quis sair.

— Vocês devem ter ficado próximos morando juntos. Frequentei a faculdade local, então não sei como é. Só posso imaginar — ela falou.

Ele concordou.

— É intenso. — Ele se recostou no corrimão das escadas, e Faith ficou ao lado dele. — Mas foi bom, até Levi querer se juntar a uma fraternidade.

— Você não queria?

Jason deu de ombros.

— Eu não era muito sociável. Gostava de fazer as minhas coisas. Mas o Levi insistiu muito. Ele disse que a vida social seria melhor, que as meninas seriam mais gostosas.

— Como se vocês tivessem alguma dificuldade com as mulheres. — A expressão de Faith foi impagável. Choque misturado com descrença e uma boa dose de sarcasmo na voz.

— Ei. Calouros não pegam ninguém. Acredite em mim.

— Se você diz. — Ela ergueu um pé e o apoiou em um degrau mais alto. Mas não o pressionou para começarem uma conversa mais séria. Ainda assim, ele sabia que estava na hora.

— Todas as fraternidades tinham regras rígidas quanto ao consumo de álcool, porque a idade para beber é vinte e um anos, e trotes eram estritamente proibidos, tanto pelas regras da universidade quanto pela fraternidade nacional. Mas por que segui-las, não é? — ele perguntou, com desgosto e dor estampados na voz.

Ele nem se deu o trabalho de esconder, nem considerava aquilo uma fraqueza. Não, aquele acontecimento era algo que definia ele e o tipo de vida

que levava. Não estava com vergonha da dor, porque perdeu o melhor amigo para uma prática juvenil estúpida posta em prática por idiotas hipócritas.

Faith congelou ao seu lado.

— Trote? — Ficou evidente que ela não tinha pensado em como Levi morreu, porque pareceu horrorizada quando percebeu.

— Trote. Algo que os alunos mais antigos faziam no porão dessa casa. — Jason apontou a casa com um floreio. — O bom e velho puxar o saco dos veteranos, fazer o que eles mandavam, levar alguns cascudos, comer coisas nojentas e beber álcool à força. — Ele cerrou a mandíbula com as memórias que se esforçava para manter afastadas.

— Meu Deus. Jason, eu sinto muito. Se não quiser contar o que aconteceu, eu entendo. — Os olhos verdes de Faith brilhavam com lágrimas não derramadas enquanto ela segurava a mão dele.

A ironia não lhe escapou, e ele explicou para ela:

— Não falei disso com ninguém. Meus pais me mandaram para a terapia, e eu ia porque eles insistiam, mas eu não falava nada. Semana após semana, sentei lá calado até o psicólogo desistir. Assim como os meus pais. Eles me deixaram remoer. Nunca quis tocar no assunto... até agora. — Queria contar a ela sobre a dor lancinante que sentiu, e deixar Faith aplacar um pouco dela.

— Estou ouvindo.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça, grato.

— A iniciação, como os veteranos chamavam, foi marcada para um sábado à noite. Até aquele ponto, achávamos que fosse só um monte de bobagem que precisaríamos fazer, mas o Landon ouviu rumores de que essa última etapa costumava sair do controle e que os encarregados daquele ano decidiram gravar o nome deles na história da fraternidade. Dificultaram muito o trote.

Faith apertou a sua mão.

— Você quer entrar? Ou encontrar algum lugar mais quente para conversamos?

— Não. Preciso fazer isso aqui. — Ele sabia que ela estava com frio, e Jason estava determinado a acabar logo com aquilo para que pudessem ir para casa e ele pudesse se perder no calor dela. — Tentamos convencer o Levi a desistir, mas ele insistiu.

— E vocês não o deixariam ir sozinho — ela supôs.

Ele concordou.

— Isso mesmo. Começou com alguns shots. Nós poderíamos aguentar algumas doses de vodca, não é? A noite passou e nós bebemos. E bebemos. E logo nos deram o que pensamos ser uma garrafa comum de vodca. Acontece que era absinto.

— Droga — ela murmurou.

Embora ele pudesse descrever toda a dor, ela não precisava ouvir mais.

— Eles insistiram para que terminássemos a garrafa de quase dois litros. Levi se ofereceu para ir primeiro.

Faith se encolheu, mas permaneceu em silêncio.

— Dissemos que ele não precisava fazer aquilo. Nós nos oferecemos para ir embora com ele e que se fodesse tudo aquilo de entrar para a fraternidade, mas ele era obstinado. O Levi queria tanto ser aceito. Então bebeu. E bebeu. Então eles colocaram uma mochila com pesos nas costas dele e o fizeram subir e descer correndo as escadas do porão. Ele tropeçou, caiu para trás, e bateu a cabeça algumas vezes ao despencar. — Jason se sentiu nauseado com a lembrança do som da cabeça do amigo batendo nas escadas.

Faith passou os braços ao redor dele quando terminou de contar, e ele se entregou ao conforto de seu calor.

— Eu não podia ligar para ninguém. Eles pegaram nossos celulares quando chegamos e desligaram o telefone fixo. — Ele caiu de joelhos, lembrando-se do amigo deitado sem vida no chão, o sangue saindo de sua cabeça e Landon gritando para o irmão acordar, batendo no rosto dele.

Ela se abaixou ao seu lado, abraçando-o com toda a força que tinha.

— Depois, o Vic... Victor Clark, quem esteve no comando o tempo todo, quem colocou a mochila nas costas do Levi e bateu na cara dele quando ele tropeçou da primeira vez, nos chamou de covardes e exigiu que bebêssemos.

— O que vocês fizeram?

Seus olhos se encheram de lágrimas e a garganta ardia de tanto segurá-las.

— Eu... nós pegamos o Levi e saímos da casa. Ninguém parou enquanto íamos para o hospital universitário. Até que uma van do campus finalmente nos pegou. Levi estava morto.

— Ah, Deus, Jason, eu sinto muito. — Ela tocou no rosto dele e o olhou nos olhos. — Vocês sabem que não têm culpa, não é?

Ele girou os ombros.

— Até hoje, eu não sei. Há tantos “se”. Se não tivéssemos aceitado tentar entrar em uma fraternidade. Se não tivéssemos aceitado ir à festa. Se não tivéssemos deixado o Levi beber e simplesmente tivéssemos dado meia volta e ido para casa... Mas nada disso importa, porque aconteceu, e ele se foi. Estou te contando essa história por causa do que aprendi com a experiência.

Ela estremeceu, apesar de estar colada nele.

— O quê?

— Você precisa entender. Você perguntou se eu queria ter filhos, e eu precisava te explicar por que não quero. Quase perdemos a Sienna quando ela era criança. Eu perdi o Levi. Já tenho uma família grande e tenho os caras. Já é um bom número de pessoas com quem me preocupar, e eu jurei que não incluiria mais ninguém. — Ele a olhou com arrependimento estampado no rosto bonito. — Não posso ter mais pessoas a quem eu talvez perca. Filhos? Bem, seriam... mais.

*

Faith o ouviu. Até mesmo entendeu. Ficou com o coração partido pelo que Jason testemunhou e pela dor que ainda carregava dentro de si. Mas o que ele parecia não entender era que ele era um homem caloroso e generoso que gostava de ajudar as pessoas... como ela. O que significava trazer mais gente para o seu convívio íntimo. Mas ele não queria essas conexões.

Jason a estava ajudando, sim, mas não queria se envolver emocionalmente. Se havia abrigado qualquer ilusão depois do que fizeram na cama, ele deixou tudo às claras agora. Tudo o que ela podia fazer era estar presente, assim como ele foi, desde o dia que se conheceram.

— Ei. — Ela se inclinou para trás e olhou nos olhos avermelhados dele. — Eu entendo. Mais do que você imagina. Tenho uma vida complicada que não é boa para permitir que as pessoas se aproximem. Meu irmão é perigoso. Ao deixar alguém se aproximar, coloco a pessoa em perigo também. Nunca quis te colocar nessa situação, mas você insistiu. Então a verdade é que eu continuo tendo que manter as pessoas à distância.

Ele permaneceu calado, como se sentisse que ela não tinha terminado. Faith respirou fundo e continuou:

— Se estiver preocupado com o fato de eu querer algo mais de você do que a ajuda que está me oferecendo agora, não fique. Eu não quero.

A expressão de Jason foi de alívio e a palavra *mentira* ecoava na cabeça de Faith. Claro que queria mais do que ele podia dar, porque se

apaixonou por seu herói relutante. Mas não era para ser. Encararia a dor como fez com tudo: entregando-se ao trabalho e ao seu negócio.

Só precisava convencer Jason de que ele podia confiar que ela respeitaria seus limites.

— Meu plano é que meu irmão vá para a cadeia, assim vou poder recuperar a minha independência. — Ela forçou um sorriso. — Estamos bem, Jason. *Você* está bem. E, o mais importante, você sobreviveu. Não se sinta culpado por isso.

Ele apertou a mão dela e ficou de pé. Juntos, voltaram para o carro.

Capítulo sete

FAITH E JASON permaneceram em silêncio na volta para casa. Ela quis dar espaço a ele, sem se intrometer em seus pensamentos, usando o tempo para ver com Kelsey se estava tudo sob controle. Ela se ofereceu para abrir a loja de manhã, e já que sabia as receitas e tinham não perecíveis para vender, Faith aceitou.

Mas percebeu que era hora de contratar mais gente para ajudar. Não só por causa da situação com Colton e o fato de ela não conseguir mais ficar lá o tempo todo, mas porque merecia uma folga. Já fazia um ano que cuidava de tudo, apenas com Kelsey ajudando meio-período. Era um item da sua lista que, com certeza, seria providenciado o mais rápido possível.

Jason estava tão quieto que a pegou de surpresa quando, depois de entrarem no apartamento, tirarem os casacos e pendurá-los no armário, a virou e a puxou para si.

— Eu preciso de você — falou, e ela não tinha intenção de negar. Não depois dele ter desnudado a alma, ajudando-a a entendê-lo.

Ela tirou sapatos, as meias e abriu os botões da blusa um por um, deixando-a cair no chão. O olhar quente dele desceu para os seios fartos e, enquanto ele observava, ela levou as mãos às costas e abriu o sutiã, deixando as alças caírem pelos braços. Sentiu o ar frio enrijecer os mamilos.

Faith sentiu o olhar de Jason fixo nela e desabotoou a calça, tirando-a e chutando a peça para o lado.

A expressão de Jason era de necessidade.

— Continue.

Ela engoliu em seco. Enganchou os dedos na calcinha, abaixou-se e a tirou, ficando nua bem ali, na entrada do apartamento dele. Faith o encarou. O olhar penetrante de Jason, o rubor nas bochechas sob a barba por fazer, e o fato de ele estar completamente vestido a deixou excitada de uma forma insuportável. A umidade escorreu entre suas coxas e o sexo pulsou de desejo. Mas sabia muito bem que aquele era o momento dele, o ritmo dele, da dor que ele precisava resolver.

Enquanto estava parada ali, nua para ele, Jason tirou os sapatos, meias, camisa, calça e cueca, ficou tudo empilhado no chão. A ereção era notável, e a visão fez com que Faith sentisse seu sexo latejar ainda mais.

Ela umedeceu os lábios e o olhar dele foi de puro desejo ao notar o gesto.

Lentamente, ela se aproximou, encarando-o e, em seguida, ficou de joelhos.

— Faith — ele falou com um aviso ríspido em seu tom.

Ela olhou para cima e sorriu.

— Sim?

— Merda — exclamou e colocou a mão na cabeça dela.

Ele precisava disso e ela sabia. Se conseguisse fazer Jason esquecer os problemas por um momento, o faria. Porque estava começando a gostar demais de seu cavaleiro das sombras.

Colocou a mão ao redor de sua ereção e deslizou a palma sobre o comprimento rígido e aveludado. Abaixou a cabeça e lambeu o fluido branco e salgado. Jason gemeu, puxando os cabelos dela. O gesto a excitou demais, mas não tanto quanto estar ali dando prazer a ele. E aquele era o seu objetivo.

Segurando-o pela base, abriu a boca e deslizou os lábios pelo pau duro. O corpo grande estremeceu, e ela ficou inebriada ao perceber o quanto o afetava. Colocando-o para dentro da boca, deslizou a língua por cima e por baixo do membro grosso. Ela o empurrou mais para dentro, até atingir o fundo da garganta. Forçando-se a relaxar, ela o engoliu, conseguindo não engasgar. Ele puxou o seu cabelo com mais força.

Faith gemeu ao redor dele e Jason começou a balançar os quadris para frente e para trás, usando-a para conseguir o que queria. Com as mãos ao redor de suas coxas, deixou que ele assumisse. O homem entrava e saía, e ela chupava com mais força. Jason a cutucou.

— Eu vou gozar — ele disse, abrupto, obviamente esperando que ela o soltasse, mas Faith tinha outros planos.

Ela murmurou alguma coisa, incitando-o a continuar. Jason investiu uma, duas vezes e chegou ao orgasmo com um grunhido. O líquido escorreu por sua garganta, e Faith engoliu até ele relaxar e se retirar.

— Caramba, linda, eu queria que fosse dentro de você.

— E foi — ela disse, rindo satisfeita. Ele a ajudou a ficar de pé e, tomando Faith de surpresa, pegou-a no colo. Ela soltou um gritinho e passou os braços ao redor do pescoço de Jason enquanto ele a carregava para o quarto.

Assim que a colocou na cama, ele abriu as suas pernas e se abaixou. Nivelou o rosto com seu sexo e começou a lambe-la, sugar e devorá-la como

um homem faminto. No primeiro deslizar de língua, ela gemeu, percebendo o quanto já estava excitada.

A boca de Jason funcionou como mágica, a experiência era nova, como tudo parecia ser com ele. O homem sabia onde tocá-la. Nunca imaginou que seus seios eram tão sensíveis, nem que poderia gozar com sexo oral. Mas enquanto ele deslizava a língua dentro dela, com o nariz cutucando seu clitóris, ondas de excitação a fizeram estremecer. Cálido e delicioso, seu corpo respondeu aos movimentos intensos dele. A forma como ele brincava com seu clitóris a fez se contorcer.

Ele deve ter percebido que atingiu o lugar certo, porque puxou a área sensível para a boca e roçou os dentes ali. Uma onda de desejo tomou conta e não a deixou quando ele a puxou para cima e a levou ao limite.

Faith agarrou o edredom, segurando com força enquanto ele se banquetava, mas com esse surto de desejo, precisou se segurar nele. Agarrou a mão de Jason enquanto pressionava o sexo em sua boca até chegar ao orgasmo mais explosivo que já teve.

Antes que pudesse terminar, ele veio por cima, abrindo suas pernas e entrou fundo nela.

— Caramba, Jason! — Faith estremeceu ao redor dele, as paredes internas o prendendo com força. — Vou gozar de novo.

— Vai mesmo — ele murmurou e aumentou o ritmo, roçando os quadris nela.

Ela gemeu com o ataque, o corpo dele rígido no seu da melhor forma possível. O olhar dela se fixou no dele quando chegou ao orgasmo, e Faith mergulhou naqueles olhos azul-escuros, se perdendo no homem que tinha jurado que nunca seria dela de verdade.

Deixando aqueles pensamentos de lado, permitiu que o corpo desfrutasse do auge do prazer e voltasse aos poucos para a realidade. Com um gemido, ele virou de lado, levando-a junto, e ela sentiu a perda de outras formas, não apenas a física.

Ele deu um beijo demorado em seus lábios.

— Já volto — ele disse e se levantou para ir ao banheiro. Ela ouviu o barulho da água, e ele voltou para ajudá-la a se limpar antes de puxá-la de volta para seus braços.

Eles cochilaram e, quando ela acordou, Jason a olhava nos olhos.

— Obrigado — disse com a voz rouca.

— Pelo quê?

— Por me dar o que eu precisava. E mais do que eu mereço.

Ela deitou a cabeça em seu ombro.

— Você carrega muita dor dentro de si. É bom liberar um pouco.

Ele respondeu com um resmungo.

— Eu tenho uma pergunta — ela falou. Tinha percebido que essa foi a única coisa que ele não falou.

Ele a puxou para mais perto.

— O que é?

Respirou fundo e perguntou:

— Quem é a mulher e o garotinho da foto na sua mesa?

Ele expirou devagar.

— Quando o Levi morreu, ele tinha uma namorada, a Amber. Ele não sabia na época, mas ela estava grávida.

— Ah, Deus.

— Pois é. No começo, não havia muito o que eu e os caras pudéssemos fazer por ela, mas depois que a TEN29 começou a dar dinheiro, nós a ajudamos. LJ é o nome dele, Levi Junior. Significa muito para nós.

— Que triste — ela murmurou, incapaz de imaginar o quanto a vida daquela mulher deve ter sido difícil. Criar um filho sozinha, ainda na faculdade...

— Ela não mora na cidade, então não os vemos com tanta frequência, mas temos um relacionamento bem próximo.

Faith percebeu que LJ era o filho que ele já tinha, e o coração bateu forte no peito ao pensar naquilo. Aqueles homens e os laços que compartilhavam entre si e com Amber e o filho, eram a família que Jason acreditava que precisava.

Ficaram em silêncio, perdidos em pensamentos. Depois daquele dia, Faith entendia Jason. Nunca se sentiu tão próxima dele... e ele nunca pareceu tão fora de alcance.

*

Na manhã seguinte, Jason acordou antes de Faith. Ficaram acordados até tarde, pediram pizza e... caramba, não podia chamar aquilo de fazer sexo. Ele tinha feito amor com ela.

Depois da forma intensa e angustiante com que transaram mais cedo, eles voltaram a dormir, e então ele se viu deslizando para dentro dela devagar. Movendo-se enquanto Faith despertava com seus movimentos, os olhares presos um no outro, emoções se passando entre os dois. Não foi capaz de

cumprir a promessa de manter a distância. Não com essa mulher que cavava seu caminho para dentro dele.

Não que isso mudasse alguma coisa. Quando Faith resolvesse seus problemas, retomaria a própria vida e ele, a sua. Solitária e segura do jeito de que gostava. Não tinha escolha. Ele não se via abrindo espaço para casamento e uma família, e era isso que Faith queria e merecia.

Xingou baixinho e, deixando que ela dormisse, saiu da cama. Vestiu um moletom e foi para a cozinha fazer café. O dia anterior foi inesperado e brutal. Revelar seu passado foi algo não planejado, mas se havia alguém com quem podia compartilhar a dor, era Faith.

De alguma forma, eles criaram um vínculo e confiava nela tanto quanto em seus irmãos, o que era estranho. E o deixava nervoso. Também não queria perder tempo pensando demais naquilo, então bebeu um gole do café e começou a mexer no telefone para verificar como Landon e Tanner estavam.

Jason perdeu a noite de sábado na casa noturna, e os sócios não estavam exatamente bravos, mas também não estavam felizes. Já que não tinha a menor chance de contar para eles que tinha revivido o passado, deixou que os dois passassem um sermão nele e o ouviu como se fosse merecido.

Terminou o café e nesse exato momento a campainha tocou, assustando-o. Ele semicerrou os olhos.

Viu a hora no telefone. Onze da manhã. Quem poderia ser àquela hora, em pleno domingo? Foi até a porta, olhou duas vezes pelo olho mágico.

Desarmou o alarme e abriu a porta.

— Mãe? O que você está fazendo aqui?

Savannah Dare entrou, mas em vez das lágrimas que ele esperava, viu raiva nos olhos azuis dela.

— O seu pai me quer de volta. De todos os pensamentos egocêntricos e ridículos que aquele homem já teve, ele acha que vou perdoar e esquecer. — Ela olhou nos olhos de Jason e o puxou para seus braços. — Sinto muito. Como está o meu menino? — ela perguntou, abraçando-o com força. Ela tinha cheiro de casa, um aroma levemente floral que dizia *mãe*.

— Estou bem. E nós vamos falar sobre o meu pai. Mas por que você está *aqui*?

— Ele apareceu ontem à noite com flores e um pedido de desculpas, e eu o mandei embora. Ele jurou que voltaria hoje de manhã. Eu não estava pronta para lidar com ele, então saí.

— Do estado? Por que não ficou com o Alex e a Madison? — ele perguntou, referindo-se ao irmão e à cunhada que moravam perto dela.

— Seria o primeiro lugar em que seu pai me procuraria. E com o bebê, não quis aparecer na porta da Sienna. — Ela puxou a mala e o olhou nos olhos. — Me acompanha até o quarto de hóspedes?

Jason passou a mão pelo rosto, se perguntando como explicaria que a mulher que o estava ocupando dormia em sua cama.

— Jason? — Naquele momento, Faith chegou vestindo somente sua camisa da noite anterior, abotoada e cobrindo-a até as coxas. O olhar dela pousou em sua mãe e os olhos se arregalaram. — Ai, meu Deus. Você tem visita! — Ela puxou a camisa como se, em um passe de mágica, pudesse aumentar a quantidade de tecido.

— Jason Dare, por que você não me disse que estava com uma mulher aqui? — a mãe perguntou, repreendendo-o.

— Eu estava prestes a dizer — ele resmungou. E embora fosse um homem adulto e tivesse todo o direito de ter uma mulher na sua cama, não ficou animado com o rosto corado de Faith e sua expressão mortificada.

Não teve escolha a não ser apresentá-las.

— Mãe, essa é Faith Lancaster. Faith, essa é a minha mãe, Savannah Dare.

Teve que reconhecer que Faith lidou bem com a situação. Apesar da vergonha, ela foi até a sua mãe, estendeu a mão e falou:

— É um prazer te conhecer.

— Digo o mesmo. Peço desculpas pela interrupção. Fugi da Flórida sem dizer nada a ninguém. Eu só vou...

— Não. Vou me vestir e deixar vocês dois conversarem. — Faith se virou e fugiu pelo mesmo lugar por onde veio.

Com um gemido, ele olhou para a mãe.

— Isso foi ótimo.

Ela colocou uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha.

— Eu sinto muito mesmo. Eu deveria ter ligado, mas peguei o voo das seis da manhã.

— Tudo bem. É só que a situação com a Faith é complicada. Ela está aqui porque está com alguns problemas pessoais e, apesar de... estar usando a minha camisa, ela está acomodada no quarto de hóspedes — ele falou em vez de dizer *apesar de ter ficado óbvio que estamos dormindo juntos*. A situação já era estranha o bastante para todo mundo.

A mãe assentiu, compreensiva.

— Não fiquei em um hotel porque o seu pai tem contatos e detetives particulares. Ele vai me encontrar. Pelo menos assim, vai ter que lidar com

nós dois. Mas dada as circunstâncias, posso me hospedar em algum lugar. Ou ficar com a Sienna. Posso ajudar com o bebê. Só não queria me intrometer, porque eles ainda são recém-casados, mas não é problema. — Ela estava divagando.

— Não. — Faith voltou, usando jeans e uma camiseta, o cabelo escovado e preso em um rabo de cavalo. — Eu posso ir para casa. A senhora fica aqui com seu filho.

— Não mesmo, Faith, e você sabe a razão. — As palavras de Jason saíram como um comando e a fizeram empurrar os ombros para trás e estreitar o olhar.

— Não vou colocar a sua mãe para fora. Não é certo.

Savannah olhava de Jason para Faith acompanhando a conversa, apesar de não estar entendendo o motivo da discussão.

— Então você pode ficar no meu quarto e a minha mãe, no quarto de hóspedes — Jason falou. — A menos que você queira ir para casa e ficar esperando Colton te encontrar. — Ele cruzou os braços, desafiando-a a contradizê-lo.

Os ombros de Faith murcharam quando ele disse aquilo.

— Tudo bem. Obrigada. Percebo que estou expulsando todo mundo, mas você está certo. Não tenho outro lugar para ir. — Levou as mãos ao pescoço quando se lembrou do que o irmão havia feito.

Jason odiou ter que reavivar aquelas lembranças para conseguir o que queria e mantê-la a salvo.

— Obviamente, a pessoa que deveria ir para um hotel sou eu — a mãe dele disse quando terminaram a conversa.

— Não — Faith e Jason disseram ao mesmo tempo. Eles sabiam que dormiriam juntos. As chances dele deixá-la voltar para a própria cama enquanto estavam debaixo do mesmo teto eram mínimas, quase nulas. Queria ter sua cota dela enquanto podia.

Ignorou a voz em sua cabeça dizendo que nunca teria o bastante e encarou a mãe.

— Parece que você vai ficar.

— Tudo bem. — A mãe sorriu para os dois.

Faith correspondeu.

— Vou juntar as minhas coisas e levar tudo para o meu quarto — ela falou, as bochechas só um pouco vermelhas àquela altura.

— Ótimo. Agora que está tudo resolvido, entre, mãe. Tire o casaco e fique à vontade. — Ele encontrou o olhar de Faith e lançou a ela uma

expressão de agradecimento que esperava que fosse entendida, junto com outra de desculpas.

Ter a mãe e sua... Faith debaixo do mesmo teto era inesperado. E não fazia ideia de como lidaria com a situação.

*

Uma hora depois da chegada de Savannah, Faith se viu em um restaurante luxuoso, sentada ao lado de Jason e em frente à mãe dele. Ela era uma mulher linda de cabelos loiros, olhos azul-claros e um sorriso caloroso. E tinha um ar tranquilo, mesmo tendo encontrado uma mulher na casa do filho.

Assim que se recuperou da vergonha e aceitou que não tinha para onde ir e ficar em segurança, percebeu que teria que ir para o quarto de Jason. A mãe dele pareceu estar aceitando muito bem a situação.

Savannah bebeu uma mimosa. Jason e Faith pediram café e depois de o garçom ter anotado os pedidos, Jason olhou para a mãe.

— Então o meu pai te quer de volta?

Faith segurou uma exclamação de surpresa.

Savannah a olhou.

— Ela sabe — Jason disse. — Contei a ela sobre a minha situação familiar.

Savannah ergueu as sobrancelhas, obviamente surpresa pelo filho ter se aberto com alguém. Mas assentiu e começou a contar a história:

— Antes do Robert fugir para Barbados com a amante, ele me disse que queria o divórcio. Por razões que eu não consigo imaginar, ele mudou de ideia quando voltou e me quer de volta.

Jason fez uma careta, e Faith soube o que ele achava daquilo.

— E o que você quer? — ele perguntou à mãe, fazendo bem em não verbalizar sua opinião. Ainda.

Savannah ergueu o copo e tomou um gole da bebida.

— Eu já tinha me conformado com o divórcio, mas além disso, o comportamento do seu pai me forçou a analisar meu passado. — Ela encarou o prato. — Eu podia não saber que ele era casado quando nos conhecemos, mas quando descobri, eu não o deixei. O que me torna uma cúmplice.

Faith se remexeu no assento, mas Savannah parecia confortável falando de seus problemas pessoais na frente dela.

— Mãe...

— Não. É verdade. Eu justifiquei essa decisão dizendo a mim mesma que o casamento dele com a Emma não era baseado em amor, mas isso não torna certo o que eu fiz. A verdade é que aquele homem gosta de trair. Se eu o aceitar de volta, ele vai acabar fazendo de novo. Afinal de contas, não aconteceu só uma vez.

Jason assentiu.

— Odeio admitir que você está certa, porque ele é meu pai... mas está. E como você mesma está dizendo essas coisas, não poderia concordar mais.

Ao ouvir mãe e filho, Faith ficou maravilhada com algumas coisas: a primeira foi o quanto eles eram próximos, mas Jason já havia dito que a família era tudo para ele. A segunda, o fardo que ele carregava nos ombros. Um pai que não servia de modelo, uma mãe a quem amava e de quem queria cuidar e um passado pesado e doloroso. Não é de se admirar que ele não queria ser responsável por mais pessoas.

— Faith, meu bem, sinto muito por te obrigar a ouvir os meus problemas. — Ouvir seu nome trouxe Faith de volta à realidade.

— Imagina, sra. Dare. Na verdade, sinto que estou invadindo a intimidade de vocês.

— Em primeiro lugar, pode me chamar de Savannah. Em segundo, que bobagem. Vamos falar de você. Me conte como vocês se conheceram.

Faith mordeu o lábio inferior e disse:

— Ele me ajudou com um pneu furado e, de alguma forma, acabou envolvido nos meus problemas.

Savannah assentiu, séria.

— Sim, ele me contou pelo que você está passando enquanto você tomava banho e se arrumava. O dinheiro leva as pessoas a fazerem coisas horríveis. Sinto muito pelo seu irmão.

— Bem, ele já estava envolvido com drogas muito antes da minha mãe falecer e me deixar uma pequena herança. O fato de haver dinheiro só piorou tudo. Deu a ele um motivo para vir atrás de mim. Só não consigo acreditar que o Colton está conseguindo ficar escondido esse tempo todo. — Ela se moveu na cadeira, automaticamente olhando para a porta. Como se o irmão fosse aparecer do nada, mas, é claro, não foi o caso.

Jason franziu a testa ao falarem de Colton.

— Ele está ficando com pessoas que não têm como ser encontradas. Outros viciados e traficantes, provavelmente. Mas confio no Renault. — Ele olhou para a mãe. — É o detetive que o Gabe recomendou.

Savannah assentiu e estendeu a mão, pegando a de Faith.

— Meu filho é um bom homem. Ele é estável e confiável. Tenho certeza de que Jason resolverá tudo e você vai ficar a salvo. — Ela apertou sua mão uma vez antes de soltá-la.

— Obrigada — Faith sussurrou.

Para sua surpresa, o gesto maternal e as palavras bondosas e tranquilizantes fizeram um nó surgir na sua garganta. Savannah fez Faith se lembrar da própria mãe e da perda que ainda lamentava muito, mesmo quando estava ocupada demais para ficar pensando na própria dor.

Jason olhou para as duas, com a testa franzida e um olhar sério no rosto bonito. Embora, até o momento, ela tenha aprendido a ler bem as suas fisionomias, não tinha ideia do que se passava por trás da máscara que ele usava. Mas se tivesse que arriscar um palpite, achava que ele estava confuso por ver as duas juntas, se conhecendo melhor.

Ele não queria que Faith se apegasse. Que sentisse que fazia parte da família. E ela prometeu a si mesma que não faria isso. Daria o seu melhor para erguer uma barreira emocional contra os gestos maternos e a doçura de Savannah. E não interpretaria mal o jeito protetor de Jason. No fim das contas, ela só podia contar consigo mesma.

*

Mais tarde, Jason fugiu para o quarto e deixou Faith e a mãe na cozinha falando sobre doces e outras coisas. Precisava de uma pausa do drama emocional que eram a mãe e o pai, e precisava se afastar um pouco dos sentimentos intensos que tinha por Faith. Ainda pensava na noite que acabaram de passar juntos e no quanto temia que ela estivesse abrindo o coração dele, expondo-o a um eventual sofrimento: a dor que sempre vinha quando se amava alguém e a possibilidade de perda.

Sentando-se na cama, pegou o celular e ligou para o irmão, que atendeu no primeiro toque.

— Jason — Alex falou. — Quem bom que você ligou.

— E aí, cara. Tudo bem? Como estão a Madison e a pequena?

— Tudo ótimo. O que aconteceu?

Jason soltou um suspiro profundo. Não fazia sentido fazer rodeios.

— Estou com visita. A mamãe está aqui.

— O quê? — Alex perguntou, assustado. — Ela não me disse que ia viajar — ele falou, confuso.

— Ao que parece, não foi uma viagem planejada. Ela está fugindo. — Jason bateu os dedos na mesinha de cabeceira.

— Do papai.

— Isso — resmungou. — Ele voltou, de sei lá onde e decidiu que quer a mamãe de volta. E ela finalmente aceitou que ele é assim e decidiu seguir a vida. Mas ainda não quer lidar com ele, então está aqui.

— Caramba. Sinto muito por isso ter caído no seu colo.

Jason deu de ombros.

— Está tudo bem. É a mamãe. Ela é sempre bem-vinda. Só imaginei que você ainda não soubesse e quis te avisar no caso do papai aparecer por aí procurando por ela.

Alex resmungou baixinho.

— Eu cuido dele. E a Sienna?

— A mamãe ligou para ela mais cedo e vai visitá-la amanhã de manhã. Ela passou em uma loja infantil e comprou várias coisas para a Lizzy. Tenho a impressão de que a Sienna vai implorar para ela ficar lá e ajudar, mas ela pode ficar aqui pelo tempo que quiser.

Jason não mencionou Faith para o irmão. Não queria abordar a situação na qual se encontrava. Na verdade, já estava pronto para dormir. Precisava de uma boa noite de sono.

— Bem, diga à mamãe que eu mandei oi e pedi para ela ligar se precisar de mim. E não se preocupe. Eu cuido do papai se ele aparecer por aqui.

— Obrigado — Jason falou. — A gente se fala. — Ele desligou. Mas antes de ir dormir, tinha outra ligação para fazer.

Procurou nos contatos e ligou para o cunhado, o famoso músico da Tangled Royal, e agora compositor, Grey Kingston.

— Jason? — Grey atendeu depressa. — Como estão as coisas em Nova York?

— Tudo bem. E você e a Avery? — ele perguntou pela meia-irmã.

— Estamos bem. Você está precisando de alguma coisa?

Jason riu. Aquele era Grey, direto e reto. Ele se recostou na cabeceira da cama e esticou as pernas.

— Os caras e eu estamos expandindo a TEN29. Queremos oferecer apresentações ao vivo e inaugurar com alguém conhecido. — Ele respirou fundo. — Estávamos pensando em você.

Grey fez uma pausa antes de responder.

— Fico honrado por terem pensado em mim. Mas você sabe que não estou mais me apresentando em público. Agora estou mais focado em compor. Só um minuto.

Jason ouviu um barulho e depois:

— Estou ao telefone com o Jason. Você está se sentindo bem?

Seja o que for que Avery tenha dito, foi abafado, e Jason não conseguiu ouvir.

— Voltei — Grey disse. — Então, sobre a TEN29.

Jason cruzou os dedos.

— Pensamos que sua ausência dos palcos faria com que o seu nome chamasse mais atenção. Uma aparição única, se você preferir. — Sabia que estava pedindo demais, mas tinha a esperança de que ele estivesse louco para voltar a se apresentar.

Grey riu.

— Você até pode acabar me convencendo, mas há algumas coisas acontecendo por aqui...

— Tudo bem. Pode contar — Jason ouviu Avery dizer.

Ele estreitou os olhos.

— Está tudo bem por aí? — Ele ficou preocupado.

— Está. É só que a Avery está grávida e esses primeiros meses estão sendo um pouco difíceis. Não quero deixá-la sozinha — Grey explicou. — Ainda não contamos para ninguém, então se puder guardar segredo até estarmos prontos para a grande revelação, nós agradeceríamos.

— Sem problemas. — Jason foi tomado por uma onda de felicidade, mas também ficou preocupado com Avery. Ainda assim, Grey tinha dado boas notícias. — Parabéns! E dê um beijo na Avery por mim. Não se preocupe, vamos achar alguém para tocar — Jason assegurou, feliz pela irmã ter alguém tão devotado a ela.

— Quando vocês pretendem fazer a primeira apresentação? Vou ligar para algumas pessoas e ver se elas conseguem te arranjar alguém bom — Grey disse.

Jason se encolheu ao responder.

— Em poucas semanas. Sei que é meio em cima da hora...

Grey soltou um assovio.

— Não brinca. Vou ver o que posso fazer.

— Obrigado. — Eles se despediram, e então Jason falou com Avery por alguns minutos. Ele deu os parabéns, e ela garantiu que só estava enjoando muito pela manhã, nada mais sério.

Ele desligou no momento em que Faith entrou no quarto e fechou a porta. Ela estava linda, vestindo uma legging com faixas brancas na lateral que abraçava as suas curvas e uma camiseta branca que exibia os seios deliciosos. Apesar do cansaço, seu corpo reagiu ao dela. Ele a desejava. Tinha a sensação de que sempre a desejaria.

— Oi. Está tudo bem? — ela perguntou, apontando para o telefone em sua mão.

Ele assentiu.

— A Avery está grávida. Minha meia-irmã — explicou, com um sorriso no rosto.

— Mas que notícia maravilhosa! — Faith se sentou ao lado dele na cama.

— É, sim. — Outro bebê na família Dare. Mais pessoas para amar e se preocupar, pensou. — E a minha mãe?

— Foi descansar. Acho que o longo dia finalmente cobrou seu preço.

Ele assentiu.

— Ela falou do meu pai?

Faith negou.

— Tive a impressão de que ela não queria. Falamos de outras coisas. Gosto dela. — Ela o estudou com atenção, com as sobrancelhas franzidas e os olhos semicerrados. — O que foi?

Ela estava ficando muito boa em ler as suas feições, Jason pensou. Mas não queria falar de sentimentos naquela noite. Ainda mais quando não fazia ideia do que gostaria de revelar sobre esses sentimentos.

— Só estou cansado. Acho que vou tomar um banho e dormir mais cedo também.

Ela se encolheu com o tom brusco. Mas para um homem acostumado a morar e fazer tudo sozinho, de repente se viu rodeado por mulheres. Por emoções. E embora quisesse se perder no corpo de Faith, estava com medo de acabar perdendo o coração também. E não estava pronto para encarar a verdade. Não agora.

Talvez nunca estivesse.

Capítulo oito

JASON TERMINOU O café e olhou para as duas mulheres que o encaravam com expectativa. Falou com a mãe primeiro:

— Vou te deixar na cada da Sienna no caminho para o trabalho. — Ele vinha negligenciando as obrigações, e uma das coisas que decidiu enquanto virava e revirava na cama era que estava na hora de voltar à rotina. Trabalhar enquanto protegia Faith.

O novo arranjo também permitiria reequilibrar as emoções e o comportamento. Eles estavam ficando juntos vinte e quatro horas por dia e aquilo estava bagunçando com o que ele sabia que queria e precisava para a própria vida.

Olhou para Faith, e ela parecia estar curiosa. Sabia que ela ficaria magoada com o que tinha a dizer. Cerrou os dentes e começou:

— Liguei para o Renault e ele vai te levar para o trabalho hoje. Ele será seu guarda-costas, então você não vai precisar se preocupar com nada.

Ele a pegou com a caneca a meio caminho da boca. Devagar, ela a abaixou e concordou. Olhou-o nos olhos sem desviá-los enquanto ele, sem mais nem menos, punha um fim à rotina das últimas semanas.

— Tudo bem. — Ela endireitou os ombros, obviamente guardando o que sentia. — A que horas ele vai chegar?

— Em trinta minutos.

Ela assentiu.

— Vou terminar de me arrumar. — Deixou a caneca na pia e, sem dizer mais nada, se virou e saiu.

Jason suspirou ao observá-la se afastar.

— O que você acabou de fazer? — a mãe perguntou em um tom que ele reconheceu como o das broncas que levava quando criança.

Ele passou a mão pelo rosto antes de responder.

— O que você quer dizer?

— Não se faça de bobo comigo, Jason. Passei a noite de ontem com a Faith. Sei que você estava trabalhando da loja para protegê-la, se certificando de que ela estivesse em segurança. Agora, do nada, você a despacha para um guarda-costas? A pobrezinha pareceu ter sido pega de surpresa.

Ele engoliu um palavrão. Deveria ter lidado melhor com a situação. Mas como? Ligou para Renault enquanto ela tomava banho, depois dormiu do

seu lado da cama antes dela chegar. Precisava de um tempo e o aproveitou. Ele a deixou na cama e foi tomar banho, depois se encontraram na cozinha.

— É melhor assim — ele disse à mãe. — Estamos nos apegando demais. Não é uma situação comum. Os caras estão ficando chateados por eu não estar lá. Decidimos ampliar os negócios. Preciso me concentrar.

Ela estreitou os olhos.

— Qual foi a razão? — ela perguntou, abaixando a voz. — Foi o seu pai? Eu? Quase perder a Sienna? Ou foi o Levi que piorou o seu estado emocional?

Ele recuou, chocado. Todo esse tempo achou que havia mantido os sentimentos para si mesmo. Que tinha seguido com a vida. Que a vivia com plenitude. Nunca demonstrou fraqueza a ninguém e, ainda assim, ali estava sua mãe, acertando em cheio.

— Tudo isso? — respondeu, por incrível que pareça, permitindo-se ter essa conversa.

— Jason, posso ver o quanto você gosta dessa mulher. Ela é especial. É inteligente, esperta, administra o próprio negócio e gosta de você. Não a perca só porque está com medo.

Ele balançou a cabeça. Era muito mais que isso. Ele não merecia ser feliz quando Levi estava em um túmulo e ele não tinha feito nada para impedir. Era um pensamento que raramente se permitia ter, mas recorreu a ele agora, pois precisava se lembrar daquilo. Com a mãe o empurrando para Faith e a atração intensa que sentia por ela, precisava despertar a memória. Pensar em Levi o manteria forte quando o desejo ameaçasse levá-lo para a luz.

— Eu não posso, mãe. Ela merece alguém que lhe dê tudo. E eu abdiquei de ter tudo. — Ele olhou para o relógio do micro-ondas. — Precisamos ir.

Savannah suspirou.

— Um dia, você vai olhar para trás e perceber que sozinho destruiu todas as chances que tinha de ser feliz. Uma chance que você mereceu. E uma que Levi gostaria que você aproveitasse por ele.

Ele balançou a cabeça e se afastou.

*

Jack Renault era um homem grande, corpulento e pesado. Vestia um blazer por baixo do casaco grosso. Faith se sentiu segura com ele, mas não tão segura quanto se sentia com Jason por perto. Não era idiota. Sabia que o

arranjo não poderia durar. Não quando ele tinha um negócio importante para administrar que abria em horas opostas ao dela. Mas aproveitou o tempo que passou com ele.

E se tivesse parado para pensar, teria presumido que eles conversariam como dois adultos antes dele contratar um guarda-costas e voltar para a rotina de sempre. Em vez disso, Jason esperou até ir para a cama com ela e depois fugiu assustado. Não tinha nenhuma dúvida de que foi o que aconteceu.

Depois de uma noite incrível em que ele se abriu e de terem se entregado um ao outro de formas mais íntimas do que ela poderia ter imaginado, ele saiu da cama antes dela, e Faith acordou sozinha. Não tinha dúvida de que foi de propósito. Então a mãe dele chegou e não tiveram tempo para repetir a dose, nem para conversarem. Verdade seja dita, achava que Jason estava aliviado. Agora ela tinha um guarda-costas, e sua distância dizia muito.

Bem, tinha muito o que fazer. Embora fizesse apenas uma semana que havia fornecido os doces para a festa de aniversário do filho de Izzy, três amigas dela já a contataram por e-mail.

— Faith? — Kelsey chamou da cozinha.

— Sim? — Ela olhou para a loja vazia e foi para os fundos.

A jovem parecia nervosa, o que não era do feitio dela.

— O que foi? — a mulher perguntou.

— Eu estava me perguntando se eu poderia trabalhar mais horas. O semestre já está quase no fim, e eu...

— Sim! — Faith nem sequer a deixou terminar. — Sim, é claro. Para falar a verdade, eu estava pensando em contratar outra pessoa também. Assim eu fico mais livre para cuidar de outros aspectos do negócio — ela falou e começou a explicar o nicho de lembrancinhas que descobriu por cortesia de Izzy Dare. — Quero consolidar o negócio, e você será uma peça-chave.

Os olhos de Kelsey se iluminaram com a perspectiva.

— Eu não vou te decepcionar — prometeu.

Ela tinha certeza disso.

Kelsey voltou ao trabalho, e Faith foi lá para frente. Olhou para Renault, que parecia estar feroz ao encarar a porta.

Suspirou. Se essa confusão não terminasse logo, acabaria sem clientes. A expressão do guarda-costas assustaria a todos.

Foi até ele e o olhou nos olhos.

— Podemos conversar?

— Como posso ajudar, srta. Lancaster?

— Queria saber por que está sendo tão difícil encontrar o meu irmão. E se o encontrarmos, como poderemos provar que foi ele que vandalizou a loja e invadiu a minha casa? Preciso recuperar a minha vida. — Assim como Jason.

Ele deixou claro que não gastaria mais seu tempo com ela, e Faith queria liberá-lo e sair de sua casa. Por mais que fosse magoá-la, pois não havia dúvida de que estava se apaixonando. Mas Jason não daria o que ela queria ou precisava. Quando os dois fizeram amor, ela acreditou que seria possível, mas ele se fechou logo em seguida.

— Para simplificar as coisas, seu irmão está com pessoas que ficam fora do radar. Não fui capaz de rastrear nem um celular. Ele age às escuras.

Ela franziu a testa e cruzou os braços.

— E se eu pudesse achar uma forma de atraí-lo?

Foi a vez dele de franzir a testa.

— Eu não sei como você o encontraria e, de qualquer modo, o Jason não só me demitiria sem me pagar, ele serviria minha cabeça em uma bandeja. Depois, o Gabriel também me demitiria, e esse é o meu ganha-pão. Então sugiro que você não se arrisque. Seu irmão vai aprontar alguma mais cedo ou mais tarde e vamos pegá-lo. Tenho certeza de que será algo ilegal e que o colocará na cadeia. Relaxe e me deixa fazer o meu trabalho. E você vai fazer doces — ele concluiu, falando como se ela fosse uma idiota, o que não a agradou.

Bater o pé não ia ajudar, então deu meia-volta e foi para o balcão. Enquanto não estivesse segura, não poderia dar espaço a Jason, nem mudar a situação atual. Ter que esperar Colton aparecer era frustrante.

*

De volta à rotina, Jason passou o dia e a noite na TEN29. Por mais estranho que fosse, os problemas da mãe lhe permitiram se afastar de Faith. Depois de passar o dia com Sienna, a mulher estava no apartamento com Faith, as duas sob vigília do guarda-costas noturno que Renault colocou do lado de fora do prédio. Ele manteria tanto Colton quanto Robert Dare longe.

Jason não teria que se preocupar com nenhuma das duas. Estava livre para trabalhar, que era exatamente o que queria... então por que estava tão agitado e não conseguia se concentrar em nada a não ser em pensar no que Faith estaria fazendo? Pior, como ela estava se sentindo depois da babaquice que fez ao deixá-la com um segurança sem dizer nada antes?

— Oi, em que pé estamos com as apresentações? — Landon perguntou ao entrar no escritório onde Jason passou o dia entocado. Normalmente, os três ficavam juntos no escritório maior, mas ele não estava com humor para as gracinhas que teria que ouvir sobre ter voltado.

— O Grey não pode. Minha meia-irmã está grávida e não está se sentindo muito bem — ele falou, sabendo que Landon não ia contar nada. — Ele está tentando arranjar alguém para a gente.

— Você sondou a Charlotte? — Tanner entrou na sala com uma Coca-Cola na mão.

Jason gemeu e fechou os olhos. A imagem de Charlotte, o cabelo longo e escuro e o corpo alto, impregnou seu cérebro. A lembrança das mãos dela no seu corpo quando eles transaram também apareceu. Não queria que ninguém o tocasse a não ser Faith. Merda.

Ele balançou a cabeça.

— Qualquer um, menos ela — ele murmurou.

Tanner estreitou o olhar.

— Você está tão apaixonado por aquela garota que não pode nem mesmo contratar sua ex para cantar?

Sim.

— Não. Só não quero lidar com a mão boba e a incapacidade dela de aceitar não como resposta. Levei bastante tempo para convencê-la de que tínhamos terminado. Não preciso disso de novo.

Um perseguidor na família já era o bastante, refletiu, pensando no irmão de Faith... até que o pensamento o pegou de surpresa. Família? Faith?

Ele resmungou e passou a mão pelo cabelo.

— Vocês podem sair? Estou tentando trabalhar. Vocês me deixaram com as planilhas e o trabalho duro.

Landon balançou a cabeça e riu enquanto Tanner disse o que estava pensando:

— Já era, cara. Me avise a data do casamento.

Jason amassou um pedaço de papel e o jogou nos amigos. Então voltou ao trabalho. Queria terminar a papelada antes da casa ficar cheia. Seria a primeira vez que ele estaria lá embaixo em semanas, e precisava fingir para os sócios que estava tudo bem, que tudo tinha voltado ao normal.

Uma hora depois, ele checkou algumas entregas, garantiu que tudo estava em ordem e foi se juntar a Landon e Tanner no bar quando o telefone tocou.

O identificador de chamadas indicava que era Grey, e ele alimentou as esperanças.

— Oi — atendeu imediatamente.

— Oi. Olha, eu tentei. Todos os famosos estão com os fins de semana cheios até o mês que vem. Não adiantou nem pedir favores. Eu posso te conseguir a Lola.

Ele se referia a Lola Corbin, agora Lola Grissom, casada com Rep Grissom Jr., jogador da liga de beisebol. Ela era a antiga vocalista da Tangled Royal quando a banda de Grey ainda estava junta.

— Mas trago más notícias — Grey disse.

Um arrepio percorreu a coluna de Jason, e ele quase adivinhou o que seria, mas deixou Grey dizer.

— Ela tem trabalhado com a Charlotte Jasper, que estava com ela quando eu perguntei... e as duas querem fazer a apresentação.

— Merda. — Não podia negar que ter Lola e Charlotte juntas na Club TEN29 colocaria a boate no mapa das apresentações ao vivo. Seria uma propaganda do cachê que eles pagavam e outros famosos estariam dispostos a se apresentar ali. Soltou outro gemido. — Vou pedir ao meu advogado para enviar o contrato para elas e assumiremos as negociações a partir de agora.

— Desculpe, cara.

— Não, eu tenho que te agradecer. Não se preocupe. Como está a Avery?

— No banheiro vomitando. Não sei como as mulheres conseguem fazer isso, nem por que chamam de enjoo *matinal* — Grey falou, demonstrando admiração e preocupação com a esposa.

— Diga a ela que mandei um beijo. Vou cuidar de tudo. — Jason desligou e enviou uma mensagem para os sócios para contar as novidades.

Depois ligou para o advogado e então para Gabe. Estrelas como Lola e Charlotte juntas custariam uma fortuna, e eles precisariam de um empréstimo até conseguirem arrecadar o que gastariam com as artistas.

Finalmente desceu para a escuridão do bar. Um lugar que sempre amou, mas agora não via a hora de sair dali.

*

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — Faith perguntou a Savannah, que estava olhando os vestidos que pediu a um *personal shopper* de uma grife de luxo.

— Acho que é a melhor ideia que eu já tive em muito tempo. Vamos visitar o meu filho na TEN29. Tomaremos uns drinques e nos divertiremos. — Savannah pegou um vestido verde-esmeralda. — Esse é para você. Pedi três, mas o verde combina com os seus olhos.

Faith ergueu a roupa linda e a colocou sobre o braço.

— Não se esqueça dos sapatos. — Savannah apontou para as sandálias prateadas. — São do seu tamanho.

Perguntando-se como permitiu ser convencida, Faith foi para o banheiro de Jason, onde havia deixado sua maquiagem. Meia hora depois, as duas se encontraram na sala, vestidas para matar. Ou para serem mortas quando Jason as visse fora do apartamento, Faith pensou.

— Ele vai ficar tão bravo — ela murmurou e Savannah, que usava um vestido prateado, abriu a porta do apartamento.

— Aquele segurança enorme virá conosco. Jason vai se conformar. Não saio à noite tem uma eternidade. Eu vou. E você? — a mãe de Jason perguntou.

Faith pegou a bolsinha que Savannah lhe deu.

— Vamos. — Não saía há mais de um ano. Se o prazo de alguém estava vencido, era o dela. Ficou óbvio que Jason estava resolvendo os próprios problemas, mas aquilo não significava que ela não podia se soltar.

E Savannah estava certa. Elas tinham um guarda-costas. Se Jason ficasse bravo, paciência. Foi ele quem contratou o homem, então deve confiar nele, pensou ao fechar a porta.

*

Com uma bebida na mão, Jason fez as rondas dos VIPS, os que pagavam uma boa quantia para entrar na casa, ter uma mesa garantida e um garçom à disposição. Como gerente, era sua obrigação assegurar a felicidade dos clientes, e Tanner e Landon cuidaram de tudo na sua ausência.

Foi bom voltar ao ritmo e retomar a rotina. Ao que parecia, os sócios sentiam o mesmo, pois do outro lado, Tanner ergueu o copo para Jason, e ele retribuiu o gesto.

Tanner atravessou o espaço e foi até a área da varanda, onde Jason estava descansando.

— Bem-vindo de volta, cara. Bom ver você aqui.

— Obrigado. É bom estar aqui. — Ele olhou para a entrada bem a tempo de ver duas mulheres passando pela porta. Mulheres que reconheceria

até dormindo.

A mãe usava um vestido prateado de paetê, com sapatos combinando, o cabelo loiro solto ao redor do rosto, no estilo que ela mais gostava. Ela olhou ao redor, avaliando o local. Esteve ali na inauguração, então conseguia se localizar bem.

A segunda mulher não tinha a mesma aura de confiança, mas com aquele corpo, não precisava. O vestido verde-esmeralda abraçava as curvas, o decote profundo mostrava os seios dos quais já se sentia dono, e a forma como o tecido descia pelos quadris e terminava acima dos joelhos era incrivelmente sexy.

Nenhuma das duas deveria estar ali. Não se importou se o segurança enorme que contratou entrou logo atrás.

— Com licença — ele falou para Tanner, que murmurou um “ah, merda” ao mesmo tempo.

— Não vou perder isso — o sócio disse e o seguiu.

Jason ficou no bar, e ouviu a mãe pedir um gim tônica. Faith olhou o cardápio de bebidas e sussurrou algo no ouvido de Savannah.

— Um *ménage à trois* para a minha amiga — a mulher disse, sorrindo.

Jason fechou os olhos e balançou a cabeça. Ele e os sócios sabiam fazer todos os drinques do cardápio, e esse era preparado com morango amassado, manjerição fresco, rum branco, triple sec, suco de limão, xarope de açúcar e gelo, tudo misturado e coado. A bebida podia ser potente, e Faith, apesar de aparentar nervosismo, tinha encrenca estampado na testa esta noite.

Permitiu que ela tomasse um gole bem generoso antes de decidir aparecer.

— Olá, senhoras — ele falou, caminhando na direção das duas, o que elas sabiam que seria inevitável.

— Jason! — A exclamação de Faith foi verdadeira.

— Oi, filho. — A mãe balançou os dedos para ele, obviamente satisfeita consigo mesma.

— O que vocês estão bebendo? — perguntou educadamente, apesar de já saber a resposta. Queria ver Faith suar.

Atrás dele, Tanner riu.

— Gim tônica. Você já sabe que é o meu drink favorito. — A mãe sorriu e tomou um gole delicado.

— Faith? O que é isso no seu copo? — Jason perguntou.

As bochechas dela ficaram muito vermelhas.

— Um *ménage à trois*. Quer? — ela perguntou, conseguindo ser engraçadinha, apesar da vergonha.

— Que tal vocês terminarem a bebida e irem para casa, onde não correm perigo nenhum? — sugeriu, mantendo a raiva sob controle. Ele as deixou sob proteção. E aqui estavam elas.

Faith tomou um bom gole antes de responder:

— Eu tenho o segurança que você contratou. Está óbvio que confia nele. Não há razão para que não possamos nos divertir hoje. — Ela tomou o resto da bebida e colocou o copo no bar. — Acho que vou procurar alguém com quem dançar.

— Eu vou com v... — A mãe olhou para Jason, sabendo que ele estaria furioso, e as palavras morreram em seus lábios. — Acho que vou ficar com o Jack. É esse seu nome, não é? — ela perguntou ao guarda-costas.

— Sim, senhora. — O homem continuou impassível. Ele levava o trabalho muito a sério.

— Não saia daqui — Jason instruiu a mãe antes de ir atrás de Faith.

Ela já estava na pista de dança com um parceiro. Alguém de Wall Street, com o cabelo penteado para trás, camisa branca com as mangas enroladas até os cotovelos e uma expressão arrogante. O cara tinha acabado de estender a mão, colocando-a na cintura de Faith.

Jason achou que teria uma síncope. Sem pensar, avançou, agarrou o braço do homem e o puxou.

— Ela está acompanhada.

O cara estreitou os olhos e ficou com o rosto corado de vergonha. Arrumou a camisa.

— Relaxa, cara. Se a mulher é sua, a mantenha em uma coleira — resmungou e saiu, o que foi inteligente, porque Jason ainda estava furioso.

— Está feliz? — perguntou a Faith. — Conseguiu o que queria ao vir aqui? — Porque, sem dúvida nenhuma, ela queria provocá-lo depois de ter sido ignorada... e ele reagiu.

A expressão de Faith era de tristeza.

— De jeito nenhum, Jason. Sua mãe quis vir. E já que estou aqui, decidi que ia me divertir. Não saio há mais de um ano. Não teve nada a ver com você. — Ela lhe deu as costas e foi para o bar.

— Faith.

Ela se virou.

— Duvido que não tivesse nada a ver comigo. — Ele fez uma pausa, sabendo que precisavam falar sobre aquele assunto, mesmo que fosse no lugar

errado e na hora errada. Mesmo que as pessoas estivessem olhando. — Eu precisava de espaço, então me julgue.

Ela levou as mãos à cintura e semicerrou os olhos.

— Eu precisava me divertir. Então *me* julgue. — Ela se afastou.

Ele a pegou pela cintura, a jogou por cima do ombro e seguiu para os fundos, onde ficavam as escadas da área VIP.

— Ei! Me coloque no chão! — Ela bateu nas costas dele.

Jason apoiou a mão nas costas e na bunda dela e subiu correndo as escadas. Assim que chegou ao escritório maior, a soltou. Ignorando a revolta e os gritos de Faith, ele a pegou pela mão e a puxou para o seu escritório.

— Para onde estamos indo? — ela perguntou, mas não estava mais resistindo, e sim correndo atrás dele.

O desejo que se instalou dentro dele desde que viu o balanço dos seios naquele vestido sensual, pulsava em suas veias. A fúria que sentia desde que ela o desafiou, indo atrás de outro homem, queimou e se transformou em necessidade. Manter distância? Precisar de espaço? Ele nunca teve a mínima chance.

Mas ele a havia magoado, sabia disso. E aquela não era a sua intenção. Então, se ela não o quisesse agora, ele a deixaria ir.

— Para um lugar em que possamos ficar sozinhos. — Ele fez uma pausa e a olhou nos olhos. — Alguma objeção?

Os segundos que se passaram pareciam longos e dolorosos. Ela o encarou, uma miríade de sensações percorreu tão rápido as feições dela que ele nem tentou decifrá-las. Em vez disso, esperou, com o membro latejando dentro da calça.

— Faith? — ele perguntou, porque ela tinha que aceitar.

— Pelo que você está esperando?

Ele a segurou com mais força enquanto a levava para o escritório, batia a porta e a trancava. Foi até a mesa e a olhou nos olhos, feliz por ver que os dela também estavam cheios de desejo.

— Tire a calcinha e levante o vestido — instruiu.

Ela arregalou os olhos, mas não hesitou. Puxou o vestido para cima e deslizou a calcinha pelas coxas.

A mão dele tremia ao abrir a calça e jogá-la no chão com a cueca.

— Apoie-se aqui — ele falou, com um tom rude.

— Eu...

— Você decide. — Ele agarrou o pau, acariciando-o algumas vezes.

Os olhos dela seguiram o movimento grosseiro.

Ela se curvou sobre a mesa.

Faith estava maravilhosa, a pele macia clamava por ele. Jason foi até ela e separou mais as pernas, abrindo espaço para entre as coxas dela.

Deslizou a mão pelo sexo macio e a encontrou encharcada.

— Caramba, você está molhada.

— Para você, Jason. Apenas para você. Mas se você se afastar logo que acabar, não quero saber de mais nada.

As palavras o atingiram com força. Deixou-as de lado por ora, sabendo que estava nessa até o irmão dela ser capturado. Até eles se separarem quando tudo terminasse. Ela sabia o que ele queria... Foi covarde ao fugir dela.

Então ele agarrou seu pênis, alinhou-se à entrada dela e a penetrou, deslizando devagar conforme ela se apertava ao seu redor.

Fechou os olhos e se permitiu experienciar as sensações. Faith não conseguia olhar para ele, e não via o quanto o afetava, então ele se deu ao luxo de poder sentir.

— Mais forte, Jase. — Ela moveu o traseiro, e ele a segurou, depois foi mais fundo.

Ela gritou, mas ninguém podia ouvir. Antes que ele pudesse perguntar se ela estava bem, Faith gemeu de prazer.

— Delícia. De novo.

O próximo movimento foi lento e tortuoso. Jason deslizou para fora das paredes estreitas dela e entrou de novo. Ao saber o que ela queria e precisava, ele se lançou a um ritmo constante, uma mão em suas costas e a outra no quadril enquanto estocava cada vez mais forte e mais rápido. Não demorou muito para ela ficar ainda mais excitada e os gemidos baixos começarem a ficar mais altos, mais frenéticos.

— Uau, Jase. Não pare. Eu preciso gozar.

Ele não tinha a intenção de negar aquilo a nenhum dos dois. O sangue fervia em suas veias, os testículos estavam rígidos e a única coisa que o impedia de chegar ao orgasmo era o fato de Faith ainda não ter tido o seu. Deslizou a mão pela cintura dela e esfregou um dedo sobre o clitóris.

Foi tudo o que precisou. Ela gritou e começou a gozar, o orgasmo trêmulo liberando o dele. Jason entrou nela de novo e de novo. Quando finalmente estocou uma última vez, soube que estava tão perdido por causa daquela mulher que talvez nunca mais encontrasse o caminho de volta.

Faith tinha certeza de que as bochechas ainda queimavam com a vergonha que sentia ao voltar para o bar depois de fazer o sexo mais explosivo da sua vida no escritório de Jason. Tinha certeza de que todos que olhavam para ela *sabiam*. Pior, estava com medo de que a mãe dele soubesse, e não conseguiu olhar nos olhos de Savannah.

Agindo como se não houvesse nada errado, a mãe dele conversou durante todo o caminho para casa. Jason dispensou o guarda-costas. Savannah continuou falando o quanto amou a TEN29, que Tanner havia contado dos novos planos deles, e que ela sabia que seria um sucesso. Aos poucos, Faith foi relaxando. Quando chegaram ao lobby, sentia-se mole e tão contente quanto podia, dadas as condições em que se encontrava.

Ao avançarem um pouco mais pelo belo local de vidro e mármore, com um porteiro bem no meio, Jason parou de repente. Savannah arquejou. E Faith olhou para o homem alto que causou as reações.

— Robert! — Savannah ficou em choque, encarando o homem que parecia estar esperando há horas. O terno estava amassado; a gravata, aberta; a camisa, desabotoada; e ele parecia exausto.

— O que você quer, pai? — Jason caminhou até ele.

Robert olhou para a esposa.

— Eu quero conversar.

— Mas a minha mãe não quer te ver. — Jason se colocou entre os pais, ficando do lado da mãe.

Ao encarar o homem, Faith pôde ver de onde Jason havia herdado a beleza: ele era uma verdadeira combinação dos dois, que estavam em um impasse. Uma olhada rápida para Savannah, e era óbvio o anseio em sua expressão. Ela ainda amava o marido.

— Isso é entre mim e a sua mãe, filho. — Robert lançou um olhar suplicante para a esposa.

— Mas ela fugiu para cá, o que faz o assunto ser da minha conta. Se ela quisesse te ver, eu não me envolveria. Mas como ela deixou bem claro que queria ficar em paz... — Jason foi abaixando a voz, deixando implícito o que queria dizer.

Faith se sentiu muito mal por ele. Não deveria ser fácil para um filho se meter nos problemas dos pais, embora Jason não parecesse dividido.

— Podemos conversar lá em cima, por favor? — Ele olhou para o porteiro, que, desviou olhar ao ser flagrado espiando. Depois encarou Faith, alguém que ele não conhecia.

Jason a puxou para perto.

— Ela está comigo e vai ficar. Você não merece uma apresentação — ele murmurou. — Quanto a conversar, a mamãe decide.

Savannah pareceu balançada, mas deu um passo adiante.

— Cinco minutos — ela disse baixinho.

Subiram em um silêncio desconfortável. Jason os deixou entrar no apartamento, desativou o alarme e olhou para a mãe.

— Quer que eu fique? — perguntou.

— Sim — o pai disse, surpreendendo Faith. — Você também precisa ouvir o que eu tenho a dizer.

— Tudo bem. — O tom seco de Jason disse a Faith tudo o que ela precisava saber quanto ao humor dele.

Ela apertou seu braço, oferecendo compreensão e conforto.

— Vou esperar lá no quarto. — Ela começou a se afastar e logo foi puxada de volta para o peito dele, os braços envolvendo-a pela cintura.

— Quero você aqui.

Então ela ficaria.

Capítulo nove

ERA UMA VEZ, um rapaz chamado Jason. Ele tinha um bom relacionamento com o pai enquanto achava que Robert Dare era apenas o pai *deles*: dele, de Alex e de Sienna. Depois que o mundo deles desabou e Robert estilhaçou sua imagem de pai modelo? O relacionamento não era mais tão bom assim. Jason não podia imaginar por que o pai o queria na sala agora. Talvez pensasse que teria o apoio do filho. Se fosse o caso, esperava que o homem não estivesse cheio de esperança.

Eles se acomodaram, a mãe e o pai em lados opostos, Robert em uma cadeira e a mãe no canto do sofá, bem longe dele. Jason puxou Faith para perto e se acomodaram do outro lado.

Por que quis sujeitar Faith ao drama do pai? Porque precisava do apoio dela e não tinha vergonha de admitir.

Lidar com aquele homem era desgastante. Era difícil distinguir o que era mentira e o que era verdade, mas aqui estavam eles.

Jason não tinha intenção de facilitar as coisas, então esperou em silêncio até que Robert começasse a falar. Por fim, ele pigarreou.

— Eu te quero de volta, Savannah. Cometi um erro e sinto muito.

Jason franziu a testa. *Erro* era dizer pouco. Jason talvez cometesse vários *erros* ao longo da vida, mas trair uma mulher não seria um deles.

— Já passamos por isso — a mãe disse. — Não estou interessada em te aceitar de volta. Não é como se isso não tivesse acontecido outras vezes. — Savannah se inclinou para frente. — Você prejudicou a Emma de formas que eu não consigo nem compreender, e eu me odeio por não ter dado um fim à nossa relação. Então não vai me convencer de que é um homem diferente agora. — As bochechas dela estavam coradas, mas a voz era firme.

Faith se recostou em Jason, obviamente percebendo que não era fácil para ele ouvir a mãe falar daquele jeito sobre si. Machucava. Mas daquela dor nasceriam forças renovadas, e Jason estava assistindo de camarote.

Robert teve o bom-senso de parecer envergonhado ao olhar para o chão antes de voltar a encarar Savannah.

— Escute, eu não sou santo, nós dois sabemos.

— Você está sendo modesto — Jason murmurou.

O pai ignorou a alfinetada.

— Eu sou um cretino. Fiz coisas horríveis com a Emma e com os meus outros filhos. Nunca soube lidar com a vida dupla. Na verdade, eu me sentia culpado por esconder vocês e descontava neles. Não fui o pai que mereciam. Eu não amava a mãe deles, então não era bom para eles. Não posso justificar... — A voz foi diminuindo, depois ele olhou para as mãos contorcidas.

— Robert — ela começou.

Ele respirou fundo, parou e depois disse:

— Por favor, me deixe terminar. Eu amo você, Savannah. Sempre amei. Sou fraco, nunca admiti antes. Mas eu quero a vida que eu tenho com você.

Jason olhou para a mãe e viu lágrimas escorrendo de seus olhos. Faith apertou sua mão com força. Ele soltou um longo suspiro. Se tivesse que dizer se acreditava ou não no pai... a melhor conclusão que poderia chegar era de que Robert acreditava nas próprias palavras. Isso mudava alguma coisa? Jason achava que o homem mudaria? Não.

— Você conseguiria me perdoar? — Robert perguntou.

Jason prendeu a respiração, assim como Faith.

— Não. — A mãe ficou de pé, o vestido prateado bonito brilhando e parecendo arrumado demais para um momento tão estranho quanto esse. — Você traiu a sua primeira esposa. Depois me traiu. Você não é bom, é um arremedo de homem e para mim chega. Vou gostar de mim mesma para variar e, para isso ser possível, eu preciso me livrar de você.

Robert ficou de pé em um salto, totalmente surpreso. Ele tinha mesmo pensado que Savannah o perdoaria e esqueceria.

— Mas...

— Não. A porta é por aqui.

Jason e Faith permaneceram sentados, deixando a mãe conduzi-lo até a saída. Ele ouviu murmúrios, em seguida a porta abriu e fechou com uma batida. Presumiu que o pai tivesse saído. Passos lhe disseram que a mãe estava indo direto para o quarto.

— Você está bem? — Faith perguntou baixinho.

Ele se virou para que pudesse olhá-la.

— Estou, sim. Drama de família? Já estou imune. — Ele conseguiu rir. — Ou, pelo menos, aprendi a me distanciar. Mas estou orgulhoso demais da minha mãe.

— Ela é incrível — Faith disse ao descansar a cabeça em seu ombro. — Vai ficar tudo bem.

Ele a puxou para si, sentindo seu cheiro.

— Vai.

Sobre os assuntos de família? Ele concordava.

Quanto à vida em geral? Isso não tinha como saber.

*

Na manhã seguinte, Savannah, aparentando estar forte e satisfeita com sua decisão, deu a notícia de que Sienna pediu que ela ficasse em sua casa. A irmã não tinha babá, nem queria uma, embora o marido pudesse arcar com a despesa. Mas ela precisava da mãe, e como Savannah estava ali, Sienna a queria ao seu lado. E a avó estava animada para ajudar com a netinha e passar mais tempo com ela.

Todo mundo saía ganhando, Faith pensou ao tomar sua última xícara de café com a mulher de quem começou a gostar muito. Savannah era amigável, afetuosa, receptiva e genuína.

— Foi um prazer te conhecer — Faith disse, olhando para a mãe de Jason por cima da xícara de café.

A outra mulher sorriu.

— Sinto o mesmo.

— Você me lembra da minha mãe — Faith disse.

Savannah inclinou a cabeça para o lado.

— Você sente falta dela.

Faith assentiu, com um nó na garganta.

— É difícil. O cordão que ela usava todos os dias estava comigo, e meu irmão o pegou quando invadiu meu apartamento. — Ela secou uma lágrima. — Jason pediu ao detetive para procurar nas casas de penhores, mas já aceitei o fato de que o perdi para sempre.

Isso parecia ser a trilha sonora da sua vida. Coisas perdidas. O pai. A mãe. Até mesmo o irmão. Todos se foram. E em breve, Jason iria também.

— Gostei do tempo que passamos juntas. Só queria que você soubesse — Faith disse a Savannah.

— Nunca se sabe... você pode acabar ficando — ela falou, insinuando que algo mais estava acontecendo entre ela e Jason.

Faith balançou a cabeça.

— Odeio ser estraga prazeres, mas, para ser sincera, o Jason não quer as mesmas coisas que eu.

— Que são? — Savannah colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e se inclinou para frente, esperando a resposta.

— Um dia, quando não estiver mais em perigo, quero um marido e uma família. Filhos — ela sussurrou. E embora tivesse certeza de que queria tudo isso com Jason, ele deixou claro que não estava pronto. Que talvez jamais estivesse.

— Ouça, meu bem. Ele passou por um trauma desses que alteram o rumo da vida. Preciso acreditar que ele vai conseguir sair dessa... com a ajuda da mulher certa. — Savannah estendeu a mão e pegou a dela. — Sei que estou me metendo, mas vi como vocês se olham. Acredito que você seja essa mulher. Só vai precisar de paciência... e fé — ela disse, rindo da própria brincadeira que fez com o nome de Faith, que significa fé.

Faith sorriu.

— Veremos. Mas você tem muito mais com que se preocupar além de Jason e eu.

— Sim. Sim, eu tenho. Mas creio que dei o primeiro passo, e foi certo.

Faith sorriu quando Jason entrou na sala, recém-saído do banho. O cabelo estava úmido, e ele usava jeans e camiseta, o uniforme para trabalhar na casa noturna durante o dia. Ele se trocava lá mesmo para a noite. Os dois tinham concordado em manter o mesmo cronograma com Renault como seu segurança.

Ele precisava voltar ao trabalho, e ela entendia. Agora que tinham conversado sobre aquilo como adultos, sem que ele impusesse as decisões, Faith não viu problema na mudança. Na verdade, ficou muito grata por ele estar se esforçando tanto para ajudá-la. A única forma que conseguia pensar para retribuir era deixando-o ir sem causar alarde, como ele queria, quando esse pesadelo com o seu irmão chegasse ao fim.

— Já está pronta para ir? — Jason perguntou à mãe.

— Estou. Não posso nem expressar o quanto sou grata por terem me permitido me meter entre vocês dois.

Desdenhando do comentário com um aceno, Jason pegou a mão da mãe.

— Só quero que você fique feliz.

Mais uma vez, Faith se viu com os olhos marejados. Esse homem era capaz de sentir amor, afeto e compreensão intensamente. Se ao menos pudesse sentir tudo isso por si... ele também poderia ser o que desejou para a mãe.

Feliz.

*

Uma semana depois que a mãe foi embora, Jason sentiu a inquietação de Faith. Ela queria que o irmão fosse pego e queria isso para ontem. Ele pressentia que o homem estava apenas esperando a hora certa de atacar. Provavelmente desejava encontrar Faith sozinha, algo que não aconteceria sob seus cuidados.

Por outro lado, Jason esperava prolongar a situação o máximo possível. Não porque pensava que Faith quisesse deixá-lo. Ela só queria a vida e a liberdade de volta. Infelizmente, os dois estavam cientes que isso viria com o fim do relacionamento que eles tinham. Ela se mudaria e trabalharia durante o dia. Ele trabalharia dia e noite. E teria que desistir do que tinham para que ela encontrasse o que disse para sua mãe que queria: marido e filhos.

Antes que pudesse mergulhar mais naquilo, o telefone tocou. Era Renault.

— Oi. O que foi? — Jason perguntou.

— Novidades — Renault disse com a voz inexpressiva de sempre. — Enviei fotos do colar para outros detetives que conheço e alguém o encontrou. Eles o deixarão na TEN29, porque, acredite ou não, a loja de penhores fica na esquina. Nós já tínhamos procurado lá, então estamos achando que o objeto foi penhorado mais de uma vez. De qualquer forma, está nas suas mãos. E estamos rastreando o caminho dele. Esperamos descobrir mais em breve.

O coração de Jason disparou. Faith ficaria feliz por recuperar a lembrança que tinha da mãe.

— Obrigado. São notícias muito boas.

— Eu amo ter resultados — Renault disse. — E a sua garota está bem. Estou de olho nela agora. Então está tudo bem. Nos falamos mais tarde. — E desligou.

Sua garota.

As palavras ficaram com ele, mesmo quando pegou o cordão com o contato de Renault e foi devolvê-lo a Faith.

*

Faith tinha acabado de fazer as trufas de morango e limão e as colocava no balcão quando o sino sobre a porta tocou e Jason entrou. Sempre

que olhava para ele era como se o visse pela primeira vez e o impacto era igualmente potente.

Kelsey veio da cozinha para ver se podia ajudar e se aproximou de Faith.

— Você é uma mulher de sorte — ela sussurrou ao olhar para Jason. Então voltou para seus afazeres.

O movimento tinha reduzido e, no momento, as coisas estavam tranquilas. Então ela saiu de trás do balcão e foi até ele.

— A que devo a visita?

— Boas notícias. — Os olhos dele brilharam com uma felicidade que ela não tinha visto até então.

— O que foi?

Ele a pegou pelo cotovelo e a levou até um conjunto de cadeiras, longe de onde Renault estava. O homem cumprimentou Jason com um gesto de cabeça e apontou para a porta. Como Jason estava ali, ele iria para fora, claro. Por mais que Faith fosse grata pela segurança, estava começando a se sentir incomodada por ter pessoas por perto o tempo todo.

Aquilo não se aplicava a Jason.

— Então, o que você veio dizer? — ela perguntou.

— Veja o que encontramos. — Ele colocou a mão no bolso e tirou algo de lá. Ela captou um vislumbre de dourado, e então Jason suspendeu um colar muito familiar diante dela.

— Ai, meu Deus! — Ela estendeu a mão, e ele colocou o colar lá. Seus olhos se encheram de lágrimas quando ela segurou a joia fria. — Isso significa muito para mim. — Ela o olhou com descrença.

— Eu te disse que faria o que estivesse ao meu alcance para recuperá-lo — ele falou com um tom de voz mais grave.

Ela o abraçou e o puxou para perto, sentindo seu aroma masculino.

— Obrigada.

Faith deu um passo para trás e perguntou:

— Poderia colocá-lo em mim? — Ela não tiraria o colar tão cedo.

— Claro.

Ela afastou o cabelo e se virou, ficando de costas para que ele pudesse colocar a corrente em seu pescoço. As mãos grandes tiveram um pouco de dificuldade e ele resmungou antes de finalmente conseguir.

— Pronto.

Ela estava prestes a soltar o cabelo quando ele se inclinou e roçou os lábios pela pele sensível da sua nuca. Faith estremeceu, os mamilos ficaram

tesos e uma onda súbita de desejo correu por suas veias.

— Jason — ela disse baixinho e abaixou a cabeça.

Em resposta, ele repetiu o gesto e deu uma leve mordida.

Faith estremeceu mais uma vez e se apoiou nele, sentindo o corpo forte em contato com o seu e o volume da ereção cutucando suas costas. Ela se virou, segurou o rosto dele e o beijou, deslizando a língua para dentro da boca de Jason. Infelizmente, sabia muito bem onde estavam e por terem sido flagrados por um cliente uma vez, ela foi rápida, afastando-se, apesar de querer muito mais.

Tirou o cabelo do rosto e o encarou, os olhos dele estavam intensos de desejo.

— Como você espera que eu volte a trabalhar agora? — ele perguntou, se ajustando com pouquíssima discrição.

Ela sorriu.

— Pelo menos, eu sei que você estará pensando em mim.

— Estou sempre pensando em você, linda.

Sentiu-se muito mais mexida com o apelido do que deveria.

— Mais uma vez, obrigada pelo colar. — Ela tocou o coração, que agora envolvia seu pescoço, um lembrete do quanto a mãe a amou.

— Na verdade, você deveria agradecer ao Renault e sua equipe. Eles vasculharam as casas de penhores — Jason disse, declinando do elogio.

Ela deu um tapinha na bochecha dele.

— Mas a ideia de contratá-lo para procurar o colar foi sua, então basta aceitar a minha gratidão e voltar ao trabalho. Preciso ajudar a Kelsey lá nos fundos.

— Mais uma coisa — ele disse.

— Sim?

Ele soltou um longo suspiro e disse:

— Contratamos a primeira apresentação para a TEN29. Será sexta-feira que vem.

— Que maravilha! O Grey aceitou? — ela perguntou, feliz por ele.

A careta que Jason fez pegou Faith de surpresa.

— Bem que eu queria, mas não. Vai ser a ex-companheira de banda dele, Lola Corbin.

— Da Tangled Royal? Eu amo aquela mulher! — Faith bateu palmas como fã que era.

— Ela vai se apresentar com a Charlotte Jasper — Jason falou, se remexendo e a expressão ficando tensa.

— Ela também é conhecida, não é? Qual é o problema? Você parece estar nervoso por causa disso. — Ela acariciou a têmpora direita dele, um óbvio indício de que ele estava incomodado com a conversa.

— A Charlotte é minha ex — ele falou como se estivesse se preparando para uma briga.

Faith estreitou os olhos.

— E? — Não tinha pensado que ele fosse celibatário antes de conhecê-la.

— Só não quero que você fique... — Suas palavras foram morrendo, e ela imaginou o que ele estava prestes a dizer.

— Com ciúme?

— Talvez desconfortável com a ideia de ela estar por perto. — Ele colocou as mãos nos bolsos da calça.

Faith era muitas coisas, mas ciumenta não era uma delas.

— Se ela é uma ex, não vejo problema. A menos que ainda exista alguma coisa entre vocês. — Ao pensar naquilo, o ciúme começou a fincar as garras, e ela não gostou da sensação.

— Não da minha parte — Jason se apressou em garantir. — Mas ela foi persistente quando terminei tudo e estou com receio de que ela interprete a apresentação como algo além de um convite profissional.

Faith inclinou a cabeça para o lado, encarando Jason. Ela pensou na cantora pop, uma mulher maravilhosa com cabelos pretos e batom vermelho. Era o oposto dela, que só usava brilho labial. A mulher também era muito mais magra que ela. Charlotte era famosa e parecia ter tudo. Mas Jason terminou o relacionamento, então ele não a queria. E estava com Faith.

Deveria estar com ciúme? Talvez. Estava? Nada fora do normal.

Ela e Jason tinham uma relação firme para o que era. E sabia que não deveria esperar um futuro, mas exigia fidelidade. Dado o histórico de Robert Dare e da reação de Jason ao comportamento dele, Faith não estava preocupada com a possibilidade de que ele fosse trai-la.

Estendeu a mão e pegou a dele.

— Você vai voltar para casa comigo depois do show? Se sim, não vejo problema.

Ele soltou um suspiro aliviado.

— Presumi que você teria problemas com a minha ex se apresentando. Assim como estou presumindo que a Charlotte ainda me quer, sendo que o mais provável é que ela tenha seguido adiante. Não tive notícias dela recentemente.

— Viu? Você está tenso sem razão nenhuma. — Ela teve uma epifania. — Sei que não gostou quando fui à TEN29 com a sua mãe, mas precisa saber que eu não vou perder esse show.

Ele fechou os olhos e gemeu.

— Não quero me preocupar com a sua segurança enquanto cuido para tudo sair conforme o planejado.

Ela deu de ombros.

— Então deixe a preocupação para o meu segurança, bem ali. — Ela apontou para Renault, que havia voltado para o lugar de sempre. — E você se preocupa com seus negócios.

— Não me parece uma boa ideia você frequentar uma casa noturna lotada. Estou com um pressentimento ruim. — Ele a olhou nos olhos com uma expressão de súplica, mas ela não cederia.

— Contanto que eu fique com você e continue protegida, estarei em segurança. — Ela o beijou na bochecha, sem querer que ele se preocupasse.

Ela já se preocupava o bastante pelos dois, mas se recusava a perder uma ocasião importante para ele.

*

Os dias que antecederam o show na Club TEN29 demandaram muito tempo e planejamento, e Jason trabalhou até tarde todas as noites. Chegou ao ponto em que ele mal via Faith, que estava dormindo quando ele chegava em casa e saía antes que ele acordasse. Agora que tinha voltado ao horário normal de trabalho, o turno era o oposto do dela. Mas estava determinado a fazer essa mudança na imagem da casa, mesmo que isso significasse sacrificar a vida pessoal.

Não tinha mentido para Faith quando disse que estava com a sensação de que algo daria errado na noite do show. O irmão dela não ficaria escondido para sempre se estava em busca do seu dinheiro. Apareceria quando ela estivesse vulnerável. E onde ela estaria mais suscetível a ataques do que em uma casa noturna lotada?

Mas não podia mantê-la presa dentro de casa, o que significava que ela iria ao show. Assim ele teria que dividir o foco para garantir sua segurança... e faria isso, pois, no fim das contas, ela era tudo para ele.

Faith passou por suas barreiras muito bem construídas e se tornou parte da sua família, parte da sua vida, e indispensável para seu bem-estar. Jamais acreditou que isso aconteceria, mas aconteceu. Se a perdesse agora,

ficaria tão destruído quanto ficou quando perdeu Levi. Agora que ela estava lá, nunca mais a deixaria ir.

Pensou em Levi e sabia que o amigo ia querer que ele seguisse com a vida. Para honrá-lo de todas as formas, não ficar remoendo o passado sem jamais superar o horror que presenciou. Embora não tivesse percebido antes, entendia agora. Faith mostrou que ele poderia ter um futuro que não fosse definido pelos erros do pai, nem por uma perda trágica.

Agora só precisaria livrá-la do irmão para então contar como se sentia e esperar que ela acreditasse no avanço que ele fez.

*

Izzy ligou para Faith e a convidou para se juntar a ela e Sienna para comprar roupas novas para o show na Club TEN29. Foi uma luta convencer Jason a aceitar o fato de que ela podia ter uma tarde de compras e ainda ficar em segurança. Teve que aceitar Renault no seu encalço o tempo todo, e ficou com pena do grandalhão por ter que vigiar três mulheres aos risos enquanto experimentavam cerca de cinquenta vestidos antes de irem para o setor de sapatos da loja.

Pela primeira vez desde que chegou a Nova York, estava livre para fazer o que queria com amigas ou, pelo menos, com as mulheres da família de Jason, que tinham o potencial para se tornarem suas amigas. O dia mostrou a ela o que faltava em sua vida, e prometeu a si mesma que assim que Colton fosse capturado, construiria uma vida plena para si.

Tinham acabado as compras e guardado tudo no porta-malas do SUV de Izzy, e agora estavam sentadas à mesa de um restaurante em Midtown.

Como Sienna estava amamentado, optou por água com gás, mas Izzy e Faith tomavam mimosas. As três pediram salada oriental e enquanto esperavam, conversaram.

— A um dia bem-sucedido — Sienna brindou, erguendo sua taça.

— Tim-tim. — Izzy tocou a taça na de Sienna, e cada uma delas imitou o gesto.

— Izzy, não sei nem como te agradecer por ter me deixado colocar os cartões na festa do Noah. Recebi diversas ligações. Até de mães cujos filhos vão fazer aniversário depois de julho queriam reservar uma data.

A loira bonita sorriu e voltou a erguer a taça.

— À alavancagem dos seus negócios.

— Obrigada.

— Então — Sienna começou. — O que está acontecendo entre você e o meu irmão? E não venha me dizer que vocês são só amigos. — Os olhos dela brilharam com malícia.

Faith engasgou com a bebida. Tossiu e secou os olhos lacrimejantes.

— Ela não faz rodeios — Izzy disse, sem necessidade. — E também é jovem demais, então vamos dar um desconto.

Sienna, que tinha vinte e três anos, franziu o nariz.

— Ei. Tenho muitos irmãos se metendo na minha vida, o que me dá o direito de fazer a mesma coisa com eles. Mas peço desculpas caso eu esteja sendo enxerida demais — a jovem bonita falou.

Faith sorriu, sentindo as bochechas queimarem ao responder:

— Há muita coisa acontecendo — confessou. — Mas o relacionamento tem data de validade. Quando o meu irmão for capturado e sumir da minha vida, vou sair do apartamento do Jason e cada um vai seguir o seu rumo. — Sentiu o estômago revirar e pensou em culpar a bebida, mas sabia que era o fato de pensar em deixar Jason que a chateava.

Sienna suspirou.

— O comportamento do meu pai fez todos nós sermos cautelosos com relacionamentos, mas eu esperava mesmo que o Jason encontrasse a mulher certa e sossegasse.

Faith colocou a bebida na mesa.

— Creio que seja mais do que apenas o seu pai. — Ela não falaria sobre as confissões que Jason fez.

— Ah, eu sei. A morte do Levi o deixou devastado. — Sienna fez uma careta, demonstrando a dor pelo irmão. — Todos eles ficaram arrasados. Mas em vez de se afastar das pessoas, Jason deveria abraçar as coisas boas da vida e vivê-la ao extremo. — Ficou claro que ela queria o melhor para o irmão, mas não aceitava as escolhas dele.

Faith se sentiu no dever de defender Jason e seus sentimentos, mesmo que eles não a beneficiassem.

— O Jason está no direito dele, e se ele não quiser o mesmo que eu, está tudo bem. — Ela forçou as palavras a saírem, porque, lá no fundo, eram sinceras. Mesmo que fossem dolorosas.

Queria tudo com ele? Claro. Mas não forçaria, nem julgaria suas decisões.

— Podemos falar de outra coisa? — Não queria ficar ainda mais chateada e acabar chorando sendo que não havia nada que pudesse fazer quanto à situação em que se encontrava.

— Vamos falar de doces — Izzy disse. — A Faith é ótima.

— Claro. Sinto muito — Sienna murmurou. — Então fale dos seus negócios. Eu amo doces e sinto muito por ainda não ter passado pela sua loja, mas agora que a minha mãe está me ajudando, vou te fazer uma visita.

— Vou adorar. Como está a sua mãe? — Faith perguntou.

Sienna suspirou e tomou um gole de água antes de responder:

— Ela é mais forte do que eu pensava. E conta com o apoio de toda a família, até mesmo dos meus meios-irmãos. Todos demonstraram apoio. Isso me deixou muito contente.

— A Savannah é um amor. Fico feliz pela família ter se unido.

A garçonete chegou e serviu as saladas, pondo um fim à conversa e deixando Faith sozinha com os próprios pensamentos enquanto comiam em relativo silêncio. Em vez de sofrer pensando que perderia Jason em breve, pensou na roupa que comprou para o show. Exagerou e escolheu um vestido vermelho acima do joelho, com um decote profundo e uma fenda na coxa.

Estourou o orçamento, mas tinha a sensação de que seria sua última oportunidade de causar uma impressão permanente em Jason, então decidiu que a ostentação valia a pena. Ele poderia ir embora quando tudo acabasse, mas ela lhe daria uma visão sensual e deslumbrante de si para se lembrar.

Capítulo dez

NA MANHÃ DO show, Jason se sentou com os sócios no escritório principal e abriram uma garrafa de bourbon especialmente para um brinde antes de irem lá para baixo trabalhar. Apesar de nenhum deles ter o hábito de beber, mereciam brindar ao sucesso. E eles sabiam que Levi aprovaria.

— Jason, devemos essa noite a você. — Tanner ergueu o copo. — É a sua ideia ganhando vida.

— E eu a devo a Faith por plantar a semente da ideia. — Quem pensaria que a noite em que conheceu uma loira bonita parada na calçada mudaria sua vida daquela forma?

Landon colocou o copo no balcão e olhou para Jason.

— Parece que ela é especial.

— Ela é. — Jason tomou um gole da única dose que se permitiria naquela noite. — Mais do que eu pensei ser possível.

— Bom para você, meu amigo. Mas isso não serve para mim — Tanner falou, se remexendo.

— Nem para mim — Landon murmurou. — Não imagino ninguém me fazendo mudar de ideia. Estou muito bem sozinho.

Jason franziu a testa.

— Vocês não sabem o que estão perdendo. Mas sei que não há como convencê-los a menos que experimentem por conta própria.

Tanner revirou os olhos ao ouvir aquilo.

— O amor não é para mim. Ninguém vai me entender, nem aceitar os demônios que vivem aqui dentro. A não ser vocês dois. — Ele deu um sorriso desdenhoso, como se aquilo não o incomodasse.

Jason sentia que o incomodava. Mas não discutiria com o amigo. Somente a mulher certa o faria pensar diferente.

— Tudo bem... para essa noite... a segurança está reforçada? — Jason perguntou.

Tanner assentiu.

— Nada com que se preocupar nesse ponto. Mande trancar tudo.

Jason soltou um suspiro.

— E eu providenciei um guarda-costas para a Faith. O que significa que fizemos tudo o que podíamos.

Landon fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Sugiro que tentemos aproveitar também. Os artistas estão lá embaixo. A Lola e a Charlotte estão passando o som.

Jason se sentou no canto da mesa.

— É. Eu as encontrei quando estava vindo para cá. — E tinha limpado as marcas do batom vermelho que Charlotte deixou em seus lábios. Se a mulher o tivesse superado, tinha uma forma engraçada de demonstrar. Mas ela gostava de ser o centro das atenções e de causar drama, e Jason esperava que o cumprimento fosse apenas isso.

— Preciso trocar de roupa. Encontro vocês lá embaixo — Jason disse.

Landon olhou para a calça jeans que vestia.

— Acho que nós também precisamos nos trocar. — Com o tanto de horas que passavam lá, era como uma segunda casa, e ficavam confortáveis até a hora de ir para o piso principal.

— Você vai para casa pegar a Faith? — Tanner perguntou, levantando da cadeira em que estava jogado.

Jason balançou a cabeça.

— O Renault vai trazê-la. Ao que parece, ela queria fazer cabelo e maquiagem com as mulheres da minha família.

Uma risada tenebrosa escapou da garganta de Tanner.

— Você está encrencado, cara. Quando a família está envolvida, é mais difícil terminar as coisas.

Jason sorriu.

— Exatamente, meu amigo. Exatamente.

*

O coração de Faith batia forte enquanto Renault a escoltava até a Club TEN29. Passou um dia fantástico com Izzy e Sienna, fizeram o cabelo com um profissional e foram a um maquiador que a deixou incrível. Não podia se lembrar da última vez que se sentiu tão bem consigo, tão cheia de energia para sair, esquecer os problemas e se divertir.

Não se importou por ter gastado uma quantia exorbitante para fazer essa noite acontecer. Era uma ocasião importante para Jason, e talvez fosse a única noite que passariam juntos e desfrutando do sucesso dele. Deixando aqueles pensamentos de lado, ela olhou pela janela do carro a tempo de ver a casa noturna.

Tinham chegado.

Permitiu que o segurança a acompanhasse até lá dentro, passando pela fila que virava a esquina. Olhou ao redor, procurando por algum conhecido. Supunha que Jason estaria ocupado e não queria atrapalhar. Só queria estar ao lado dele nesta noite importante.

A música reverberava pelo lugar e dentro dela. Só podia imaginar o som e a sensação quando o show começasse.

Olhou para o bar, onde a família de Jason estava reunida. Aproximou-se de Izzy e Gabe, que a receberam com animação. Sienna apareceu logo em seguida com a mãe e o marido. Ethan Knight era um homem de aparência imponente a quem ela jamais gostaria de irritar. Todos os homens dessa família eram alfa ao extremo, Faith pensou, refletindo sobre a sorte que essas mulheres tiveram por terem encontrado homens dispostos a se comprometerem.

Ela mordeu o lábio inferior. Prometeu a si mesma que não pensaria em finais felizes e outras coisas que não poderia ter hoje. Olhou para Savannah Dare, admirando sua força por se afastar de uma situação ruim e não ficar sentada em casa se lamentando enquanto se recuperava após o casamento ter ruído.

Não estava se sentindo tão atrevida como da última vez que esteve ali, então pediu uma taça de vinho, olhando ao redor para ver a casa que começava a encher. Como não viu nenhum dos sócios, presumiu que Jason e os outros estivessem ocupados com os preparativos de última hora.

Seu guarda-costas enorme ficou por perto o tempo todo, o único lembrete de que nem tudo era tão perfeito quanto parecia se alguém olhasse de fora.

Estava jogando conversa fora com a família de Jason quando teve a nítida sensação de que estava sendo observada. Olhou para trás e para a área com vista para o piso principal da casa noturna. Claro, Jason estava no mezanino, olhando para baixo... para ela.

Faith pegou a taça de vinho e tomou um gole, sem desviar o olhar do dele, perguntando-se se Jason podia ler seus pensamentos. Se ele soubesse o quanto estava apaixonada pelo homem que a acolheu e cuidou sem nem sequer conhecê-la. Que a fez sua.

Jason sabia que ela estava apaixonada por ele?

Faith o encarou. Ele vestia calça social escura, camisa preta e paletó, um protetor sombrio e sensual com olhos só para ela. Mas era alguém que estava disposto a deixá-la. Prometeu a si mesma que não dificultaria as coisas

para ele e, por isso, nunca revelou o que sentia. Não em palavras, de qualquer forma.

Guardou-as no coração, onde o manteria para sempre.

Piscou, e ele sumiu, o que significava que deveria estar descendo. Estremeceu com a expectativa, sentindo uma impaciência repentina para vê-lo.

Tocá-lo.

Beijá-lo.

Ele vinha trabalhando muito, em horários diferentes dos seus, e ela passava muito tempo naquela cama grande sozinha. Não sabia quanto tempo ainda ficaria sozinha no próprio apartamento, com nada além das memórias para ampará-la. Depois do arrombamento, eles limparam tudo, mas ela não foi para casa. Seria estranho estar lá com apenas as lembranças que teria de Jason.

Sem aviso algum, braços fortes deslizaram ao redor da sua cintura, e ela reconheceu seu perfume. Suspirou de prazer e se recostou nele.

— Você está tão gostosa que não consegui parar de te olhar — ele disse em seu ouvido.

Faith se virou e se viu nos braços dele.

— Você também está muito bonito, sr. Dare.

Ele sorriu, com um brilho travesso nos olhos.

— Quero te levar para casa e te devorar. — O dedo afundou no decote dela, delineando o V profundo do vestido.

Os mamilos enrijeceram, e ela pressionou as coxas, o desejo por esse homem fervia dentro dela.

— Que tal vocês dois arranjam um quarto? — Tanner resmungou ao lado deles.

Jason riu.

— Mal posso esperar pela sua vez.

— Vai sonhando.

Antes deles dizerem qualquer outra coisa, batidas no microfone reverberaram pela sala e Landon apareceu no palco. Vestido de preto, ele segurava o microfone.

— Bem-vindos à Club TEN29. — Ele ergueu as mãos e os aplausos surgiram da multidão. — Estamos animados por recebê-los para a nossa reinauguração, estrelando Lola Corbin Grissom, da Tangled Royal, e Charlotte Jasper!

O público irrompeu em aplausos quando Landon saiu dos holofotes e as cortinas se ergueram, revelando as duas cantoras famosas.

Jason abraçou a cintura de Faith e descansou a cabeça em seu ombro. E foi assim que ficaram, ouvindo a música ao vivo mais incrível do mundo. As duas mulheres eram um poço de energia, e Faith estava exultante por Jason ter conseguido que elas se apresentassem. Até mesmo Charlotte, que gostou de encará-lo, apesar do fato de ele estar grudado em Faith.

Pelo menos, por ora.

Ela se recostou nele e se permitiu aproveitar o resto da noite, celebrando o sucesso de Jason e dos sócios.

*

Depois de uma noite triunfante, os clientes demoraram para ir embora, mas a multidão enfim se dissipou e a casa pareceu vazia. Não havia mais música nos alto-falantes. A equipe de Lola e Charlotte estava guardando o equipamento. O pessoal da limpeza trabalhava, arrumando as mesas e colocando as cadeiras para cima para limparem o chão.

Família e amigos íntimos se amontoaram no bar, ainda animados. Assim que ficaram sozinhos com os conhecidos, Jason dispensou Renault. Ele levaria Faith para casa. Naquele momento, todos ali só queriam o melhor um para o outro. Pela primeira vez em muito tempo, Jason também estava nas nuvens por causa da perfeição da noite.

Ele passou um braço ao redor dos ombros de Faith.

— Eu devo te agradecer por esta noite.

Ela o olhou, confusa.

— Como assim? Eu não me lembro de ter tido a ideia de transformar isso aqui em um lugar para apresentações ao vivo.

— Não, mas você me inspirou na noite em que nos conhecemos quando falou sobre se destacar em seu nicho.

— Eu estava entregando cestas nas lojas da vizinhança, não expressando minha opinião sobre o cenário das casas noturnas de Manhattan.

— Ela dispensou o comentário dele como se não tivesse feito nada importante.

— Não faça isso. Não diminua o que você faz. Os doces deixam as pessoas felizes.

Ela sorriu.

— Eu amo o que faço. Só estou dizendo que não entendo como posso ter inspirado essa noite incrível.

— Você me fez pensar além. Fez com que me perguntasse como poderia fazer o meu negócio se destacar. E tive a ideia. Então eu tenho que te agradecer. — Ele deu um beijo nos lábios dela.

— Bem, não há de quê. Quem diria que o meu nicho acabaria sendo lembrancinhas de festa? — ela pensou em voz alta, mas soou muito satisfeita.

— Como eu disse, você faz as pessoas felizes. É sério, Faith.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— E com isso, devo pedir licença para ir ao toalete.

— Te espero aqui.

Ela escapou de seu abraço e se afastou. Ele não conseguiu deixar de olhar o decote que expunha as costas, o balanço sensual dos quadris, ou a forma como seu cabelo saltava conforme ela se movia.

— Jason! Graças a Deus consegui te pegar sozinho! — Charlotte se aproximou dele, puxando-o para um abraço. — Obrigada por deixar que eu me apresentasse hoje. Eu amo fazer shows para públicos menores.

Ele se afastou dela.

— Você e a Lola formam uma equipe animada.

Ela sorriu para o elogio.

— Estou tentando convencê-la de gravarmos uma música juntas.

— Espero que chegue às paradas de sucesso.

— Então... — Ela jogou o cabelo para trás, o olhar firme no dele. — Você parece bastante... domesticado com a sua namorada.

— E? — perguntou, sabendo que todas aquelas palavras eram verdadeiras.

Aqui estava ele, comemorando seu maior sucesso, e quis que ela estivesse ao seu lado. Levou a mulher para morar com ele. Apresentou-a à família. Fez Faith ser parte da sua vida, o tempo todo declarando que não queria nada sério.

Foi um grande idiota, mas estava com a cabeça no lugar agora.

— Eu pensei que você não tivesse relacionamentos sérios. — Charlotte colocou a mão na cintura, obviamente esperando por uma resposta.

Jason não ficou surpreso por ela querer falar de seu relacionamento com Faith. Um simples olhar deixava óbvio que o que eles tinham era mais profundo que qualquer coisa que viveu com a bela mulher de cabelos pretos diante dele. Ela podia ser linda, mas não causava o mesmo efeito que Faith. E

o que ele e Charlotte viveram foi divertido, mas superficial, como todos os seus relacionamentos anteriores.

Sempre pensou que ela também se sentisse assim, já que ela estava ocupada com a carreira e viagens. Até terminar e a mulher chorar como se eles estivessem terminando um noivado ou algo do tipo. Mas se orgulhava de ser sincero com as mulheres em sua vida, e isso incluía Charlotte.

— Escute, as pessoas mudam. Assim como as circunstâncias. — Ele conheceu a mulher certa por acaso, e sua vida virou de cabeça para baixo.

Ela o encarou. Estava magoada, algo que jamais teve a intenção de causar nela.

Jason colocou as mãos nos bolsos da calça.

— Sinto muito. Mas fui sincero. Nunca menti para você.

— A não ser sobre o que você era capaz de dar.

A verdade era que ele não sabia do que era capaz até conhecer Faith. Ele endireitou os ombros.

— Quando você conhece a pessoa certa, você sabe. — Jason respirou fundo. — Obrigado por se apresentar hoje, e eu te desejo o melhor — ele falou, querendo pôr um fim à conversa.

— Tudo bem. Para você também — ela disse a contragosto.

Não havia nada mais a dizer, então se virou e deu de cara com Tanner.

— Oi — Jason falou.

— Oi. — Tanner sorriu. — *Conseguimos*.

Jason assentiu.

— Foi mesmo. Eu... — Antes que pudesse dizer a próxima palavra, um grito agudo ecoou pelo salão e seu estômago se contraiu, porque reconheceu a pessoa por trás dele.

— A Faith. Ela foi ao banheiro — Jason falou com o coração martelando no peito. Como só restava a família, amigos e funcionários verificados, mandou Renault para casa. Ali, seria capaz de protegê-la como fez nos últimos meses.

O corredor para os banheiros tinha entradas dos dois lados de uma parede divisória.

— Vou por lá. — Ele apontou para o caminho mais próximo do banheiro feminino. — Você vai pelos fundos. Liguem para a polícia — ele gritou. A família entrou em pânico.

Tanner assentiu e saiu em disparada.

Faith lavou as mãos e retocou a maquiagem, limpando os borrões escuros debaixo dos olhos e reaplicando o batom. Os pés doíam. Não sabia quanto mais Jason precisaria ficar, mas já estava mais que pronta para ir para casa.

Deu uma última olhada no espelho, saiu do toalete e deu de cara com um corpo magro e masculino que reconheceu de imediato.

— Colton. — A boca ficou seca ao vê-lo. Ele tinha uma aparência horrível. O cabelo estava sujo e oleoso, pendendo ao redor do rosto, os olhos estavam vidrados e a pele tinha um tom amarelado.

— É difícil pegar você sozinha.

— Como você me encontrou, para início de conversa? — ela perguntou, olhando para ambos os lados, esperando que alguém aparecesse.

— A irmã de uma conhecida trabalha na polícia. Mas não importa. Te encontrei. — Ele ergueu uma mão trêmula e a pegou pelo pulso.

Soube de imediato que ele não tinha força o bastante para segurá-la, então puxou a mão para longe. Em vez de sair correndo, ela se desequilibrou com os saltos e virou o pé, torcendo o tornozelo.

— Sua vaca. — Ele moveu a mão e deu um tapa forte em seu rosto. Nunca apanhou antes, e ficou atordoada por um precioso segundo. Naquele instante, ele levou a mão ao bolso, pegou um canivete e liberou a lâmina.

Precisando chamar a atenção de alguém, Faith gritou, porque mesmo Colton não sendo forte e fisicamente capaz, ele estava perturbado e determinado.

— Cale a boca, sua vaca. Você tem sido uma pedra no meu sapato — ele falou ao puxá-la com força em sua direção. Seu mau-cheiro foi avassalador.

O irmão levou a lâmina ao pescoço de Faith.

— Eu só quero o meu dinheiro. Vamos passar a noite por aí e assim que amanhecer você vai ao banco me dar o que é meu. Entendeu?

Tendo o cuidado de não se mover e encorajá-lo a esfaqueá-la, Faith respondeu que sim, com o tom deliberadamente suave.

Embora o canivete de Colton fosse pequeno, estava afiado, e ela já o sentia beliscar a pele. Estava com mais medo que ele acertasse uma artéria do que dele em geral. O irmão era um farrapo patético e trêmulo do homem que foi um dia, mas os tremores o deixavam perigoso.

Como ele achava que a tiraria dali com o bar cheio de funcionários e a família de Jason toda lá? Mas não queria deixá-lo nervoso e provocar uma reação ao fazer a pergunta, então deu voz à outra:

— Como você entrou?

— Com um grupo enorme que estava na lista. — Ele falou como se estivesse com orgulho de si mesmo. — Então me escondi e esperei para te pegar sozinha. — A mão dele tremia, o que a deixou nervosa. Perguntou-se quando ele havia usado sua última dose.

— Colton...

— Faith. — Jason a chamou ao entrar com cuidado no corredor.

Ficou tão grata por vê-lo que os joelhos quase cederam.

— Você está bem, linda? — ele perguntou.

— Estou. — Ela engoliu em seco, tomando cuidado para não se mover.

— Se quer que ela fique bem, afaste-se e nos deixe passar. — Colton a cutucou para que ela andasse. O tornozelo não aguentou e ela gritou de dor.

Jason semicerrou os olhos, deixando evidente a fúria por ela estar machucada.

— Está cheio lá na frente — ele disse entre dentes. — Por que você não a leva pela porta dos fundos?

Colton balançou a cabeça.

— Aquela porta tem um alarme de emergência. Você acha que sou idiota? Eu verifiquei mais cedo — ele falou, apertando-a ainda mais.

Jason deu um passo à frente ao falar:

— Tudo bem. O Tanner vai te colocar para fora, não é, Tanner?

Quando percebeu que tinham companhia, Colton ficou nervoso.

— Porra! — ele gritou e olhou para trás.

Jason avançou, puxou Faith para longe do homem e para os seus braços no momento em que Tanner partiu para cima de Colton, derrubando-o com facilidade. O corpo frágil do rapaz não era páreo para os músculos de Tanner.

— Caramba. — Jason ergueu o rosto de Faith para olhá-la, passando a mão com carinho em sua bochecha. — Está doendo?

Ela balançou a cabeça.

— Não tanto quanto meu tornozelo. Eu o torci ao tentar fugir. — Ela se sentou e esticou a perna.

Com cuidado, ele segurou seu pé para verificá-lo e parecia estar inchado.

— Tenho certeza de que foi só um entorse por causa dessas drogas de saltos.

Ele olhou para Tanner, que havia imobilizado Colton enquanto esperavam pela polícia.

— Vou lembrar ao Tanner para não dar uma surra nele, mas se o filho da mãe dificultar as coisas, não vou dizer nada — Jason murmurou, depois voltou a olhar para Faith.

Agindo por impulso, ela se jogou os braços ao redor do pescoço dele, segurando-o com força.

— Obrigada. — Trêmula, sentiu-se melhor quando ele a abraçou.

— Eu odiei ver esse cara encostando em você. E aquela faca. — Jason xingou. — Era pequena, mas se ela escorregasse por causa dos tremores na mão dele... — Ele enterrou o rosto no pescoço dela e Faith sentiu o fôlego quente em sua pele.

— Acabou — ela disse e as lágrimas finalmente chegaram a seus olhos. — Está tudo acabado. — Muito antes que ela estivesse pronta.

Afastando-se, Jason a olhou.

— Faith, eu...

Antes que ele pudesse dizer o que pensava, a polícia entrou, separando Jason de Faith e assumindo de onde Tanner estava.

*

Jason andava de um lado a outro na cozinha do apartamento, a cabeça latejava e o coração era uma bagunça. Primeiro, a polícia os havia interrogado por horas, ouvindo os depoimentos sobre o que aconteceu na casa noturna. Levou uma eternidade para explicarem a história de Faith com o irmão, mas, a tentativa de sequestro dessa noite, os incidentes que ela reportou à polícia de Manhattan e a informação que seu advogado tinha de Colton e que ela repassou aos policiais que foram ao local – fotos de seu pescoço machucado, a decisão do juiz de não divulgar sua mudança de nome para evitar que ele a encontrasse – tudo isso somado significava que as coisas estavam bem ruins para o jovem.

Depois de acalmar toda a família, certificando-se de que todos saíssem e de escoltar Charlotte e Lola em segurança até a limusine, Jason deixou Tanner e Landon cuidando do fechamento da casa. Devido ao inchaço no tornozelo de Faith, Jason quis parar na emergência, mas todos concordaram que as horas de espera não valeriam a pena.

Ele queria colocar gelo na lesão, mas ela insistiu que precisava de um banho. Queria se livrar do cheiro de Colton, e Jason concordou. Deixou Faith

sozinha como ela pediu, sabendo que ela precisava processar o que havia acontecido.

Caramba, daria tudo que ela quisesse de agora até o fim dos tempos. Embora já tivesse deixado o passado para trás, não percebeu o quanto a amava até o segundo que ouviu aquele grito. Virar no corredor e ver Colton segurando uma faca na garganta dela o impactou tanto que foi obrigado a aceitar.

Ele a amava com todo seu ser.

Se algo acontecesse a ela, se ele a perdesse, não conseguiria viver. Por que ele acreditou que o que eles tinham teria prazo para acabar? Faith era parte dele e Jason não queria deixá-la.

Pegou o gelo que colocou no saquinho, voltou ao banheiro e a encontrou usando calça de moletom e camiseta, mancando entre o closet dele e a mala aberta sobre a cama. O gelo que segurava se infiltrou em suas veias.

— O que você está fazendo? — ele perguntou ao colocar a bolsa de gelo na cômoda perto da cama.

Ela virou a cabeça e o olhou com a expressão triste.

— Concordamos que quando o Colton fosse pego, o nosso tempo juntos chegaria ao fim. Não vou ficar aqui e prolongar o inevitável. — Ela umedeceu os lábios, e ele sentiu um desejo avassalador de beijá-la, mas precisavam conversar primeiro.

— Faith...

— Espere. — Ela colocou uma pilha de camisas de uniforme dentro da mala. — Preciso te dizer algo antes. Quero que você saiba que não é o que *eu* quero.

Graças a Deus, ele pensou, mas ela continuou falando.

— Se fosse por mim, ficaríamos juntos e veríamos o que pode acontecer. Mas você deixou bem claro que tínhamos uma data de validade e, por eu te amar, vou te dar o que deseja.

Jesus, sua cabeça estava girando. Mesmo que tenha pensado que as coisas entre eles deveriam terminar em algum momento, jamais quis que ela fosse embora tão rápido. Mas, à essa altura, não queria deixá-la ir de jeito nenhum.

— Deixe-me entender direito. Você me ama, mas está indo embora — ele falou, resumindo o que ela disse, o coração batendo com força no peito por causa das palavras que ela disse de forma tão despreocupada. Mas fariam *disso* mais tarde.

Ela piscou.

— Sim. Porque é o que você quer.

— Não. — Ele avançou, fechou a mala e a jogou no chão.

— Jason!

— Você não vai a lugar nenhum. Primeiro, você vai sossegar esse corpo gostoso, deitar e colocar gelo no tornozelo, porque eu posso ver que ele está mais inchado a cada minuto que você fica em pé.

Ela estreitou os olhos para a ordem ríspida, mas funcionou. Ela se sentou e esticou as pernas.

— Pode me dar — ela resmungou e esticou o braço para pegar o gelo.

Ele entregou a bolsa e, com cuidado, ela o colocou pé machucado.

— Meu corpo não é gostoso — ela falou baixinho.

— Tem razão. Não é. Ele é super sexy. Bem, onde estávamos? Ah, sim. Você estava dizendo que ia embora porque acha que é o que eu quero.

Ela franziu o nariz para ele.

— Você disse que queria.

Ele se sentou ao lado dela na cama, se aproximando e forçando-a a se mover e abrir espaço para ele.

— Eu estava errado.

Faith arregalou os olhos.

— É melhor você saborear essas palavras, porque não posso prometer que as ouvirá de novo.

Ela tossiu, obviamente encobrindo uma risada.

— Errado sobre o quê?

Ele se aproximou e segurou o rosto dela.

— Errado ao pensar que se eu terminasse com você as coisas seriam mais fáceis. Hoje, mesmo antes do Colton te pegar, percebi que eu te amava.

Ela arquejou.

— Você me ama?

Ele colocou os dedos sobre os lábios dela.

— Minha vez, lembra?

Ela fez que sim e se apoiou nele.

— Vá em frente.

— Descobri que o que vivemos, dividindo uma casa, passando horas juntos sem querermos nos matar e contando um com o outro foi especial. Era exatamente do que eu estive fugindo a maior parte da minha vida. E só consegui aceitar que o Levi ia querer que eu vivesse minha vida, que eu podia me abrir para o amor, porque encontrei você.

— Você me ama? — ela perguntou, o choque em sua voz era tão sincero que doeu em Jason.

— Sim. E estou vendo que demonstrei de uma forma horrorosa.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Você tem demonstrado todos os dias. Mas você tinha tanta certeza de que não queria as mesmas coisas que eu que preciso saber se estamos em sintonia.

Ele semicerrou os olhos.

— Como assim?

— Eu quero tudo, Jason. Uma casa, filhos, um cachorro, o meu trabalho, o seu trabalho, nós dois chegando em casa um para o outro ao fim do dia. Mas você disse que não quer filhos. E...

— Droga — ele falou, mais para si do que para ela.

— O que foi?

Ele respirou fundo.

— Eu estava errado. De novo. — Para sua surpresa, ele pôde olhar para trás e ver tudo o que a família tinha, e desejou aquilo para si. — Eu também quero tudo. Quero filhos, linda. E uma casa. Até mesmo uma cerca branca, desde que seja com você.

Uma lágrima escorreu dos olhos de Faith, e ele a secou.

— Não quero que você volte a chorar por minha casa.

— É alívio. Quando peguei a mala, pensei mesmo que eu estivesse indo embora. Prometi a mim mesma que não te diria como eu me sentia, que não dificultaria as coisas para você, mas eu não podia ir embora sem que soubesse o quanto eu te amo.

— Você é forte e corajosa... e é minha. — Ele pegou a bolsa de gelo e a colocou na cômoda. — Agora vou fazer amor com você e mostrar como selo um compromisso.

Devagar e com cuidado, ele a despiu, o cabelo molhado era uma auréola dourada ao redor de sua cabeça. Faith o observou com os olhos arregalados enquanto ele se despia para ela, o olhar descansando no pênis grosso e duro.

Jason não perdeu tempo. Deslizou um dedo pelo sexo dela e a encontrou molhada para ele. Posicionou-se em sua entrada.

— Eu só preciso entrar em você. — As preliminares ficariam para outra hora. — Quero te fazer minha.

Ela riu debaixo dele.

— Seu bobo. Eu sempre fui sua — Faith falou e ele começou a deslizar para dentro dela.

As paredes apertadas se contraíram em torno de Jason, e ele gemeu, empurrando ainda mais para dentro, até estarem tão próximos quanto era possível.

E quando ele começou a se mover, entrando e saindo lentamente, sentiu cada deslizar e cada vibração de seu sexo delicioso. Não demoraria muito. Seria o orgasmo mais rápido e mais intenso da vida dele. E a levaria junto.

Gozou no momento em que Faith gritou seu nome e as emoções que o atingiram foram potentes. Porque Jason estava com a mulher que amava e finalmente se permitiu acreditar no para sempre.

Epílogo

OS DARE SABIAM dar festas, Tanner Grayson pensou ao soltar a gravata borboleta, agora que o casamento do seu melhor amigo e sócio, Jason, havia terminado.

Nunca viu tantos *irmãos* em um único lugar. Sendo próximo de Jason desde a faculdade, Tanner foi apresentado a muitas partes da família. Os Dare de Nova York, misturados aos Dare da Flórida. os Dare da Flórida já se misturavam, não importando mais a traição do pai deles. Ao olhar ao redor, ele tinha que admitir que apesar do título de meio-irmão ou meia-irmã ou primos, eles eram muito unidos.

A única unidade que Tanner tinha era com seus melhores amigos e sócios, Jason Dare e Landon Bennet. Desde que o irmão gêmeo de Landon, Levi, morreu em um trote que eles não foram capazes de impedir, Tanner perdeu o pouco de habilidade que tinha de confiar nos outros. E apesar do relacionamento de anos que tinha com os amigos, sempre se sentiu um intruso.

O problemático. Alguém que cresceu com poucos recursos, ao contrário dos amigos que, apesar dos problemas e dramas emocionais, tiveram estabilidade financeira e uma família próxima ao longo da vida. Essa reunião era prova do que faltava a Tanner.

Ao celebrarem o casamento de Faith e Jason, Tanner ficou com Landon, nenhum deles veio acompanhado, ambos felizes por estarem sozinhos.

— Tenho que confessar que nunca pensei que o Jason fosse sossegar — Landon disse, apontando para o amigo, que estava dançando com a esposa.

— Eu também. Mas no minuto em que conheceu a Faith, ele se abriu. — Tanner não queria permitir que ninguém o forçasse a se abrir. Ele podia ser cabeça quente, podia ter um passado difícil, mas sabia quem era e sabia que nenhuma mulher o aceitaria assim.

— Alguns diriam que o amor te muda para a melhor. — Landon deu de ombros e pegou o copo de refrigerante. Nenhum deles bebia muito. Não desde o que aconteceu com Levi.

— E alguns diriam que o amor é um horror. — Tanner riu da própria piada. — Sexo, por outro lado...

Jason se juntou a eles no momento em que Tanner fez a declaração.

— Sério? Foi isso o que você aprendeu comigo e com a Faith?

— Eu aprendi que não se deve resgatar mulheres na rua — Tanner falou ao sorrir para o amigo. Estava feliz por Jason, mesmo que o futuro do homem não fosse algo que quisesse para si. — Parabéns — disse, sério. — Desejo o melhor para você e para a Faith.

— Eu também — Landon falou.

Jason assentiu, agradecido.

— E eu desejo que vocês dois encontrem a mulher certa para preencher o vazio que carregam aí dentro.

— Não vai acontecer — Landon disse.

— Não mesmo. — Tanner tinha os dois amigos e a si mesmo para contar. Não precisava de mais nada. Nem de mais ninguém.

Leia também:

A romantic close-up photograph of a man and a woman. The woman, on the left, has dark, wavy hair and is looking towards the camera with a soft expression. The man, on the right, is shirtless and has his eyes closed, leaning his face towards the woman's. The lighting is warm and intimate, highlighting their profiles. The background is dark and out of focus.

Bookmarks

Só você

KAYLEE RYAN

Autora Bestseller do *The New York Times*

The background of the cover is a romantic photograph of a man and a woman. The woman, with dark, wavy hair, is leaning her head against the man's cheek. The man is shirtless and looking towards the camera with a slight smile. The lighting is soft and warm, creating an intimate atmosphere. The word 'Bookmarks' is written in a white, cursive font in the top right corner.

Bookmarks

Só você

KAYLEE RYAN

Autora Bestseller do *The New York Times*

Capítulo um

berklee

Você já teve um daqueles dias em que se questiona tudo? Sabe, aqueles bem introspectivos em que a gente faz as perguntas que costuma evitar? Estou assim hoje. Fui escolhida. Cheguei ao trabalho às seis, para o turno da manhã, já preparada para a correria de sempre, como era rotina, mas hoje é um dia atípico. Está caindo um pé d'água tão forte que mais parece que a Mãe Natureza está fazendo a cidade de penico. Certo, talvez não tenha sido uma boa metáfora, mas estou morta de tédio, o que nos faz pensar demais. E é nessas ocasiões que *aquelas* perguntas incômodas começam a dar as caras. Não era assim que eu me via no auge dos meus vinte e dois anos. Queria já ter me formado, começado uma carreira. Seguir com a vida, entende? Talvez não casada e com filhos a caminho, mas com um companheiro fixo, com a outra metade que me completaria. Sim, meloso pra caramba, eu sei, mas essa era a garota ingênua de dezesseis anos sonhando com o desconhecido.

Durante a infância e adolescência nunca me faltou nada. Não éramos ricos, mas nos virámos com o que tínhamos. Meus pais me mimaram demais. Sou filha única. Por escolha deles, imagine só. Diziam que filho só dava gastos e queriam conseguir me criar com tudo do bom e do melhor. A verdade é que fui um acidente. Meus pais começaram a namorar na faculdade, e com apenas seis meses de relacionamento, o teste de gravidez de minha mãe deu positivo. Sorte a minha que estavam comprometidos, mesmo se conhecendo há tão pouco tempo, e pelo jeito meus avós, tanto maternos quanto paternos, não ficaram muito animados. Faltava poucas semanas para os meus pais se formarem, então não tinham muito o que falar para os filhos adultos por terem feito aquilo. Meu pai pediu minha mãe em casamento, ela aceitou, e vivemos felizes para sempre.

Sério.

É óbvio que eles discutiam, mas nunca foram dormir brigados. Era uma regra rígida e inegociável em nossa casa, uma a que faziam jus. Nunca nenhum deles dormiu no sofá, nem no quarto de hóspedes, jamais fiquei deitada na cama ouvindo discussões e me perguntando se eles se divorciariam. Me lembro de minha melhor amiga, Maggie, chegar na escola dizendo estar preocupada porque, daquela vez, seus pais se separariam. Eles

brigavam o tempo todo e, poucas semanas após a formatura do ensino médio, se divorciaram. Haviam ficado casados por Maggie, mas, olhando em retrospecto, não sei bem se foi a escolha mais sábia. Eram todos bem infelizes.

Então, veja bem, não tenho muito do que reclamar. Mesmo assim, nesta manhã terrível de segunda-feira, estou sentada no banquinho atrás do balcão da cafeteria onde trabalho apenas observando a chuva torrencial cair do céu. Pondero o que ando fazendo com a minha vida. Concluí o bacharelado em Administração de Empresas e trabalho em uma cafeteria. É bem difícil para recém-formados encontrarem emprego na sua área. As empresas só querem candidatos com experiência, mas como conseguir experiência se ninguém te dá uma chance? Compreende meu dilema? Em vez de fazer bom uso da minha formação, trabalho no turno da manhã em uma cafeteria do bairro.

Antes que eu me deixe devanear em autopiedade, o sino acima da porta soa, e o barulho da chuva trovejante toma conta da loja. Mais que depressa, fico de pé para atender o primeiro cliente do dia, mas, quando pouso os olhos nele, paraliso.

Minha Nossa Senhora de tudo o que há de bom na vida, ele é lindíssimo. Cabelos escuros, mais curtos nas laterais e um pouco compridos no topo, mas não tanto a ponto de lhe tapar os olhos. Seu maxilar acentuado é coberto pela barba por fazer, que é mais sexy que aquele pouquinho que cresce ao final do dia, mas não tão aparente quanto uma barba bem cheia estilo lenhador. Aqueles olhos castanhos claros dele me observam como se eu fosse uma aberração, e somente quando ele dá um sorrisinho presunçoso é que percebo que esse homem muito sexy acabou de me flagrar o secando. Quero morrer de vergonha, e estou, mais ou menos, mas não de verdade. Acredite em mim, se você pudesse ver o que vejo, também se deixaria levar.

— Em que posso ajudar? — digo, por fim.

— Café preto. O maior tamanho que tiver — ele responde e ergue a mão para secar gotas de chuva da testa.

— Está um toró lá fora, né? — Mas que tentativa tosca de puxar papo.

A culpa é toda do sr. Barba Supersexy. Ele é uma distração que fez meu cérebro entrar em curto-circuito.

Ele abre aquele sorrisinho de novo.

— Dá para dizer que está, sim.

Sinto o rosto queimar. É engraçado como não dei a mínima para quando ele me pegou olhando descaradamente, mas no momento em que abro a boca,

e as palavras saem, fico toda envergonhada. Lição aprendida: cobice o homem gostoso, mas não puxe papo.

Me atrapalho, passando ainda mais vergonha. Me concentro no que estou fazendo e encho o copo extragrande até a boca com café fumegante. Com cuidado, encaixo a tampa para, então, me virar para ele.

— Dois dólares — digo, ao deslizar com cuidado o copo pelo balcão.

Ele tira uma nota de cinco da carteira e a passa para mim com delicadeza. Não faço contato visual quando pego o troco na caixa registradora. Assim que levanto a cabeça para entregar o troco, ele já está na porta.

— Senhor! — grito, e aceno com os três dólares. — Seu troco.

— Pode ficar. — E dá uma piscadinha.

Então vai embora, como se fosse fruto da minha imaginação, e não havia ninguém ali que servisse de testemunha de sua existência. Deveria ter tirado uma foto na surdina. Droga! Sempre penso nisso depois do ocorrido. Não que fosse conseguir disfarçar, já que nem a porcaria do copo fui capaz de segurar direito.

A chuva continua a cair lá fora, e o sr. Barba Supersexy foi meu único cliente a manhã inteira. Dou um suspiro profundo, me ajeito no banquinho e pego o celular. Me perco nas redes sociais, olhando o que as pessoas que conheço comeram nas últimas vinte e quatro horas. Minha vida foi resumida a isso.

Capítulo dois

CREW

É impressionante como o dinheiro pode mudar sua vida. Um ano atrás, eu trabalhava em obras, me desgastava o dia inteiro e vivia de salário em salário. Até que eu gostava do trabalho, de ser capaz de construir algo do nada e ver todo o meu progresso. Comecei assim que concluí o ensino médio, já que nunca tive interesse em ir para a faculdade, caramba, nem na *escola* eu gostava de estudar, e estava satisfeito com a escolha tomada. Sabia que nunca seria rico, mas conseguia me sustentar.

A vida era boa.

Mas depois melhorou.

Ao menos depois que o choque inicial passou. A versão resumida da história é que minha avó paterna, que pensei estar morta, não estava. Até que faleceu de verdade. Quando isso aconteceu, ela deixou para mim, o neto que havia rejeitado, sua fortuna.

Dez milhões de dólares.

A princípio, recusei, mas depois de muito conversar com meus pais e meu melhor amigo, Zane, decidi aceitar. A primeira coisa que fiz foi quitar a casa de meus pais. Até tentei lhes comprar uma nova, mas eles discutiram comigo, insistindo que a casa em que moravam era boa o bastante. Minha mãe chorou e disse que todas as nossas memórias estavam lá, e as lágrimas me convenceram. Também comprei um carro para cada um e transferi um milhão para sua conta bancária. Eles ficaram zangados, mas logo superaram.

O próximo passo foi investir, porque queria usar o dinheiro com sabedoria. Continuei trabalhando na construtora e não comentei sobre a herança com mais ninguém. Seis meses depois de investir, tive um rendimento pouco abaixo de um milhão.

— Dormindo no trabalho, é? — Zane diz, ao colocar um balde ao meu lado.

Aponto para o notebook em meu colo.

— Quase isso. Estou pensando em como as coisas mudaram no último ano.

— Verdade. — Ele ergue a mão para mim e, sem deixá-lo esperando, bato na dele.

— Por que você não está trabalhando?

— Tivemos que parar por causa da chuva. Como estão as coisas por aqui? — Zane observa o cômodo.

— Tudo bem. Me encontrei com o empreiteiro hoje de manhã e está tudo dentro do prazo.

— Escolheram o nome? — ele pergunta.

— Sim. — Clico no arquivo na área de trabalho do notebook e o logo aparece. — *Club Titan* — digo, virando a tela para que Zane a veja.

— Gostei! — Ele puxa o computador para si para conseguir ver melhor. — Ficou incrível, cara.

— O designer fez um ótimo trabalho. Na verdade, que bom que você está aqui. Preciso te falar uma coisa.

— O que você precisa? — Zane pergunta, e me devolve o notebook.

Eu o desligo e o coloco de volta na capa protetora.

— Quero que você venha trabalhar para mim. — Ele abra a boca, mas levanto a mão e o interrompo. — Me ouça primeiro. Te conheço a vida inteira, e preciso de pessoas de confiança ao meu lado nessa empreitada. Não importa o quanto tentei esconder a herança, as paredes têm ouvidos. Você pode escolher onde ficar: segurança, bar, administração. Não ligo.

— E precisa de todos esses cargos? — ele pergunta.

Dou de ombros.

— De verdade? Não faço ideia do que preciso nesse momento.

Zane joga a cabeça para trás e ri.

— Conte comigo, irmão. É só dizer o que quer de mim, que eu faço.

— Sério? Então porque não pede demissão logo? Assim você será o primeiro empregado oficial do Club Titan. Podemos conversar sobre os detalhes do seu cargo conforme as coisas se desenrolam.

Zane não pensa duas vezes antes de tirar o celular do bolso, clicar na tela algumas vezes e aproximar o aparelho do ouvido. Consigo ouvir uma voz grave atender do outro lado da linha, e ele anuncia que está pedindo demissão. A voz se eleva, mas não sou capaz de compreender o que diz. Assim que desliga, Zane abre um sorriso enorme.

— E aí?

— O babaca do Marty ficou puto. Disse para eu não me preocupar com as duas semanas de aviso prévio e que vai me enviar o último pagamento.

— Parece que você começa hoje. — Pego a capa do notebook e tiro de lá o bloco de anotações que usei ontem à noite. Rasgo um pedaço do canto superior e anoto o novo salário de Zane. — O valor em que pensei. Mas só do

salário, claro. Estou negociando com uma agência para conseguir os outros benefícios, que logo virão.

— Crew, tem... muitos zeros aqui.

Tento não rir.

— É um salário de seis dígitos. Para você, meu braço direito. Estou contando de verdade com a sua ajuda, então preciso te recompensar muito bem.

Zane me analisa por um tempo. Deve ter percebido que não vou mudar de ideia.

— Tudo bem — ele cede. — Por onde começaremos?

— Pelos funcionários, acho. O lugar estará pronto em duas semanas, ao menos foi o que me disseram. A essa altura, o estabelecimento já deverá estar mobiliado, e a equipe, treinada.

— E você sabe quando vai inaugurar?

Pensei nisso por muito tempo e, depois de conversar com o empreiteiro, me decidi.

— Sim, na semana do Halloween. O dia trinta cai em uma sexta. Espero conseguir fazer uma inauguração tranquila, apenas para convidados, na semana anterior.

— É daqui a dois meses.

— Exato. Mais uma razão pela qual é bom que você comece hoje. Acho que podemos colocar anúncio nos classificados dos jornais da cidade. Talvez espalhar folhetos nos murais da faculdade.

— Certo. Vou cuidar disso.

— Tenho uma reunião na prefeitura para emitir o alvará de licença e funcionamento do bar. E o designer virá aqui às três da tarde. Você também pode atendê-lo.

— Combinado.

Assinto. Não estava brincando quando disse a Zane que ele seria meu braço direito no empreendimento. Tenho um zilhão de coisas para finalizar em pouco tempo se quiser que a inauguração seja na semana do Halloween.

Capítulo três

BERKLEE

A chuva deu uma trégua, mas ainda está melancólico lá fora. Meu turno acaba em dez minutos, e sei que vai demorar uma eternidade para passar. O dia tem sido muito longo; chato e parado, bem, exceto pela visita do sr. Barba Supersexy. Não consigo parar de pensar nele. Nunca o havia visto na cafeteria, mas tenho esperança de que ele se torne um cliente assíduo. Seria o ponto alto de cada turno.

Encaro o relógio na caixa registradora, e espero dar três da tarde. Mais dois minutos. Pego o celular e envio uma mensagem para minha melhor amiga, Maggie, que também mora comigo.

Eu: Está em casa?

Maggie: Aham.

Eu: O Barry também?

Maggie: Aham.

Eu: Querem comida?

Maggie: SIM!

Então ela sabe escrever outra palavra além de “aham”.

Eu: Do Harold's?

Maggie: Sim! O mesmo de sempre para mim e para o B.

Sabia que ela responderia isso. Volto a guardar o celular ao bolso e olho para a caixa registradora bem no momento em que o ponteiro do relógio se move. Três da tarde. Até que enfim! Salto do banquinho, desamarro o avental e, mais que depressa, digito o código no relógio de ponto. Carrie, minha chefe, para de olhar para o livro e assente. Ela está preparando a dissertação de mestrado em não sei qual assunto, então está sempre lendo algum livro. Não que eu me importe, pois ela é uma chefe boa.

Ainda bem que a chuva abrandou o suficiente para que eu não fique encharcada quando saio correndo até meu carro. O Harold's é logo na esquina, mas é claro que não vou andar até lá com esse tempo. Estaciono em

frente, e logo começa a chover torrencialmente de novo. Na esperança de que, se eu esperar, vai diminuir, pego o celular dentro da bolsa e ligo para eles, pedindo o de sempre. O pedido vai ficar pronto em quinze minutos, tempo que passo distraída, navegando nas redes sociais. Mais do mesmo, nada novo e empolgante. Depois, decido conferir o e-mail, torcendo para que tenha uma resposta a alguma das centenas de currículos enviados. Nada, nem mesmo um simples “obrigado pelo interesse”.

Ainda está chovendo muito, mas os quinze minutos se esgotaram. Hora de sair correndo mais uma vez. Mesmo que seja uma caminhada de apenas quatro metros, estou pingando quando entro no restaurante.

— Oi, Berklee. Ainda está chovendo? — Harold pergunta.

Harold e a esposa, Martha, são donos deste lugar há anos. Sempre comi aqui e um dos dois atende ao balcão. Amo esse homem de paixão. Olho para a minha roupa encharcada e depois para Harold, então abro um sorriso enorme.

— Como adivinhou?

Ele ri, e é uma gargalhada que vem do fundo da alma, que só Harold é capaz de dar.

— Eu poderia ter levado até o carro para você, menina — ele responde, logo que consegue controlar o riso.

— Você é um anjo, Harold.

— Berklee, minha querida. Minha nossa, olhe só o seu estado. Vou pegar uma toalha para você — Martha diz.

— Não, não precisa — respondo bem rápido para impedi-la. — Preciso sair debaixo de chuva de novo e minha casa fica a dez minutos daqui. Vou ficar bem.

— Tem certeza, querida? — ela pergunta.

— Absoluta. Agora, me contem novidades. Como vocês estão?

Com muito carinho, Harold passa o braço ao redor dos ombros da esposa e a mantém bem perto de si.

— Passo os dias ao lado dessa lindeza aqui, não tenho motivos para reclamar — ele responde, todo orgulhoso.

Percebo que Martha fica corada. *Corada!* São casados há mais de quarenta anos e ele ainda a faz ficar vermelha. Quero o que eles têm. É pedir muito?

— Ah, pare — Martha diz, retirando a mão do marido dos ombros. — E você? Alguma resposta na busca por emprego?

Como eu disse, sou uma cliente assídua.

— Nada ainda. Um dia, vou ser reconhecida e encontrar alguém disposto a me dar uma chance.

— Sêrio — Martha bufa —, você é uma jovem brilhante e maravilhosa. Como vai conseguir experiência se não te derem uma chance?

Entende por que os amo?

— Os dias de luta são reais — digo, me sentindo derrotada. — Mas vou continuar tentando.

— Posso te arranjar trabalho aqui — Harold diz, pelo que parece ser a décima vez desde que me formei. Sei que fala por bem, mas eles não precisam de mim. Têm um ao outro, e o restaurante é muito bem administrado. Um pequeno negócio familiar que foi capaz de sobreviver ao teste do tempo.

— Vocês não precisam de mim porque fazem parecer que gerir um negócio é super fácil. — Sempre lhes digo a mesma coisa.

— A proposta continua de pé — Harold responde, severo. É seu jeito de deixar bem claro que está falando sêrio.

— Bem, é melhor eu ir. A Maggie e o Barry devem estar morrendo de fome. — Abro um sorriso.

— Como eles estão? Não os vemos com tanta frequência — Martha pergunta.

— Estão bem. O Barry ainda dá aula na Garrison High, e a Maggie está trabalhando como substituta em vários dias da semana na Garrison Elementary. Claro, ajuda o fato de que o pai dela é o superintendente, e a mãe, a diretora.

Martha balança a cabeça.

— A família inteira de professores. Aposto que os pais deles ficam muito orgulhosos de vê-los no mesmo caminho.

E ficam mesmo. Me lembro de que lhes perguntei por que escolheram licenciatura, e eles me responderam que dar aulas os deixava felizes. Os pais sempre conseguiam estar em casa nas férias de verão e nos dias de nevasca, sem exceção. *Por que mexer com o que está bom?*, Barry havia dito. Os dois sempre gostaram do ambiente escolar, resultado de ter pais professores, tenho certeza.

— Ficam, sim — respondo enquanto pego a sacola com o jantar. — Obrigada. Nos vemos em breve. — Depois de me despedir, saio para a chuva. Já estiou agora, mas, ainda assim, é um saco.

Quando já estou no carro, olho para o restaurante e vejo Martha e Harold acenando da janela. Aceno de volta antes de arrancar. Eles são como avós adotivos para mim. Nunca tiveram filhos, mas não por falta de tentativa.

Martha me disse certa vez, que após alguns abortos espontâneos, seu coração não aguentava mais. Eu me lembro daquele dia e da dor visível em seus olhos. Dava para ver o quanto ela queria ser mãe, mas não deu certo para eles. Apesar das dificuldades, ainda estão juntos e mais apaixonados que nunca.

Quando enfim chego em casa, um apartamento de três quartos que divido com Maggie e Barry, a chuva cai com força. Pego a bolsa, enfio o celular no bolso lateral, tiro a chave da ignição e apanho a sacola de comida. Olho ao redor do carro, um Honda Accord que tenho desde os dezesseis anos, apenas para ter certeza de que peguei tudo. Não quero ter que voltar debaixo de chuva só para buscar algum objeto esquecido.

De repente, a porta é aberta, me dando um tremendo susto. Levanto a cabeça e vejo Barry sorrindo e segurando um guarda-chuva enorme. Ele estende a mão para que eu lhe passe a sacola com o jantar, antes de dar um passo para trás e me deixar sair do carro.

— Obrigada — falo bem alto por causa da chuva.

Barry apenas sorri e passa o guarda-chuva para a mesma mão em que segura a sacola. Depois, envolve minha cintura com o outro braço e me puxa para perto, então assim ficamos debaixo do pequeno abrigo que o guarda-chuva nos fornece.

— Caramba, está chovendo muito — Barry diz, ao limpar os pés no capacho assim que entramos em casa.

— Eu sei, e obrigada. Não precisava se molhar todo só para ir me buscar — digo, e logo vejo o sorrisinho sexy se formar em seus lábios, o que me faz repassar o que acabei de dizer. Droga. Sempre dou brecha e, pelo sorriso de Barry, posso afirmar que ele vai tirar proveito disso.

— Essa fala é minha — ele responde por cima do ombro, enquanto carrega o jantar até a cozinha.

Maggie e eu somos melhores amigas desde o jardim de infância. No primeiro dia de aula, nos sentamos lado a lado, e, por ser filha única, era tímida, diferente de Maggie. Ela me perguntou se eu queria ser sua amiga, e eu disse sim. Nos tornamos unha e carne, tanto que até nossos pais são amigos próximos, assim como Barry, irmão dela, e eu. Por isso nós três moramos juntos.

Barry tem vinte e cinco anos, três anos a mais que nós duas. É um solteiro convicto, então morar conosco não é um problema para ele. Para todos os efeitos, é como meu irmão mais velho, sempre cuida de mim e me protege, assim como faz com Maggie.

Ele é lindo. Tem quase um metro e noventa de altura, cabelos e olhos castanho-claros, e corpo definido, resultado da malhação diária. Se não fosse a relação fraterna que temos, conseguiria entender todo o alvoroço por causa dele.

— O cheiro da comida chegou até o meu quarto. Estou morta de fome — Maggie diz, ao entrar na cozinha ao mesmo tempo que eu. — Como foi o dia, amiga? — Ela dá risadinhas.

— Ótimo. — Tento esconder o sorriso, mas falho. — Tedioso pra caramba. Quase não teve movimento.

Pego guardanapos e o ketchup, e Maggie, uma garrafa de água para cada. Barry já está sentado e comendo. Juro que não sei para onde vai tanta comida.

— Que bom que acabou. E você não teve que ficar olhando para a cara de ninguém — ela responde, ao se sentar ao meu lado.

E então me lembro do sr. Barba Supersexy.

— Ah, mas um cara apareceu por lá. Caramba, Mags, ele era lindo.

— Sou toda ouvidos — ela diz, ao enfiar uma batata frita na boca.

Conto aos dois que ele me flagrou enquanto eu o observava, que corei que nem uma garotinha e me atrapalhei toda para falar.

— Tenho certeza de que ele gostou. Sei que eu teria gostado — Barry diz, ao amassar o papel de um cheeseburger, logo pegando o segundo.

— Duvido muito. — Pego o ketchup.

— O que você tem? — Maggie pergunta.

— Eu só... não sei. Não pensei que minha vida fosse ser assim, sabe? Achei que conseguiria meu primeiro emprego de verdade assim que me formasse... Você sabe, onde eu pudesse colocar em prática as coisas que estudei. Sinto que não estou indo a lugar algum.

— Faz o quê? Quatro meses? — Barry pergunta. — Roma não foi erguida em um dia.

— Eu sei. Está sendo um dia péssimo e essa chuva é deprimente.

— Nem me diga. Passei o dia na cama. — Maggie ri.

— Deve ter sido ótimo — Barry retruca.

— Ah, nossa, como se o seu dia tivesse sido dureza. Você chegou em casa às duas e meia hoje. Pensei que fosse treinar depois do trabalho.

— Nada. O treino foi cancelado. Não tem como jogar futebol americano com uma chuva dessa, impossível segurar a bola.

— Um milagre o treinador Brown fazer algo assim — Maggie fala.

— Ele disse que não estava se sentindo muito bem e que não queria que o time ficasse doente. Nosso primeiro jogo é sexta à noite.

— Mal posso esperar. Amo a temporada de futebol — digo.

— Eu também. Você trabalha na sexta, Berklee? — Maggie pergunta.

— Sim, até as cinco da tarde.

— Tenho algumas aulas para dar também, mas devo chegar em casa no máximo às três. Vou preparar algo rápido para que possamos comer antes de ir.

— Combinado.

Barry termina de comer antes mesmo de nós duas começarmos e então se tranca no quarto. Maggie e eu ficamos conversando até terminar, e fazemos o mesmo que Barry. Por que a chuva faz com que se enfiar na cama e tirar um cochilo seja tão gostoso?

[Clique aqui](#) e continue a leitura em e-book (inclusive no Kindle Unlimited) ou [garanta seu exemplar físico](#).

Editora Bookmarks.
Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972
contato@editorabookmarks.com
facebook.com/editorabookmarks
instagram.com/editorabookmarks
twitter.com/editorabookmark